

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Elissa Rafaelle Neves dos Santos

DE PONTO EM PONTO SE FAZ UM CONTO:
reflexões acerca de intervenções grupais com uso de contos ficcionais à luz da
fenomenologia hermenêutica

Recife-PE

2025

Elissa Rafaelle Neves dos Santos

**DE PONTO EM PONTO SE FAZ UM CONTO:
reflexões acerca de intervenções grupais com uso de contos ficcionais à luz
da fenomenologia hermenêutica**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco como requisito para a obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Danielle de Fátima da Cunha Cavalcante de Siqueira Leite.

RECIFE-PE

2025

S237d

Santos, Elissa Rafaelle Neves dos.

De ponto em ponto se faz um conto : reflexões acerca de intervenções grupais com uso de contos ficcionais à luz da fenomenologia hermenêutica / Elissa Rafaelle Neves dos Santos, 2025.

130 f.

Orientador(a): Danielle de Fátima da C.C. S. Leite.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica. Mestrado em Psicologia Clínica, 2025.

1. Psicologia clínica. 2. Psicoterapia de grupo.
3. Crime sexual. 4. Psicologia fenomenológica.
5. Hermenêutica. 6. Arte - Psicologia. I. Título.

CDU 159.9

Luciana Vidal - CRB-4/1338


Elissa Rafaelle Neves dos Santos

**De ponto em ponto se faz um conto:
reflexões acerca de intervenções grupais com uso de contos ficcionais à luz
da fenomenologia hermenêutica**

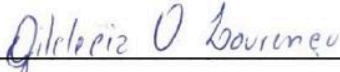
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco como requisito para a obtenção do título de mestre.

Recife, 08 de abril de 2025.


Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **DARLINDO FERREIRA DE LIMA**
Data: 16/07/2025 14:58:05-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Darlindo Ferreira de Lima



Prof.^a Dr.^a Gilclécia Oliveira Lourenço

Documento assinado digitalmente
 **DANIELLE DE FATIMA DA CUNHA CAVALCANTI D**
Data: 16/07/2025 14:14:20-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Danielle de Fátima da Cunha Cavalcanti de Siqueira Leite

Recife-PE

2025

Dedico este trabalho a Castiel e à Naninha (*in memoriam*), que se mantêm vivos nas narrativas compartilhadas. Assim como a Pedro e a todas as adolescentes, pelos desafios e pelas alegrias trazidas à minha existência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os envolvidos, direta ou indiretamente, em todo o meu processo de formação profissional e acadêmica. Todos vocês foram essenciais para o meu caminhar, e não há, a meu ver, teia de relações melhor do que essa que vocês me proporcionaram. Agradeço imensamente.

Agradeço a minha mãe, por todo o apoio, confiança e sacrifícios para conseguir me trazer até aqui.

Agradeço ao meu sobrinho, Pedro, que, mesmo ainda muito jovem, me ensinou a olhar a vida com os olhos da novidade, a se aventurar nas pequenas coisas e a sorrir e gargalhar com coisas simples. Se hoje sou mais feliz, é por causa de você, neném.

Agradeço profundamente às minhas queridas Mariana Rodrigues e Gilclécia Lourenço, por insistirem em me tirar da minha zona de conforto e acreditar que eu poderia, sim, conseguir muito mais do que estava acostumada. Se em algum momento pensei em desistir, vocês me mostraram outras possibilidades, e sou imensamente grata por isso.

Aos professores que estiveram comigo nessa longa jornada (que começou lá na graduação), em especial Ricardo Delgado e Marisa Sampaio. Ricardo se fez presente em momentos conturbados, segurando minha mão quando precisei, não me permitindo desistir. E Marisa foi a luz que eu nem sabia precisar durante o mestrado, se mostrando sempre aberta, acolhedora e cuidadosa com todos nós. Estar com vocês foi maravilhoso, obrigada.

Agradeço também à Simone Walckoff, por chegar com seu jeitinho único e cultivar em mim a curiosidade e vontade de pesquisar, assim como me apresentou o pensamento de Arendt, iniciando, talvez, uma ação que perpetua até hoje. Teu espírito livre é inspirador, Simone. Obrigada.

Agradeço aos meus amigos antigos, Gabriela Virgínia e Higor Paolo, que conheceram tantas versões de mim e, mesmo em meus momentos mais sombrios, permaneceram ao meu lado, mesmo que quase 200 km de distância nos separassem. Carregarei vocês para sempre em minha história, muito obrigada.

Agradeço imensamente a todas as adolescentes que participaram do projeto que foi ponto de partida para essa dissertação. Aprendi e cresci muito com todas

vocês e fui marcada profundamente por tudo que testemunhei. Sei que o tempo vai passar e as lembranças podem ficar enevoadas, mas o afeto permanecerá. Vocês podem muito, meninas. Muito obrigada.

Aos queridos Dario e Marina que, mesmo sobrecarregados, sempre distribuíam abraços e cuidados, atentos a todos nós, desde as adolescentes até os alunos participantes do projeto. Saber que poderíamos sempre contar com vocês era um acalento gigante diante de tanto desamparo que víamos. Muito obrigada pela oportunidade e pela companhia, vocês são incríveis.

Aos meus colegas e amigos de projeto, por me acompanharem durante esses dois anos e me ensinarem tanto ao longo dos meses. Principalmente no nosso último ano, onde pude, finalmente, compreender que não precisaria ser sempre a que cuidava de todos e que poderia, sim, ser cuidada também. Vocês são um achado raro nessa vida corrida e espero poder continuar acompanhando a jornada de vocês, assim como vocês já fazem parte da minha. Obrigada.

Agradeço especialmente a duas grandes amigas que fiz nesse projeto: Clara Loureiro e Anna Beatriz Vilaça. Clara carrega em seu nome a luz que perpassa toda a sua existência, clareando os nossos caminhos. Você foi de uma importância inexplicável nessa minha jornada, acreditando e confiando em mim quando nem eu conseguia isso. Obrigada, querida. E Anna sempre foi aquela com as verdades mais duras, porém, necessárias. Te ouvir em meio às minhas confusões fazia com que as tempestades abrandassem e eu pudesse, enfim, respirar. Muito obrigada.

As queridíssimas Carlinha e Ceça, da clínica-escola da UNICAP. Por todos os abraços apertados e as palavras de conforto. Vocês sempre torceram por mim e sou muito grata por isso. Vocês são maravilhosas, jamais se esqueçam disso.

A todos que passaram pela Liga de Fenomenologia, principalmente ao meu amigo e colega de profissão Paulo Santos, que se fez presente e atento nessa nova trajetória; e a todos que estiveram comigo nos nossos grupos de estudos. Se em algum momento eu quis desistir (o que aconteceu algumas vezes), vocês me motivaram a continuar. Muito obrigada por me acolherem, me ouvirem e se fazerem presentes.

Agradeço profundamente aos membros do Escambaclub. Aos novos integrantes, obrigada por ajudar a ocupar esse espaço tão importante e rico; e aos antigos, muito obrigada por me acolherem em um momento tão crítico para todos. Onde o isolamento fez-se necessário, vocês me abraçaram à distância. Obrigada,

queridos. Um muito obrigada mais que especial para Wilson Júnior, Moacir Fio e GabiOZ. Diante da falta de sentido que ameaçava a minha existência, vocês abriram diversos caminhos e me permitiram continuar. Vocês não têm noção da importância que tiveram na minha trajetória pessoal, profissional e acadêmica. Agradecer é o mínimo diante de tudo o que fizeram. Mais uma vez, obrigada.

E por último, mas jamais menos importante, a professora Danielle Siqueira Leite (vulgo Dani). Honestamente, nem sei como posso te agradecer. Você se ocupou e se preocupou comigo durante toda a minha caminhada, dentro e fora da academia. Se dispôs a me ouvir e me apresentou novas possibilidades diante dessa existência que, por vezes, parecia não valer a pena. Muito, muito, *muito obrigada* por continuar persistindo e acreditando em mim. Espero poder continuar caminhando contigo.

“O que fazemos na vida, ecoa na eternidade.”

(Filme “Gladiador”, 2000)

Santos, Elissa Rafaelle Neves dos. **De ponto em ponto se faz um conto: reflexões acerca de intervenções grupais com uso de contos ficcionais à luz da fenomenologia hermenêutica.** 2025. 130 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de Pós-Graduação, Universidade Católica de Pernambuco. Recife, PE.

RESUMO

A violência sexual infanto-juvenil ainda ocorre em quantidades alarmantes, apesar de não ser comumente abordada. Diante disso, o fazer clínico psicológico carece de mais reflexões a respeito desse público, a fim de melhor acolhê-lo e compreendê-lo. Tais reflexões podem ser suscitadas de maneiras distintas, usando de recursos expressivos e levando em consideração a arte como acontecimento — principalmente no que tange uma intervenção grupal. Em consonância a isso, foi pensado em como estar junto aos grupos utilizando de contos ficcionais para ampliar as possíveis discussões, tendo como foco principal a experiência clínica junto a esse público. Assim, buscou-se compreender a minha experiência como psicóloga clínica junto a adolescentes vítimas de violência sexual, através de intervenções grupais nas quais fiz uso de contos ficcionais como possibilidade de recurso terapêutico. Para tanto, me direcionei a descrever a experiência clínica junto a grupos terapêuticos com adolescentes em situação de risco ou exploração sexual na Região Metropolitana do Recife; então, discuti o contexto da violência sexual infanto-juvenil e possíveis desdobramentos existenciais para adolescentes que dele são vítimas; assim como problematizei o próprio contexto da prática psicológica em grupo a luz de um diálogo com a fenomenologia hermenêutica; e, por fim, refleti sobre a possibilidade de uso de contos literários enquanto recursos terapêuticos que pode contribuir para a construção de narrativas e sentidos próprias àqueles que participam do grupo. Nessa direção, pautei-me nas escritas de diário de bordo junto às intervenções e contos lidos em grupo, ancorando-me no pensamento de autores como Martin Heidegger, Hannah Arendt e Walter Benjamin, que perpassam todo o trabalho em busca de fomentar as discussões propostas. Concluiu-se, então, a possibilidade de os contos se mostrarem como abertura para tecitura de novos sentidos em conjunto diante das violências sofridas.

Palavras-chave: Violência sexual; Clínica; Fenomenologia hermenêutica; Intervenções Grupais; Arte.

ABSTRACT

Sexual violence against children and adolescents still occurs in alarming numbers, despite not being commonly addressed. In view of this, clinical psychology needs to reflect more on this issue in order to better welcome and understand it. These reflections can be triggered in different ways, using expressive resources and taking art into account as an event — especially when it comes to group intervention. In line with this, we thought about how to be with the groups using fictional tales to broaden possible discussions, with the main focus being the clinical experience with this audience. The aim was to understand my experience as a clinical psychologist with adolescent victims of sexual violence, through group interventions in which I used fictional tales as a therapeutic resource. To this end, I set out to describe my clinical experience in therapeutic groups with adolescents at risk of sexual exploitation in the Metropolitan Region of Recife; I then discussed the context of child and adolescent sexual violence and the possible existential consequences for adolescents who are victims; I also problematized the very context of group psychological practice in the light of a dialogue with hermeneutic phenomenology; and finally, I reflected on the possibility of using literary stories as therapeutic resources that can contribute to the construction of narratives and meanings for those who take part in the group. With this in mind, I based my work on logbook entries alongside the interventions and short stories read in the group, anchoring myself in the thinking of authors such as Martin Heidegger, Hannah Arendt and Walter Benjamin, who permeate the entire work in an attempt to foster the proposed discussions. The conclusion was that the short stories could open up new meanings together in the face of the violence suffered.

Keywords: Sexual violence; Clinic; Hermeneutic phenomenology; Group interventions; Art.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 MEU CAMINHO METÓDICO: O TRILHAR DE UMA PESQUISA	20
2.1 Os encontros grupais: breve descrição das intervenções	20
2.2 O caminho da pesquisa	24
3 UM CONTO, FINS INFINITOS: A EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÕES GRUPAIS USANDO DE CONTOS FICCIONAIS JUNTO A ADOLESCENTES	28
3.1 “Verônica e a esperança” e “Gaiola de sangue”	28
3.2 “Gaiola de sangue” e “A luta”	38
3.3 “A menina que chorou um rio”	43
3.4 “O Bicho”	47
4 VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTO-JUVENIL E POSSÍVEIS DESDOBRAMENTOS EXISTENCIAIS: ALGUMAS REFLEXÕES NECESSÁRIAS	51
4.1 Violência sexual contra crianças e adolescentes	55
4.2 Questões de gênero e suas implicações	60
4.3 Violência sexual intra e extrafamiliar	63
5 INTERVENÇÕES GRUPAIS À LUZ DA FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA: TECENDO COMPREENSÕES POSSÍVEIS	67
5.1 O fazer clínico da psicologia e a clínica ancorada na fenomenologia existencial	67
5.2 A importância da <i>narrativa</i> e da <i>experiência</i> no fazer clínico	71
5.3 Possíveis encontros entre arte e clínica e seus desdobramentos	74
5.4 Compreensões sobre intervenções grupais à luz da fenomenologia	82
6 LENDO, RELENDO E TECENDO: CONTOS FICCIONAIS COMO POSSIBILIDADE DE RECURSO NO PROCESSO TERAPÊUTICO EM GRUPO	88
6.1 A arte como acontecimento e a arte factual: tecendo compreensões possíveis	88
6.2 Compreensões a respeito da literatura e da ficção	90

	12
6.3 O horizonte de quem lê e suas possíveis afetações	92
6.4 Os contos ficcionais e suas possíveis desdobramentos existenciais	95
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	106
ANEXO A - Verônica e a esperança, de Eiryeen Leite, 2020	111
ANEXO B - Gaiola de sangue, de Juliana Cunha, 2021	116
ANEXO C - A luta, de Nilo Nobre, 2021	119
ANEXO D - A menina que chorou um rio, Rogeane Oliveira, 2021	122
ANEXO E - O Bicho, de Elissa R. Neves, 2021	125

1 INTRODUÇÃO

A violência sexual contra crianças e adolescentes, além de um crime contra a integridade e dignidade de nossos jovens, tornou-se também um problema de saúde pública. Para compreendê-la, é necessário nos debruçarmos sobre seu caráter plurívoco e nos atentarmos às singularidades de cada situação (Brasil, 2024). Diante disso, a importância de meios de proteger e acolher nossas crianças é vigente, uma vez que ainda nos encontramos em uma sociedade onde o corpo da criança e do adolescente é encarado como algo passível de decisões dos adultos, instaurando uma visão adultocêntrica sobre essa população (Ferraz; Veloso; Cabral, 2021).

Entre os anos de 2015 e 2021, “foram notificados 202.948 casos de violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, sendo 83.571 (41,2%) em crianças e 119.377 (58,8%) em adolescentes” (Brasil, 2024, p. 03). Isso sem contar todos os casos de subnotificação. Quanto ao perfil etário, meninas e meninos pretos ou pardos com faixa etária entre 5 e 9 anos foram os mais afetados. Já quanto aos adolescentes, as vítimas se tratavam, em sua maioria, de meninas pretas/pardas com idade entre 10 e 14 anos (Brasil, 2024). Tais dados levantam questionamentos a respeito dos atravessamentos entre racialidade e violência, levando em consideração que, comumente, pessoas pretas e pardas são subalternizadas socialmente.

Diante de tal contexto, projetos que combatam situações de exploração desses jovens ganham ainda mais relevância frente às violências sofridas. Nesse sentido, o projeto Clínica Interdisciplinar e Laboratórios Humanitários de Combate à Exploração Sexual, do qual fiz parte, torna-se um importante marco diante de tal cenário. Ele visou, portanto, acolher, proteger, educar e formar adolescentes de 12 a 17 anos, vítimas ou em situação de risco de ESCCA¹. Tal projeto tem como financiador a fundação estadunidense *Freedom Fund*, que tem como objetivo “[...] acabar com a escravidão moderna, trabalhando na linha de frente com organizações e comunidades onde a exploração e o tráfico [de pessoas] prevalece em altos níveis”² (Freedom Fund, s.d., n.p., tradução nossa).

¹ ESCCA: Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes.

² “[...] to end modern slavery, working with frontline organisations and communities where exploitation and trafficking are highly prevalent” (Freedom Fund, s.d., n.p.).

O projeto permaneceu em vigor de março de 2023 a dezembro de 2024, numa parceria entre o Instituto Aliança — que oferece formações para adolescentes que desejam ingressar no mercado de trabalho — e a Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Na UNICAP, contou com diversos cursos divididos em 5 laboratórios — Saúde, Inovação, Comunicação, Cidadania e Direito e Políticas Públicas — que propuseram diferentes atividades junto aos grupos de adolescentes acompanhados em cada semestre. Destaco aqui o grupo de psicologia, que realizou algumas intervenções: escuta inicial, no momento em que as adolescentes chegaram a UNICAP, a fim de conhecer um pouco a história delas; as intervenções grupais; o plantão psicológico; e o acompanhamento individual de algumas das adolescentes que demandaram por esse espaço.

A escuta inicial consistiu em um momento realizado individualmente com as adolescentes que faziam parte dos grupos de cada semestre, que participavam das atividades desenvolvidas pelos 5 laboratórios. Esse momento destinava-se a receptividade, acolhimento e uma primeira aproximação com as adolescentes e dessas com a própria UNICAP, de modo que suas histórias pudessem ser minimamente conhecidas pelo grupo, principalmente, o da psicologia. A partir dessa primeira aproximação, era pensado junto com as meninas as possibilidades de atendimentos direcionadas a cada uma delas, se já se mostrava ou não a necessidade de um acompanhamento individual, assim como ajuda a planejar os primeiros encontros grupais. Era também uma possibilidade delas começarem a se familiarizar com os integrantes do laboratório de psicologia.

Nessa escuta inicial, procuramos deixá-las à vontade para falar do que quisessem, inclusive do que as levou até ali. Ao final desse encontro era apresentada a possibilidade do acompanhamento individual para aquelas que já revelavam uma certa demanda por esse espaço, assim como era ofertado a possibilidade do plantão a qualquer momento durante o semestre; além de explicarmos rapidamente como as intervenções de psicologia iriam funcionar, inclusive, as intervenções grupais. Esse primeiro momento foi crucial para abrir a possibilidade de estabelecimento de uma aproximação e afinação entre as adolescentes e a nossa equipe de psicologia; principalmente, os discentes da graduação e da pós-graduação. Aqui já me chamava a atenção a importância de atentarmos-nos para as dificuldades e desconfiança que a maioria apresentava em

poder narrar suas histórias, muito devido a experiências com relações anteriores, de modo geral.

Já as intervenções grupais ocorriam uma vez por semana, com grupos pré-selecionados, onde os temas e os materiais utilizados eram pensados a partir das demandas trazidas pelas próprias adolescentes — contudo, neste trabalho abordarei especificamente o uso de contos de ficção junto a essas adolescentes. A construção de caminhos possíveis e o desvelar de sentidos era algo constante, dentro e fora do grupo interventivo. Mostrou-se, assim, como um espaço de diálogo e encontro, entre as participantes e os mediadores, possibilitando os mais diversos atravessamentos.

Em relação ao plantão psicológico, podemos caracterizá-lo como uma escuta oportuna daquilo que urge. Oportuno aqui como “[...] uma abertura da temporalidade radical do existir humano como cuidado no sofrimento” (Morato; Milanesi, 2022, p. 163-164). Assim, é possível compreendermos o plantão como um acontecimento. É a necessidade de desacelerarmos a fim de refletir sobre o que nos acontece, para então lidarmos com isso. Portanto, trabalhamos com o viger do momento, nos abrindo a imprevisibilidade que perpassa as nossas vidas (*ibid.*). É um momento com início, meio e fim, onde, ainda que o paciente retorne, a escuta não se dará da mesma maneira.

No decorrer do projeto, se fez necessário também abrir espaço para o acompanhamento psicoterapêutico. Tal acompanhamento geralmente dava-se início ainda no decorrer do semestre, mas podendo se prolongar para além dele — como ocorreu em muitas das situações acompanhadas. Esse processo terapêutico, aqui, é compreendida como

[...] “pró-cura”, isto é, “terapia é para cuidar”; em latim, cura tem o significado de cuidar. [...]

No caso da terapia, aquilo que se procura não é algo que vai acontecer lá no final do processo, mas algo que se dá, passo a passo, através do modo como ela se realiza. Esse “modo” constitui o próprio acesso ao “o quê” se procura (Pompéia; Sapienza, 2004, p. 156).

Diante disso, nosso intuito era caminhar junto às adolescentes, construindo o caminho à medida que caminhávamos, levando em consideração a imprevisibilidade da vida e o fato de que não sabíamos onde aquilo poderia acabar. Assim, o medo e a esperança conviviam lado a lado nessa jornada.

A partir do exposto aqui, cabe falar das motivações que me levaram a pesquisar sobre este tema. Apesar de testemunhar de perto fenômenos de violências contra a mulher, não pensei, num primeiro momento, em pesquisar a respeito disso até ser convocada para tal. Diante do convite para participar do projeto apresentado aqui, mergulhei de cabeça no tema a fim de compreender melhor os pormenores do fenômeno. No entanto, cabe dizer que nenhuma teoria jamais alcançará completamente o fenômeno. Pois, o que experienciamos não cabe em descrições e explicações, muito menos se encerra em premissas teóricas-explicativas. Podemos até decair no relato, mas o narrar sempre será muito mais potente do que qualquer informação que possamos passar sobre o próprio fenômeno.

Aqui, quando falo de narrativa, quero dizer desse movimento de tecitura de algo que não se esgota nem se finda. É esse movimento de construir, desconstruir e reconstruir sentidos para a nossa existência, que está sempre se projetando. Contudo, muitas vezes precisamos organizar nossas experiências, costurá-las num fio de sentido a fim de lidar com o que nos acometeu (Critelli, 2012). Então, diversos modos de tecitura se mostram, e, para mim, um deles é o conto de ficção.

Meu percurso na literatura de ficção começou ainda cedo, aos 10 anos de idade. Escrevia para imaginar outros modos de existir que não aquele que vivia, a fim de tornar tudo um pouco melhor. Mergulhei nesse oceano de possibilidades e emergi poucas vezes, pois a existência — ainda que eu não quisesse — clamava por mim. Entrei no curso de psicologia aos 17 anos de idade, logo após terminar o ensino médio. Mesmo beirando a desistência, permaneci até o final e me formei aos 23 anos. Durante todo o percurso, não deixei de escrever. Arrisco dizer que o fiz ainda mais. E, nessa escrita, em muitos momentos, encontrei sentido possíveis para lidar com as adversidades que se apresentavam nesse caminhar.

Em algum momento durante a graduação, pensei a respeito de unir a literatura de ficção e a psicologia, mas não sabia como. Vi no mestrado a possibilidade de fazer isso e coloquei em prática. Assim começou a aparecer o meu projeto de pesquisa. Diante disso, aqui não me apresento como uma escritora que cursou psicologia nem uma psicóloga que escreve ficção. Apresento-me como uma escritora-psicóloga e uma psicóloga-escritora. Tais modos de existir se tangenciam a todo momento em minha própria existência, de modo que, para mim, não há uma possibilidade desprovida da outra.

Portanto, como problema de pesquisa, fui convocada a buscar maneiras outras de fazer clínica que não estivesse, necessariamente, ligada ao *setting* clínico “tradicional” e a psicoterapia individual. Diante disso, com a possibilidade de estar junto aos grupos, pensei na oportunidade de fazer isso abordando questões existenciais a partir da literatura ficcional. Caminho que — ao longo dos quase dois anos de projeto e com os diversos grupos de adolescentes que por ele passaram — mostrou-se muito frutífero para o desvelamento de sentidos possíveis diante da dimensão trágica própria do existir.

Por questões que escapam à explicação, o paciente pode demonstrar dificuldade de narrar o que lhe aconteceu ou como se compreende diante do ocorrido, apropriando-se da sua experiência. À vista disso, cabe a nós — psicólogos —, juntos com aquele que nos aproximamos, atentarmos para a possibilidade da tessitura do narrar sobre a nossa experiência, de modo a nos apropriar dela e assim coconstruir caminhos e sentidos possíveis, sem a obrigatoriedade de explicarmos e descrevermos o fato. Neste ponto, a arte pode se mostrar como um subterfúgio, um modo outro de desvelamento de sentido — e destaco aqui, principalmente, o poder da literatura e das diversas compreensões a respeito do que um texto pode nos contar.

Todo e qualquer texto, inclusive o de cunho ficcional, carrega em si as diversas possibilidades de compreendê-lo, independentemente do fato narrado ali (Lopes; Barbosa Jr.; Martins, 2022). Isso se dá pelo fato de que cada leitor compreende a leitura a partir de seu horizonte existencial, levando em consideração a maneira como compreende a si e ao mundo, pois o experienciou de maneira única (Freire, 2008). Assim, a ficção pode ser mais uma forma de irmos de encontro ao que nos incomoda, abrindo possibilidade de narrarmos sobre isso e darmos outros sentidos ao que nos aconteceu, permitindo que nos encaminhe de outra forma.

No entanto, vale ressaltar que, levando em consideração os pressupostos heideggerianos, o ser humano não pode ser compreendido como um ser apartado do mundo nem das outras pessoas, uma vez que ser humano e mundo são cooriginários (Heidegger, 2005). Estamos em constante relação com o mundo e com os outros que são parte dele. Compreendermo-nos como seres que estão, de algum modo, conectados uns aos outros, também nos possibilita criarmos teias de relações (Arendt, 2020), abrindo espaço para a construção de redes de apoio e clarificarmos o próprio sentimento de pertencimento ou não. Nem sempre nos damos contas

dessas teias e/ou dessas redes, mas existem ações clínicas que nos permite escancarar esses modos de ser que estão atrelados a outras existências, e um deles é as intervenções grupais.

Frente ao que foi até aqui apresentado, na pesquisa realizada que dá origem a essa dissertação, busquei compreender a minha experiência como psicóloga clínica junto a adolescentes vítimas de violência sexual, através de intervenções grupais nas quais fiz uso de contos ficcionais como possibilidade de recurso terapêutico. Tal experiência deu-se no projeto citado, no qual estive como supervisora de campo, além de psicóloga e mediadora. Na direção de alcançar o objetivo proposto, fez-se necessário: descrever a experiência clínica junto a grupos terapêuticos com adolescentes em situação de risco ou exploração sexual na Região Metropolitana do Recife; discutir o contexto da violência sexual infantil-juvenil e possíveis desdobramentos existenciais para adolescentes que dele são vítimas; problematizar o próprio contexto da prática psicológica em grupo a luz de um diálogo com a fenomenologia hermenêutica; e refletir sobre a possibilidade de uso de contos ficcionais enquanto recurso terapêutico que pode contribuir para a construção de narrativas e sentidos próprias aqueles que participam da intervenção grupal.

Para tanto, ancorei-me nos pressupostos da fenomenologia hermenêutica, com destaque para autores como Martin Heidegger e Hannah Arendt. Ao assumir os apontamentos de uma pesquisa fenomenológica, a presente dissertação encontra-se articulada da seguinte forma: num primeiro momento, apresento o meu caminho de pesquisa no capítulo intitulado *Meu Caminho Metódico*, já lançando-me numa descrição da experiência vivida no projeto, no grupo de psicologia, junto às adolescentes acompanhadas nesses quase dois anos do projeto. Após essa descrição, construí mais quatro capítulos, onde busquei tecer compreensões que mostrem os atravessamentos entre teoria e prática, tendo a experiência como fio condutor. Nessa direção, surge o capítulo *Um conto, fins infinitos: a experiência de intervenções grupais usando de contos ficcionais junto a adolescentes*, no qual narro e reflito sobre a minha experiência como psicóloga clínica junto dos grupos terapêuticos acompanhado ao longo do projeto. Foco, aqui, principalmente, em algumas das experiências do grupo no qual fizemos uso de contos ficcionais como recurso para a deflagração das narrativas e do próprio encontro grupal.

No capítulo seguinte, intitulado *Violência sexual infanto-juvenil e possíveis desdobramentos existenciais: alguma reflexões necessárias*, teço compreensões a

respeito do que seria a violência. Problematizo questões relacionadas a violência sexual infanto-juvenil e seus pormenores, ressaltando, inclusive, a questão do abuso e da exploração sexual. Contextos existenciais que perpassam a existência de quase, senão todas, as adolescentes acolhidas no projeto, mesmo as que não foram vítimas da violência sexual, tem suas histórias marcadas por situações de muita violência.

No capítulo de título *Intervenções grupais à luz da fenomenologia hermenêutica: tecendo compreensões possíveis*, abordei alguns temas que perpassam o fazer clínico em grupo e como compreendo essa modalidade de ação clínica. Já no capítulo *Lendo, relendo e tecendo: contos literários como possibilidade de recurso no processo terapêutico em grupo*, busquei discutir os possíveis atravessamentos entre o recurso do conto de ficção e as intervenções grupais, a fim de jogar luz sobre esta possibilidade de ação clínica. Em ambos os capítulos, a partir da experiência e do diálogo com autores que trabalham tais questões, busquei, de algum modo, desvelar horizontes compreensivos acerca do trabalho em grupo e da possibilidade de uso dos contos ficcionais nas intervenções grupais.

O caminho, então, percorrido possibilitou, por fim, tecer compreensões a respeito do meu lugar de psicóloga e do difícil local de cuidado que comumente ocupamos. Fez-me perceber também a importância de estar junto a outros. Outros esses que vinham de uma realidade totalmente diferente da minha e que me convocaram a pensar modos outros de estar com elas, fazendo-me, inclusive, me deparar com meus próprios limites. Permitiu-me compreender que estar em grupo e narrar sobre as violências sofridas abre espaço para a elaboração de outros sentidos, uma vez que possibilita o compartilhamento de histórias, ao mesmo tempo semelhantes e radicalmente diferentes, possibilitando a elas, muitas vezes, se encaminharem por caminhos até então não-possíveis. O uso dos contos ficcionais, mostrou-se como uma possibilidade de se aproximarem de suas histórias a partir de enredos e narrativas contadas por outros. A partir disso, podemos compreender que o conto não se fecha no seu último ponto final, mas pode se mostrar como ponto de partida para o desconhecido e, nesse sentido, abre-se para novos contos.

2 MEU CAMINHO METÓDICO: O TRILHAR DE UMA PESQUISA

O capítulo em questão abordará o caminho metódico da pesquisa que resultou na construção desta dissertação. Para tanto, divido o capítulo em dois momentos: No primeiro, além de justificar a importância de pesquisa dessa natureza, volto-me para uma breve descrição, em especial das intervenções ocorridas no laboratório de psicologia, focando nos encontros grupais que fizeram uso dos recursos da literatura ficcional, que constituiu-se como campo fenomenológico deste trabalho. Já no segundo momento, após essa descrição, passo a apresentar algumas questões relacionadas à pesquisa fenomenológica, aos meus pressupostos e sobre o meu caminhar na escrita e elaboração desta dissertação.

2.1 Os encontros grupais: breve descrição das intervenções

Os números de violência sexual contra crianças e adolescentes tem aumentado com o passar dos anos, o que nos convoca a ficarmos alerta a fim de combater esse mal que se alastra cada vez mais (Brasil, 2024). O silenciamento de crianças e jovens frente a essa violência pode ocorrer por fatores variados, mas um dos mais comuns é o fato de a violência sexual ainda ser considerada um tabu, o que dificulta ainda mais na prevenção e no combate. Isto posto, torna-se imprescindível nos debruçarmos sobre questões como essa, que causa incômodo ao falarmos, mas que também nos convoca a pensarmos como podemos prevenir, caso seja possível, ou nos atentarmos a quem nos chega com tais histórias, para que possamos acolhê-las de uma forma que faça sentido para quem busca acolhimento.

Partindo de tais questões, mostra-se a urgência de pensarmos modos outros de ação clínica que possam contemplar e abrir espaço para que as narrativas de violência sexual se deem. A clínica psicológica com base nos pressupostos da fenomenologia hermenêutica se mostra, então, um espaço que permite o desvelar dos fenômenos no momento que o paciente sentir que deve (Dutra, 2004), convocando dos psicólogos a necessidade de aguardar.

Frente a realidade do projeto — já descrito na introdução — e das demandas advindas deste, as intervenções grupais mostraram-se como possibilidade frutífera para o atendimento das adolescentes. Nessa direção, torna-se indispensável

descrever o funcionamento dos grupos interventivos realizados no projeto mencionado outrora, pelo laboratório de psicologia.

Durante os quase dois anos de projeto, atendemos em torno de 120 meninas, entre meninas cis e trans, sendo uma média de 30 adolescentes por semestre. A cada semestre, as 30 adolescentes eram divididas em grupos menores, ficando por volta de 10 meninas em cada intervenção grupal. Contávamos com uma média de 2 a 3 mediadores — estudantes de psicologia e psicólogos — por intervenção, a depender da quantidade de adolescentes.

O início das intervenções se dava de maneira parecida em todos os grupos. Trabalhamos com músicas e/ou colagens, no intuito de conhecer um pouco cada menina, assim como o movimento do grupo e suas expectativas para com o projeto. No decorrer dos encontros e com a nossa aproximação, começamos a definir quais recursos faziam mais sentido para cada grupo. Diante desse contexto, mostrou-se a possibilidade de usar os contos de ficção como recurso terapêutico.

A partir da escuta inicial, elencamos alguns temas que perpassavam a existência da maioria das adolescentes, como violência contra a mulher, conflitos nas relações, desconfiança etc. Então, eu realizava a seleção de contos possíveis de serem lidos a partir de uma lista pré-estabelecida³ — que foi montada no início do projeto, em março de 2023. Após a seleção de contos que abordasse a demanda escolhida para trabalhar com o grupo, os contos iam para votação, onde a equipe de psicologia os lia e votavam no que fazia mais sentido com a proposta. Depois, imprimimos os contos e levamos para trabalhá-los com as adolescentes.

No início de cada grupo, os mediadores as recepcionaram e buscaram saber como elas estavam e como havia sido a semana. Não era raro que, já nesse início, relatos de violência na comunidade ou entre elas surgissem como um modo de compartilhar as experiências vividas. Então, apresentamos a proposta e, a depender da recepção delas, iniciamos a leitura do conto escolhido para aquele dia/grupo. Por vezes, algumas delas se voluntariaram para fazer a leitura, mas, na maior parte dos

³ Para a elaboração de tal lista, tive acesso a conteúdos publicados e não-publicados da comunidade literária da qual faço parte — Escambau Coletivo Editorial. Tal comunidade é composta por escritores independentes de todo o Brasil, que tem a decolonialidade perpassando suas escritas. Assim, busquei contos que descrevessem realidades semelhantes às das adolescentes e que, de preferência, fossem escritos por mulheres — mas não excluí a possibilidade de contos escritos por homens e/ou pessoas não-binárias. Tais critérios se deram, pois, foi pensado na possibilidade de identificação, tanto com a realidade descrita quanto com a figura da pessoa que escreveu. Foram excluídos, de início, qualquer conto de pessoas que não fizessem mais parte da comunidade em questão — pois não teria mais acesso a pessoa escritora —, e contos que continham um linguajar mais rebuscado, que poderia dificultar a compreensão por parte das adolescentes.

encontros, a leitura era feita por um dos mediadores — com frequência, nós mesmos decidíamos fazer a leitura a fim de facilitar a compreensão, já que algumas meninas apresentavam dificuldade de leitura.

A leitura do conto ficcional, nesses encontros, pareciam facilitar a coconstrução das narrativas. Narrativa, aqui compreendido no sentido apontado por Walter Benjamin (1987), tratando-se de uma forma de enunciação que não busca simplesmente descrever um fato ou informar alguma coisa, mas ultrapassa toda e qualquer explicação e descrição, na direção de uma experiência que se apropria, de um contar que diz daquele que conta e, também, daquele que escuta. É a possibilidade da perpetuação daquilo que é lido, ouvido e/ou testemunhado. Tal possibilidade de narrar não se dava apenas no momento da leitura, mas também após fazê-la, mediante o diálogo que se instaurava no grupo.

Tal diálogo se iniciavam como possibilidade de aproximação e afastamento entre as interlocutoras — nesse caso, as adolescentes e os mediadores presentes. Contudo, não partia de um lugar de predizer o que deveria ser conversado nem tentar controlar o que surgia. Mostramo-nos como abertura — o que já somos — e nos direcionamos para algo, a fim de compreender o fenômeno que se revelava e nos atravessava a seu modo.

Diante disso, surgia também a possibilidade de conversação como conversa-em-ação, onde não buscamos ocupar o lugar do outro para conseguir enxergar com seus olhos, mas nos aproximarmos e criarmos acordos. Acordos esses que dizem respeito a dar espaço para o outro tecer as próprias compreensões e poder narrar sobre elas, permitindo, então, o tangenciamento de horizontes. Não é sobre concordar sempre com o que o outro fala, mas sobre a possibilidade de "constituir uma linguagem comum" (Leite, 2016, p. 78).

Assim, as discussões em grupo ganhavam espaço e abertura à medida que o texto era lido, abrindo possibilidades de todas narrarem no momento que a leitura acabava. Nessa direção, geralmente usamos como pergunta disparadora variações de *"e aí, o que vocês acharam do texto?"*. A partir de então, a conversa acontecia, possibilitando o tanto o descrever factual de experiências vividas por elas, como demonstrar, cada uma a seu modo, como se sentiram afetadas pelo que foi lido. Tais movimentos de tecituras, ainda que pudessem ter seu ponto de partida na fala do mediador, não se restringiam a isso. Tivemos o papel de caminhar junto a elas, mas sem jamais afirmar o que elas deveriam fazer ou como deveriam se sentir. Por

vezes, também fomos convocados a falar das nossas afetações diante do que era exposto, demonstrando, portanto, que também éramos parte dos grupos.

Não era raro, portanto, que as adolescentes se identificassem com as personagens dos contos e/ou com o que acontecia na história. Diante desse fato, buscavam narrar o que tinha lhes acontecido, a fim de se aproximar um pouco mais da personagem e/ou do enredo apresentado. Segundo Critelli (2012), uma das possibilidades de compreendermos esse modo de narrar sobre as coisas é porque, para que possamos lidar com o que nos aconteceu, costumamos organizar nossas experiências num fio de sentido. Precisamos que, assim como num conto ficcional, as narrativas aparentem ter um início, um desenvolvimento e um fim. Mas isso não significa que o fenômeno se finda ao contarmos/lermos a seu respeito, muito pelo contrário. Tudo que é narrado e testemunhado carrega consigo a possibilidade de perpetuar indefinidamente. Isso diz muito do modo como nos aproximamos e nos deixamos ser tocados por aquilo que nos atravessa, diz respeito ao modo como nos afinamos a cada situação a aquilo que nos aproxima.

Isto posto, coube pensarmos a ação clínica junto a grupos como esse lugar de diálogo, de aproximação. É também um espaço para que diversas tecituras se desvelem através das narrativas, mas sem jamais findar suas possibilidades. Assim, não temos a pretensão, neste trabalho, de responder todas as perguntas a respeito dos temas abordados, mas apresentarmos outros modos de encarar os fenômenos. Fenômenos estes que não se esgotam, que são sempre passíveis de questionamentos e inquietações.

Após cada encontro, finalizamos falando um pouco sobre os temas que surgiram e oferecemos a possibilidade de elas continuarem conversando a respeito, sem necessariamente precisar de um mediador presente. Perguntamos como foi o momento para todas elas e deixamos, na maior parte das vezes, que levassem os textos para casa — pedidos que, muitas vezes, partiam dela, pois queriam reler os contos. Nessa finalização, era possível compreendermos que o grupo já não era o mesmo de outrora. Novas narrativas se apresentaram e as atravessaram de algum modo, afetando-as. Assim, encaminharam-se para um outro lugar.

Feito essa breve descrição de como aconteceram os grupos nos quais os contos foram recorridos como recurso para deflagração do grupo e das narrativas, passo, agora, a discutir e apresentar o meu caminho de pesquisa, que resultou na elaboração desta dissertação.

2.2 O caminho da pesquisa

Cabe salientar que o tipo de pesquisa realizada foi o que Baptista, Noguchi e Calil (2006) nomeiam de pesquisa interventiva. Trata-se, portanto, de uma modalidade de pesquisa que busca produzir e agregar conhecimento sobre uma atuação junto a algum grupo específico. “Essa atuação tem como objetivos trazer maior esclarecimento e/ ou provocar transformações em relação a determinados aspectos evidenciados pela própria pesquisa” (Baptista; Noguchi; Calil, 2006, n.p.).

Para que tal modalidade de pesquisa possa ocorrer, é necessário levar em consideração algumas questões, como o interesse, o envolvimento e a disponibilidade dos participantes durante todo o processo. Assim, torna-se de extrema importância deixar claro, de antemão, qual intervenção está sendo realizada ali e se ela faz sentido para os participantes, uma vez que são peças centrais de toda a pesquisa (Baptista; Noguchi; Calil, 2006). Partindo dessa compreensão, o pesquisador não se coloca como alguém neutro, mas aberto às possíveis mudanças e interlocuções que podem ocorrer durante toda a pesquisa em grupo.

Os temas a serem trabalhados em grupo numa pesquisa interventiva precisam ser organizados a partir das demandas trazidas pelo grupo. Portanto, para isso, torna-se necessário um momento inicial de apresentação, onde os participantes falam um pouco de si e de suas expectativas a respeito da intervenção proposta; possibilitando também que os pesquisadores exponham suas ideias e, a partir do diálogo, todos possam entrar em acordo a respeito do que será realizado (*ibid.*).

Cada intervenção deve ser pensada e executada para ter início, meio e fim, onde ocorre a preparação da atividade, sua realização e, ao final, a avaliação feita pelos participantes. É importante que os pesquisadores usem uma linguagem acessível ao grupo no qual estão intervindo, para que os participantes consigam, cada um a seu modo, se aproximar do que está sendo realizado — não necessariamente concordar com tudo que está sendo colocado, mas sentir-se à vontade o suficiente para discordar, se assim for necessário (*ibid.*).

Segundo Baptista, Noguchi e Calil (2006), é essencial que, ao final dos encontros, os pesquisadores falem um pouco de como compreenderam as intervenções, permitindo também que eles narrem suas experiências e possam ouvir, abrindo espaço para um momento de trocas e atravessamentos diversos.

Assim, o próprio pesquisador também poderá ter uma visão mais ampla de todo o processo junto aqueles que participaram.

Tal modalidade de pesquisa, no entanto, não ocorreu apartada da fenomenologia hermenêutica. Para tanto, levamos em consideração o que Morato e Sampaio (2019) consideraram como sendo uma pergunta norteadora. Nortear, nesse caso, significa apontar para uma direção, mas sem delimitar onde deve-se chegar. É indicar um direcionamento a se seguir, mas sabendo que o caminho pode mudar à medida que se caminha. Assim, a pergunta norteadora não apenas aponta para uma direção possível na qual caminhar, mas também nos revela o método a seguir. Método este que não deve simplesmente ser usado, uma vez que não estamos usando aqui técnicas a serem empregadas como um meio para alcançar determinado fim (Morato; Sampaio, 2019).

Nessa direção, a pesquisa fenomenológica, como compreendida aqui, só é possível como pesquisa existencial: só é possível percorrê-la na facticidade, na realização do existir do homem, na realização do próprio existir. Isto significa dizer que a pergunta norteadora só pode ser feita a partir da experiência ela mesma. Em outras palavras, norteado pela pergunta, começa-se a traçar o caminho do modo como é possível e do modo como a pergunta norteia, mas sem deixar de observar e de retomar o modo como é possível e o nortear da pergunta [...] (Morato; Sampaio, 2019, p. 105).

Isso nos lembra que todo o conhecimento tem como fundamento o ser-no-mundo, uma vez que o mundo e o ser humano são cooriginários, um não existe sem o outro. Portanto, todo conhecimento parte do ser-no-mundo e se dirige a ele, de modo a aproximar-se do fenômeno (*ibid.*).

Nesse sentido, interrogar o fenômeno torna-se o ponto de partida de qualquer pesquisa baseada nos pressupostos fenomenológicos, uma vez que leva em consideração o modo como o fenômeno se desvela, sem tentar predizê-lo ou controlá-lo. É não se pautar apenas na questão “o que é”, mas também se perguntar “como é”. Evita decair em explicações técnico-científicas, que visam simplesmente explicar como algo se dá. Possibilita o encontro e o atravessamento entre o pesquisador, os participantes e o fenômeno (Morato; Sampaio, 2019).

Cabe dizer, portanto, que o pesquisador também está implicado na pesquisa, uma vez que não há como ele assumir uma postura neutra (Dutra, 2002). Tal neutralidade não é possível, pois, ao buscarmos compreender algo, partimos sempre do nosso horizonte existencial, onde as experiências se atravessam a todo

momento, revelando diversas afetações. Assim, sempre levamos em consideração, de algum modo, os nossos conhecimentos prévios. Mas isso não significa que iremos aplicá-los a fim de chegar a um resultado conquistado outrora. Torna-se necessário, portanto, abrimo-nos a buscar compreender o horizonte compreensivo do outro (Leite; Barreto, 2018).

Nessa direção, para a realização desta pesquisa, foi levado em consideração a compreensão de diário de bordo tecidas por Prado e Caldas (2015) e Aun (2005).

O diário de bordo, segundo Prado e Caldas (2015), é uma possibilidade de deixar-se derramar em palavras a respeito do nosso lançar-se no desconhecido — assim como, em tempos remotos, os marinheiros faziam, desbravando os mares sem saber o que encontrariam pelo caminho. Os autores comparam essas viagens à experiência do psicólogo clínico e pesquisadores, que se põe em risco a todo momento, dirigindo-se a um lugar que não sabem qual será nem o que pode acontecer. Ainda por cima, nos propõe pensar que não somos nós, pesquisadores -psicólogos, que estamos no controle, uma vez que os mares nos quais nos arriscamos são imprevisíveis, portanto, precisamos acompanhá-lo, seguir seu ritmo.

Já Aun (2005) nos convoca a pensar no diário de bordo como marcas feitas pelas experiências que são concretizadas em palavras no papel. É esse movimento de narrar nossas afetações de modo mais factual, mas sem deixar de derramar-se em cada palavra, interligando as histórias e buscando compreender os tangenciamentos de horizontes compreensivos. É o narrar de uma biografia que não pertence apenas ao pesquisador-psicólogo que o escreveu, mas a todos que, de algum modo, perpassam sua existência e a marcam. Não se trata apenas de uma descrição ou explicação, muito pelo contrário. Fala do experienciar do fenômeno de modo singular e inigualável, dando espaço para o incompreensível e o inexplicável. “Escrever diários são momentos de criação de sentido, testemunhando-se como registro plural e único” (Aun, 2005, n.p.).

Nessa direção, para a elaboração desta dissertação, fiz uso do meu diário de bordo, que foi escrito concomitantemente ao acontecer do projeto. Após cada intervenção, o diário de bordo era escrito e guardado, para ser revisitado posteriormente. Na construção desta dissertação, recorro também a cinco contos⁴

⁴ Os contos em questão são: 1) “Verônica e a esperança”, de Eiryeen Leite (2020); “Gaiola de sangue”, de Juliana Cunha (2021); 3) “A luta”, de Nilo Nobre (2021); 4) “A menina que chorou um rio”, de Rogeane Oliveira (2021); 5) “O Bicho”, de Elissa R. Neves (2021).

daqueles usados durante as intervenções grupais para tecer compreensões a respeito da minha ação clínica junto a esses diferentes grupos. Os contos trazidos aqui foram escolhidos por terem me afetado de modo a me marcar, sobretudo devido a leitura e discussão que se deu após suas leituras.

A escrita desta dissertação constitui-se, pois, em uma escrita narrativa da minha experiência, que levou em consideração o que foi chamado de jogo compreensivo. Estar em jogo diz respeito a estar lançado, estar em movimento. Refere-se ao encaminhar-se de algum modo, sem saber para o que ou para onde, convocando-nos a assumir o risco pelo que pode nos acometer. É a possibilidade de criação de outros sentidos (Leite, 2016). Assim, este jogo ocorre no intercâmbio de horizontes, abrindo espaço para o diálogo, onde o propósito não é simplesmente responder a algo, a fim de defini-lo, mas tecer novos sentidos a respeito de um fenômeno que se busca conhecer (Schmidt, 2012).

Nessa direção, a fusão de horizontes se dá na interpretação. Interpretação essa que não carece de juízo de valor, a respeito do que pode estar certo ou errado, ou válido ou não. Tem-se como ponto de partida a questão do jogo compreensivo como algo que jamais alcançará a totalidade ou a universalidade dos fenômenos, a fim de defini-lo e finalizá-lo. Trabalha-se com o fato de que podemos compreender os horizontes como passíveis de mudanças constantes, à medida que nos movemos para algo (Leite, 2016).

Isto posto, busquei aqui tecer compreensões a respeito do fenômeno já problematizado, na tentativa de colocamo-nos em jogo, no intuito de possibilitar a aproximação e a compreensão de novos horizontes, estabelecendo diálogos possíveis com públicos que, por muitas vezes, costumam ser silenciados ou marginalizados. Nesse ínterim, não procurei responder todas as perguntas que surgiram, muito menos tentar esgotar as compreensões possíveis acerca do fenômeno. Muito pelo contrário. Esta dissertação é muito mais um novo ponto de partida para compreensões e pesquisas outras, do que um destino final.

3 UM CONTO, FINS INFINITOS: A EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÕES GRUPAIS USANDO DE CONTOS FICCIONAIS JUNTO A ADOLESCENTES

Este capítulo constitui-se em compreensões elaboradas a partir da minha experiência clínica junto aos grupos usando contos ficcionais. Os contos abordados nos grupos e trazidos aqui são: 1) “Verônica e a esperança”, de Eiryreen Leite (2020)⁵; 2) “Gaiola de sangue”, de Juliana Cunha (2021)⁶; 3) “A luta”, de Nilo Nobre (2021)⁷; 4) “A menina que chorou um rio”, de Rogeane Oliveira (2021)⁸; e 5) “O Bicho”, de Elissa R. Neves (2021)⁹. Assim, todos os subtítulos deste capítulo fazem referência a um ou dois destes contos.

3.1 “Verônica e a esperança” e “Gaiola de sangue”

— Você me chamou, não? — questionou enquanto se punha de pé. — Na verdade, acho que você me chamou muitas vezes. — Com passos firmes e lentos, ela aproximou-se de mim. — Alguns me chamam de Liberdade, outros preferem me chamar de Fé, mas, para você, sempre fui Esperança (“Verônica e a esperança”¹⁰, Eiryreen Leite, 2020, p. 109).

[...] Mais triste do que com medo, tranquei-me no quarto, lancei-me na cama e lutei para ignorar aquela situação incômoda. [...] Sem poder viver livremente e sem encontrar ali qualquer sentimento de lar ou abrigo, chorei. [...] Comecei a arquitetar um plano de fuga, mas tive de fazê-lo sozinha (“Gaiola de sangue”, Juliana Cunha, 2021, p. 21-22).

Lembro-me que o texto “Verônica e a esperança” foi escolhido devido a episódios de transfobia entre as adolescentes do primeiro grupo com o qual tivemos contato. Foi uma ideia levantada por nossa supervisora, como uma forma de possibilitar alguma reflexão a respeito do que estava perpassando aquele grupo e como elas estavam cuidando de si e da colega. Algo parecido se deu em relação a “Gaiola de sangue”, pois queríamos um texto que falasse sobre as relações construídas e seus possíveis desdobramentos no existir.

O primeiro conto fala sobre a vida de Verônica e seus altos e baixos. E como a violência perpassou toda a sua existência simplesmente pelo fato de ela ser quem

⁵ Vide anexo A.

⁶ Vide anexo B.

⁷ Vide anexo C.

⁸ Vide anexo D.

⁹ Vide anexo E.

¹⁰ Já que em alguns tópicos deste capítulo tratarei de mais de um conto simultaneamente, decidi colocar o título completo do conto, assim como o nome e sobrenome das autoras, a fim de deixar mais claro a respeito de qual estou falando — contrariando, assim, uma das normas da ABNT.

era — uma mulher trans. Mas traz também a importância que foi para a personagem permanecer esperando, mesmo quando as coisas não pareciam fáceis. Já o segundo conto aborda a relação entre mãe e filha e a perda de um ente querido e as diferentes formas de lidar com isso. Enquanto a filha desejava permanecer em movimento e sair da catástrofe que testemunhava, a mãe permanecia em negação, fingindo que tudo estava bem.

Verônica se apresenta, desde o início do conto, como uma mulher que sofreu bastante para se achar em meio aos seus iguais e diferentes. Sofreu preconceitos de vários tipos, sentiu-se silenciada diversas vezes e nem sempre se sentia segura quanto a si e as relações que construía. No entanto, mesmo diante das violências da vida, mostrou-se perseverante de algum modo, pois continuou lutando para conquistar seus espaços e ser feliz à sua maneira, da forma que lhe foi possível.

Quanto à relação entre mãe e filha no conto de Juliana Cunha (2021), demonstrou-se a dificuldade de ambas em se comunicarem entre elas e se acolherem diante de acontecimentos que as tomaram e as desalojaram profundamente. A filha procurou modos de escapar de todo o sangue que inundava seu lar, enquanto a mãe tentava minimizar os danos, pois não queria abandonar a sua morada; como é possível constatar no trecho “Desde a morte de papai, seu objetivo era restabelecer a normalidade, pelo menos na aparência. Agia do mesmo modo sob aquela situação nefasta” (“Gaiola de sangue”, Juliana Cunha, 2021, p. 21).

Diante da discussão dos contos junto aos grupos, algumas coisas se revelaram, enquanto outras, se ocultaram para mim, e permanecem nesse movimento. Algo muito parecido com o que acontece, algumas vezes, com Verônica durante o conto, nesse movimento de tecer diversas compreensões sobre a própria existência:

Naquela tarde, percebi como as coisas eram diferentes para mim. [...] Demorei muito tempo para me sentir espetacular de novo. Felizmente, certas coisas não podem ser impedidas. Principalmente, quando se carrega um pedacinho de Esperança no coração (“Verônica e a esperança”, Eiryeen Leite, 2020, p. 111).

A cada vez que retomo meu diário de bordo e a leitura deste conto, novas perspectivas se apresentam e me vejo refletindo novamente sobre a minha

existência e o modo como fui tomada e redirecionada por cada grupo do qual fiz parte nesse projeto.

Ao recorrer ao conto em questão, compreendo que, em cada encontro, “Havia algo faltando. Algo fora do lugar. Alguma coisa tornava aquela paisagem — que deveria ser familiar — em uma estranha e incompleta imitação, mas não conseguia saber o que era” (“Verônica e a esperança”, Eiryeen Leite, 2020, p. 109). Partindo desse ponto, torna-se importante destacar que

Já havia trabalhado antes com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Passei um ano e meio num projeto de levar o plantão psicológico a uma escola pública, atendendo alunos e funcionários. Mas admito que, em comparação, nunca me senti tão desafiada quanto nesse novo projeto. Sei que não deveria compará-los, pois partem de lugares diferentes, propostas diferentes, pessoas diferentes. Mas não consigo não pensar na Elissa que estive no projeto de plantão e na Elissa desse projeto. Apesar de me sentir mais amadurecida no meu fazer e na minha maneira de enxergar a mim e ao mundo, também me sinto uma criança que não sabe o que fazer. Toda e qualquer coisa que eu pudesse falar para qualquer uma daquelas meninas me pareceria superficial, raso demais para ser levado a sério (Neves, 18/05/23b¹¹).

Assim, diante do que se mostrava, minha experiência poderia até servir de referência, mas jamais seria uma possibilidade de reproduzir os acontecimentos. Porque a experiência é essa coisa que não há muito como explicar, ela apenas nos toma e nos joga no desconhecido, convoca-nos a encontrar maneiras de lidar com essa falta de familiaridade. Sempre que algo nos é estranho, incômodo, tendemos a agir de modo cotidiano, tal qual a mãe no conto de Juliana Cunha (“Gaiola de sangue”, 2021). Fazemos o possível para tentar retomar ao que considerávamos normal, cômodo, a fim de continuarmos nos dirigindo ao futuro de modo impróprio. Por vezes, recusar a enunciação da mudança mostra-se menos desalojador que lidar com ela e com todo o sofrimento vindouro, como podemos ver a seguir:

Reconhecendo a catástrofe anunciada, abri o guarda-chuva sobre a cabeça e recolhi-me em um canto. Falei para mamãe fazer o mesmo, mas ela, afirmando que tal ato traria mais morte sobre nossa casa, não só recusou a oferta como mandou que eu abandonasse minha própria estratégia (“Gaiola de sangue”, Juliana Cunha, 2021, p. 22).

Diante do estranhamento, a possibilidade de rompimento com a linearidade da vida se apresenta e podemos ser, de algum modo, tomados e redirecionados.

¹¹ Ao tratar-se dos diários de bordo, também achei que ficaria mais claro para o leitor se referenciasse com a data completa, ao invés de colocar apenas o ano, como institui a ABNT.

Arendt (2020) nos lembra, então, do caráter inovador e irrevogável da Ação. Esse novo início que sofremos, sem o menor controle de como pode reverberar. Essa novidade que nos lança ao desconhecido e nos convoca a nos familiarizarmos uma vez mais.

Estar com aquelas adolescentes, de alguma maneira — que não sei explicar como —, parece ter me possibilitado esse novo início. “Fui atravessada de maneira indescritível e incomparável” (Neves, 01/06/23a). Aparentemente, assim como a filha no conto de Juliana Cunha (“Gaiola de sangue”, 2021, p. 22), “Enchi meus pulmões de ar e mergulhei em direção à janela”. Vi-me em busca do novo, de fugir daquilo que já não me cabia, não fazia mais sentido para mim. Entretanto, é preciso dizer que não foram apenas as adolescentes que me atravessaram e me convocaram ao novo. Eu estava ali com outros graduandos e pós-graduandos — além da minha supervisora —, pessoas que haviam entrado na minha vida recentemente e pareciam, cada um a seu modo, testemunhar a mim e dar sentido aos meus gestos e palavras. Contudo, nada se dá livre de angústia, e não foi diferente estando com aquele grupo de psicologia.

Diante disso, tornou-se claro para mim a importância de estar em meio a outros. De ter junto a mim pessoas com quem pudesse contar para continuar fazendo o que me propunha a fazer. Não apenas de modo profissional e acadêmico, mas de modo geral, ajudando em minha trajetória de vida. Se para Verônica seus amigos foram quem lhe permitiram tal redirecionamento, posso dizer que, para mim, foram os meus colegas de projeto e as adolescentes.

Estar em meio a outros, sejam estes semelhantes ou diferentes, sempre carrega desafios. Lidar com a alteridade nunca é tranquilo, pois nos convoca a questionar a nós e aos outros, a fim de chegar a alguma resposta que pareça plausível — apesar de nem tudo ter uma resposta clara e direta. Percebo agora, enquanto escrevo, quantas vezes me calei, fosse durante os grupos ou supervisões, a fim de não ser questionada. Não porque estou sempre certa a respeito de tudo — longe disso. Mas porque ser questionada, naquele momento, poderia parecer uma falha. E, naquele contexto, falhar não era suportável.

[...] Eu sabia que poderia falar. Sabia que poderia intervir. Não havia problema, a meu ver, se ela discordasse. Mas eu sentia que, se me colocasse, talvez pudesse decepcionar. Talvez pudesse mudar o rumo de algo que estava se mostrando de uma maneira tão boa para as adolescentes.

Na verdade, agora escrevendo sobre isso, percebi que tinha medo de falhar. Não simplesmente falhar com as graduandas que estavam ali ou com as adolescentes que precisavam ser ouvidas, mas falhar, de algum modo, com a professora que me acompanhou por tanto tempo e que era a minha maior referência. E, bem, o que seria a falha e o que seria o acerto nesse contexto? Sendo bem honesta, eu não sei. E isso me angustia (Neves, 01/06/23a).

Escancarou-se para mim, então, os meus limites. Tanto como psicóloga, quanto como pós-graduanda, quanto como ser-no-mundo (ser-com). Em tal situação, vi-me, diversas vezes, desalojada, sem saber por onde seguir ou o que fazer diante do que me tomava. Andava de mãos dadas com a dúvida, que parecia ser incapaz de ser sanada. Por vezes, me vi como Verônica, duvidando que a esperança de fato existisse.

Eu sei bem que o fazer da psicologia não é sobre resolver os problemas do outro — apesar de sermos ensinados assim em alguns momentos. Mas, às vezes, é justamente isso que eu gostaria de fazer. Tomar para mim o que não está bem, resolver e devolver pronto, resolvido. Mas que bem isso traria para o outro? Que bem isso faria para mim? Assim, me deparo mais uma vez com a impotência diante da vida (Neves, 01/06/23b).

Vai se mostrando que, apesar de toda a minha disposição e disponibilidade, jamais serei capaz de dar conta de tudo e todos. Por mais que eu quisesse ser perfeita e corresponder da maneira como esperavam, eu *jamais* conseguiria tal feito. Porque o que é do outro não me cabe. O espaço que é meu, não será ocupado por outra pessoa. Fui percebendo — mais uma vez, diga-se de passagem — que não precisava me ocupar das pessoas o tempo todo. Entretanto, nada disso veio sem sofrimento.

Como falei antes, já havia estado junto a uma população vulnerabilizada. Mas nada nunca se mostra duas vezes da mesma forma, e fui afetada de modo único por essas meninas. Cada uma delas me atravessou, fazendo com que nossas existências não fossem mais as mesmas. Não serei presunçosa, no entanto, e direi que todas elas lembrarão de mim. “[...] muito provavelmente, elas não lembrarão de mim um dia. Talvez lembrem do local e do que viveram, mas não das pessoas que estiveram com elas. Mas também entendo que isso também faz parte do vivido. Serei, talvez, eterna em como as atravessei [...]” (Neves, 04/05/23). Do mesmo modo, posso dizer que todas elas permanecerão comigo indefinidamente, já que nossos horizontes se tangenciaram. Faz-me sentido pensar que, assim como

Verônica se fez eterna na memória de quem a testemunhou, o mesmo se fará com boa parte das adolescentes. Ou como ela mesma diria: “Não se preocupe, não vou esquecer. Na próxima, vou lutar do jeitinho que lutei nessa e nada nem ninguém vai conseguir me desanimar” (“Verônica e a esperança”, Eiryen Leite, 2021, p. 114).

Entretanto, cabe salientar que nenhuma dessas relações construídas com as adolescentes se deu de modo fácil e simples. A grande maioria se mostrou desconfiada conosco e com o lugar. É compreensível tal comportamento, “Devido a diversos fatores e um contexto difícil, a violência perpassa a existência de maior parte das meninas” (Neves, 18/05/23b). Assim, ainda que se mostrassem extrovertidas, expansivas e comunicativas, a confiança deveria ser conquistada aos poucos, respeitando o espaço de cada uma.

Diante disso, as relações firmadas entre elas e conosco, muitas vezes, se mostravam cheias de desafios. Frequentemente, a violência se fazia presente e a dificuldade em ouvir umas as outras era uma constante nos grupos. Penso que, “Quando não somos ouvidos e acolhidos, torna-se difícil ouvirmos e acolhermos” (Neves, 18/05/23b). E, assim como a filha no conto de Juliana Cunha (“Gaiola de sangue”, 2021), buscamos meios de permanecer sobrevivendo em meio ao que nos parece inóspito.

Nesse sentido, constantemente buscamos convocá-las a se aproximarem da experiência e da reflexão. Mostrar-lhes que haviam outras formas de firmar e manter relações que não precisassem ser perpassadas pela violência na maior parte do tempo. No entanto, percebi, muito a contragosto, que eu não poderia ditar a maneira como se relacionavam consigo, com as colegas, com a família etc. Eu poderia até querer mudar o mundo delas, mas não era algo que dependia de mim.

Posso lhes oferecer espaço, escuta, acolhimento, mas nunca, jamais, apagarei das histórias delas as violências vividas. Também não conseguirei impedir que elas violentem umas às outras, ainda que as histórias de muitas tenham semelhanças. E isso, ainda que eu não queira admitir, me é extremamente frustrante. É a sensação constante de que nunca serei capaz de muito. *Mas muito o que?* Bem, também não sei. Só sei que faço o que é possível e torço para que seja o suficiente (Neves, 18/05/23a).

E, para ilustrar um pouco de tudo que trouxe aqui até então, trago um pouco de quem chamarei de *Verônica* e de *Esperança*.

Verônica era uma adolescente que tinha por volta dos 15 anos e, como muitas outras, vinha de um lar conturbado, perpassado por violências e diversos

desamparos — tal qual a Verônica do conto de Eiryeen Leite (“Verônica e a esperança”, 2020). No primeiro momento, não fui eu que tive contato com ela. No entanto, nas intervenções grupais, Verônica sempre se fazia presente, ainda que falasse pouco. Mostrava-se atenta, mas não verbalizou muito. Seu silêncio gritava.

Aos poucos, com a realização dos grupos, Verônica começou a se aproximar de mim no que pareceu, a meu ver, algo desprezioso. Não que precise haver uma razão para tudo, mas, por ser mais quieta, não imaginava que ela fosse se aproximar logo de mim, que comumente era quem mais falava dos mediadores — e mais “puxava a orelha” das meninas também. Ainda assim, Verônica se aproximou.

No jeito carinhoso e compartilhado por todas de nos chamarem de “tia”, parecia haver algo mais que não vinha após o vocativo. A palavra faltava, mas os gestos falavam. Confesso que, naquele momento, acabei não dando tanta atenção. Não porque não quis, mas porque não percebi o que poderia estar acontecendo. Porém, em uma das intervenções grupais que fizemos, pedimos para que dessem continuidade ao conto trazido. Poderia ser através de desenho, escrita ou qualquer outra coisa que preferissem. Verônica fez uma carta. Nela, jorrou todas as suas dores. De início, relutou para entregar. Não insisti. Voltou atrás e me entregou, mas pediu que eu não lesse ainda. Quando elas saíram, o fiz. Pude sentir toda a dor na qual estava embebida aquela carta, apesar de jamais saber, de fato, como doía nela.

Em um dos contos trazidos aqui, a personagem principal — Verônica — narra alguns momentos de sua vida com certo sofrimento, mas também com o que me parece ter sido alívio. Havia conseguido passar por todos os piores momentos da sua vida e sobreviveu para conseguir narrar sobre eles. E não o fazia para qualquer pessoa, mas para aquela que se nomeava esperança. A meu ver, fica claro durante todo o conto a necessidade de Verônica de deixar-se transbordar, gritar o que lhe afligia, permitir-se ser acolhida de alguma maneira. E assim o fez.

Aqui abro um parêntese para falar da Elissa de vinte e poucos anos. Estava longe da família por causa dos estudos e se sentia bem com o que escolhera fazer. Mas, ainda assim, tudo parecia sem sentido. A vida parecia impossibilitada de trazer-lhe algo de novo. Os momentos e as pessoas haviam perdido a cor e nada mais parecia valer a pena. Passou, então, a pensar no suicídio como uma maneira de escapar de tanta dor, algo que era constante e pulsante na vida dela.

Falo de mim mesma na terceira pessoa pois já não me reconheço mais nela. Contudo, para chegar até aqui, tive uma teia de relações forte o suficiente para me

sustentar em pé quando eu não conseguia. Para me obrigar — se preciso fosse — a continuar caminhando, mesmo que não parecesse fazer sentido. Tive pessoas que se ocuparam e se preocuparam comigo durante esses momentos difíceis da minha jornada. Eu não estava sozinha. “Agora escrevendo aqui, percebi que, mesmo saindo da adolescência e me enxergando como uma mulher adulta, as coisas não perdem as cores, por mais que eu pense que sim” (Neves, 18/05/23a).

Quanto a Verônica, já não sei. O desamparo parecia gigante. Eu compreendia que, por mais que eu me dispusesse, jamais conseguiria aliviar todo o seu sofrimento. Isso me doía. Ainda assim, me fiz presente. No que para mim parecia pouco, talvez não o fosse para ela. Dava-lhe bom dia, perguntava como estava e se queria conversar, assim como um dia fora feito com a Elissa de vinte e poucos anos. Geralmente, as respostas eram todas parecidas — sem conversas, apenas trivialidades. Quando eu não aparecia, Verônica perguntava por mim. Nos grupos, permanecia em silêncio. Por várias vezes, ofereci escuta, mas sempre recebia uma negativa. Em uma das raras vezes que solicitou, acabou desistindo pouco depois, escolhendo ir para um dos laboratórios.

Em uma das nossas conversas corriqueiras durante o lanche, Verônica descobriu que escrevo ficção. Ficou curiosa e lhe falei rapidamente sobre o que costumo escrever. Pediu, então, que eu lhe trouxesse algo meu para que ela pudesse ler e eu me prontifiquei a fazê-lo. No entanto, só o fiz ao final do semestre, com o encerramento dos grupos. Perguntei-lhe se ela desejava começar um acompanhamento comigo, ela aceitou. E, em seguida, lhe dei um livro no qual havia uma história escrita por mim. Verônica não o abriu de imediato, mas sorriu e mostrou a todas as colegas o presente que ganhou.

Infelizmente, Verônica não retornou. Foram inúmeras as tentativas de marcar um atendimento com ela. Cheguei, inclusive, a ir e esperá-la, mas ela nunca apareceu. Com o tempo, compreendi que, talvez, para Verônica, o estar-junto não precisava ser, necessariamente, numa intervenção grupal ou num processo de acompanhamento. Era “apenas” se fazer presente. Estar-junto de fato. Continuar caminhando. Talvez, para ela, não remexer no que já era tão doloroso poderia ser a possibilidade de permanecer num lugar conhecido que, mesmo desconfortável, também traz conforto, pois já se sabe como tudo ali funciona.

— Isso tudo é você, Verônica – disse Esperança enquanto afastava seu rosto do meu.

— Sou eu, sim – respondi sem conseguir tirar o sorriso do rosto.

[...]

— Esperança vem do futuro – respondeu a mulher com olhos risonhos — e cresce no coração daqueles que sonham e lutam, pois o futuro não se pode formar de outro jeito, já que é com lutas e sonhos que o construímos [...] (“Verônica e a esperança”, Eiryreen Leite, 2020, p. 112-113).

Quanto à Esperança, as coisas se deram de outro modo. O contato que tive com ela durante o semestre daqueles grupos foi pouco, pois eu dificilmente ficava responsável pelo seu grupo devido a escala dos dias — em relação a grupos, plantões e acompanhamento. Sempre que Esperança estava no grupo, geralmente eu estava de plantão. Assim, dificilmente nos encontrávamos. Porém, durante as trocas de laboratórios e os lanches, tive contato com ela, mesmo que brevemente. Sempre se mostrou muito falante, atenta e divertida. Sempre com histórias para contar, sobre si e sobre suas amigas. Se eu me permitir cair no que parecia previamente dado, diria que Esperança era uma menina feliz. E talvez fosse. Mas não era só isso.

E como em um dos contos que trabalhamos, antes dos desfecho veio o conflito. Já no encerramento, Esperança procurou por outra pessoa que já havia escutado-a, mas ela não estava ali. Disponibilizei-me e me deparei com uma narrativa sofrida de acontecimentos recentes que a violentaram. Diante do que se mostrou, o que consegui fazer foi chorar junto a ela por tudo o que estava se passando. Mal sabia eu que ali havíamos criado um vínculo que não é passível de explicações. Fui atravessada e a Esperança me marcou.

Esperança retornou no semestre posterior. Apesar de já estarmos trabalhando com um novo grupo de meninas, me dispus a acompanhá-la no processo terapêutico, a fim de pensarmos juntas o que poderia ser feito. Mesmo com a distância e a dificuldade em acordar cedo, Esperança se comprometeu com o processo e foi a maior parte dos atendimentos. Quando não conseguia, preocupava-se em avisar antes.

Se no conto de Eiryreen Leite (“Verônica e a esperança”, 2020), a personagem principal narra suas memórias sem esperar um retorno de quem as lê, nessa história de Esperança, as coisas se deram de outro modo. Discutimos sobre os mais diversos assuntos, incluindo o que foi trazido no encerramento do semestre anterior. Outras possibilidades foram se desvelando e ela foi percebendo o que cabia e o que

não cabia nas relações construídas. Não irei romantizar aqui e dizer que tudo ficou às mil maravilhas, longe de conflitos, pois não ficou. Muitas vezes temos a ilusão de que, sim, um processo terapêutico só é bom quando os conflitos deixam de existir, quando não se há problemas. Naquele processo, nos direcionamos para compreender como ela estabelecia suas relações e como essas lhes serviam, de algum modo, como uma rede de apoio. Diante disso, surgem as amigas que fez no projeto e a importância delas na sua vida. Esperança pareceu passar a enxergar as mudanças em sua existência e o que o futuro ainda poderia lhe reservar.

Apesar de não ser um dos contos trabalhados com as adolescentes, trago aqui um trecho que me lembra essa personagem tão marcante e cheia de vida que é Esperança:

não se
iluda:

existirão
dragões.

o que eles não
sabem é que

você sempre estará
pronta com

uma brasa cravada
entre seus lábios

& um fósforo se equilibrando
entre seus dedos.

aqui está a diferença vital
entre vocês:

eles queimam para matar
e você queima para viver.

– *que eles nunca mais subestimem você*
(Lovelace, 2017, p. 198).

Diante do que foi trazido aqui a respeito de Verônica e de Esperança, uma das possibilidades compreensivas é a da arte como acontecimento. Como aquilo que se dá de algum modo e nos toma, nos redireciona. Convoca-nos a algo que não sabemos o que nem como vai se dar, mas está ali. É a possibilidade de tomarmos outros caminhos que não os já trilhados, rumo a um novo destino. Estar com todas elas me fez lembrar que “as coisas acontecem do jeito que acontecem e, é

justamente por elas acontecerem assim, que sou quem sou” (“Verônica e a esperança”, Eiryen Leite, 2020, p. 112). E, apesar de que, no projeto, a Verônica e a Esperança não fossem tão próximas, preciso dizer que ambas me atravessaram e me marcaram, cada uma a seu modo. Nossas experiências se intercambiaram e encerramos aquele momento completamente diferente da maneira que iniciamos.

Acredito ser possível dizer que, assim como a filha no conto de Juliana Cunha (“Gaiola de sangue”, 2021) encontrou meios para sobreviver ao tormento instaurado em sua casa, ameaçando afogá-la, Verônica e Esperança também conseguiram um meio de continuar existindo, ainda que houvesse sofrimento. Assim como a protagonista, podem não ter conseguido abrir a porta e sair correndo. Então se jogaram contra a janela e deixaram que o fluxo de sofrimento que ameaçava suas existências fosse o mesmo que lhes impulsionava para fora daquele lugar que já não lhe cabia mais. E como será daqui para frente, ninguém é capaz de dizer.

3.2 “Gaiola de sangue” e “A luta”

Reconhecendo a catástrofe anunciada, abri o guarda-chuva sobre a cabeça e recolhi-me em um canto. Falei para mamãe fazer o mesmo, mas ela, afirmando que tal ato traria mais morte sobre nossa casa, não só recusou a oferta como mandou que eu abandonasse minha própria estratégia. Fechei o guarda-chuva e fingi que tudo estava normal. A satisfação durou pouco. Ao limpar o espelho no final do corredor, não consegui me ver. Dei um grito e caí para trás. Quando mamãe veio me ajudar, também notou nossa transformação. Havíamos nos tornado outras, com pele vermelha, lábios carmesins e cabelos ruivos. Éramos um tipo macabro de machucado ambulante (“Gaiola de sangue”, Juliana Cunha, 2021, p. 22).

[...] Não aceitava sequer pensar na possibilidade de perder aquela que foi minha única companhia nos últimos anos.

Logo ela, que me ensinou sobre como a capoeira ajudava a resistir às rasteiras da vida, tinha encontrado um inimigo que ela não conseguiu se esquivar a tempo. Não. Ela era a mais forte de todas as irmãs. Ela iria escapar dessa. Nada seria capaz de derrotá-la (“A luta”, Nilo Nobre, 2021, n.p.).

Anteriormente o conto “Gaiola de sangue” (Juliana Cunha, 2021) foi apresentado levando em consideração a relação estabelecida entre mãe e filha diante de um acontecimento desalojador que foi o fato de seu lar, de uma hora para outra, ser tomado por sangue, o qual ninguém sabia de onde vinha nem como cessá-lo. Neste tópico, abordarei o mesmo conto por outro ângulo: a questão da perda. Na história, mãe e filha dividem o sofrimento pela perda do patriarca — ainda que só seja mencionado brevemente — e, além disso, ao final, a filha se vê num

grande impasse, onde precisa decidir se permanece na casa junto a sua mãe e todo o sangue, ou foge dali, correndo o risco de nunca mais ver a matriarca.

Já no conto “A luta”, de Nilo Nobre (2021), vemos uma garotinha que sofre racismo e, por isso, passa a ser acolhida por sua irmã mais velha nas aulas de capoeira, onde acaba se encontrando e vê na irmã uma grande referência. No entanto, a irmã mais velha adoece e a garotinha se vê em constante desorganização e temor, sem saber o que o futuro lhe guardava.

A ideia de abordar o segundo conto surgiu, se bem me lembro, devido a questões raciais trazidas no grupo, já que o preconceito perpassa a existência da maior parte das meninas, sejam as racializadas ou não. Diante disso, veio à tona a possibilidade de tratar a questão junto a elas, a fim de ver o que poderia surgir.

Devo admitir que, de início, me vi frustrada. Tanto que, em meu diário de bordo do dia em questão, já inicio o relato dizendo que “Apesar da minha disposição e disponibilidade para com elas, admito que me senti frustrada com o andamento do grupo. Cheguei a pensar, inclusive, se realmente gostava de atender adolescentes” (Neves, 04/05/23).

No entanto, é preciso falar que algo nelas e no modo como elas se expressavam me inquietava profundamente. Eram meninas falantes, expansivas e, por vezes, soavam agressivas. Não quero dizer aqui que há uma forma certa ou errada de se mostrar. Digo apenas da maneira como isso me chega e me atravessa. Mas admito que, assim como a personagem principal do conto de Nilo Nobre (2021), eu queria que percebessem meu incômodo, meu desalojamento e desorganização diante do que se apresentava¹².

Apesar de ser uma pessoa bastante comunicativa, me compreendo muito mais como alguém que observa ao invés de falar ou agir diretamente. Penso em todos os pormenores — ou me iludo que consigo — antes de chegar ao ato em si. O caos, de algum modo que não sei explicar como, me desorganiza completamente. A título de comparação, me vejo com a filha no conto de Juliana Cunha (“Gaiola de sangue”, 2021), que observa tudo e tece compreensões a partir do seu horizonte, mas sem agir de forma direta logo de imediato. Ela tentou contornar ou evitar o caos antes de pensar na possibilidade de lidar e aprender com ele.

¹² “Em casa, ninguém dava bola pra isso. Todos só tinham olhos pra minha irmã. Três anos mais velha que eu, sempre foi bem na escola. Ainda por cima tinha ganhado o torneio escolar de capoeira. Todos se orgulhavam dela. Eu também tinha orgulho, só queria que me notassem um pouco” (Nobre, 2021, n.p).

Mas era justamente com o caos que as adolescentes trabalhavam. “[...] admito que, por vezes, me sinto desamparada diante de momentos assim” (Neves, 04/05/23). Senti-me minúscula perto delas e do modo como gritavam umas com as outras ou riam de piadas que eu não compreendia. Senti-me, de algum modo, alguém que testemunhava o acontecimento do grupo, mas não fazia parte dele. *Por quê?*

Percebi, não sei se tarde ou cedo, que tudo o que me escapava, me desalojava. Tirava-me do conforto, do comodismo que era levar a vida no automático, fingindo que sabia a resposta para tudo. Com elas ali, cada uma demandando a seu modo, não havia como eu fingir que sabia o que fazer. Até poderia aplicar alguma técnica a fim de fazer com que se aquietassem, mas, fazê-las ficarem quietas não seria silenciar o queurgia?

Por estamos no ramo da psicologia, acabamos entrando em contato, de um modo ou de outro, com a questão da violência e suas possíveis ressonâncias para quem sofre. Existe a possibilidade de sabermos muito a respeito, de tentarmos acumular certas teorias. Mas estar nesse projeto me fez precisar encarar isso de modo mais prático. Quando digo prático, não quero dizer simplesmente que precisei testemunhar algumas violências (o que, de fato, aconteceu), mas entrar em contato com as narrativas de quem a sofre e com a perspectiva delas de que aquilo sempre foi daquele jeito e vai continuar sendo (Neves, 18/05/23b).

Deparo-me, então, com minhas limitações uma vez mais. Compreender que o caos me desorganiza me ajuda a lidar com isso, apesar de não conseguir resolver. Algo parece ter se rompido ali e me lançado ao desconhecido, tal qual a personagem de Juliana Cunha (“Gaiola de sangue”, 2021) se lança pela janela a fim de experimentar algo diferente do que havia se instaurado em sua casa.

[...] sinto que, de algum modo — mesmo sem compreender bem como —, o caos me possibilitou chegar até aqui. Encarar a vida de outro modo, ser mais gentil com a minha existência, que já experienciou tanta coisa — sejam boas ou ruins. Foi esse caos e essa completa desorganização que me permitiu estar frente a frente com essas adolescentes. Não apenas acompanhá-las por um curto período de tempo, mas aprender com elas. Sentir junto. Ser atravessada de forma avassaladora pelo que viveram, ainda que eu jamais possa imaginar o que sentiram e o que sentem. Me fiz presente e fui presenteada (Neves, 04/05/23).

Contudo, como já enunciado, nada disso se deu livre de dores. Estar com elas duas vezes na semana durante quatro meses também me levou a pensar que, em algum momento, a partida ocorreria. O fim das coisas é inevitável e eu também

temia por ele, apesar de também ter esperança de que, com o fim do semestre do projeto, elas pudessem alçar voos ainda maiores, rumo a um futuro diferente.

Todo fim carrega consigo a possibilidade de sofrimento pelo que acaba, assim como certa esperança pelo que virá. No entanto, para aquelas meninas, nem sempre a esperança parecia se fazer presente nos fins que se apresentavam. Principalmente, quando se tratava do fim da vida de alguém querido. Choquei-me algumas vezes com certas histórias trazidas.

Me deparei, inclusive, com narrativas bem densas sobre a violência na comunidade e a perda de entes queridos devido a ela. Não consigo nem imaginar como é viver em um lugar onde, a qualquer momento, seja de modo proposital ou acidental, eu possa perder alguém que amo — e, pior, ver esse alguém ser morto ou achar seu corpo.

Sei que somos todos ser-para-a-morte e que esta é inevitável. É a única certeza, de fato, que temos sobre a nossa existência. Mas também sei que ninguém quer pensar sobre ela e se debruçar sobre suas possíveis ressonâncias na existência de quem permanece vivo. Acredito que, independente da idade, isso não é algo fácil de ser feito. Pelo contrário, se mostra profundamente complicado. E penso que, ser adolescente e precisar lidar com isso deve ser avassalador. Não apenas porque a morte nos tira de um lugar de “comodismo”, de não reflexão. Mas porque o mundo já está lhe convocando tanto, lhe cobrando tanto, e ainda é preciso lidar com certas coisas. Me parece quase insano. Ainda assim, lá estão elas, precisando lidar com tudo isso (Neves, 18/05/23b).

Nessa direção, quase me vi tentada a fazer como a personagem de Juliana Cunha (“Gaiola de sangue”, 2021) e recolher-me no canto, só observando, sem fazer ou falar nada. Parecia mais fácil. Mas eu imaginava que não faria isso. Não por não poder ou por não me permitir, mas porque eu me via convocada a fazer algo diante de tais relatos. Mesmo que, por vezes, o que eu pudesse fazer parecesse muito pouco, ainda era algo. E não cabia a mim dizer qual sentido minhas ações teriam para aquelas que me testemunhavam.

Ao levar em consideração o que me trouxe até aqui, apresento também um pouco sobre quem chamei de *Vitória*, por causa de uma das personagens¹³ do conto de Nilo Nobre (“A luta”, 2021): Vitória era uma adolescente que se apresentava como bastante comunicativa e engraçada, divertindo a todas em grupo — inclusive as mediadoras. Nem sempre opinava muito a respeito dos contos, mas mostrava-se atenta e bastante acolhedora, principalmente quando alguma de suas amigas se emocionava ao falar sobre o que vivia. Sempre que tocamos em algum assunto mais

¹³ A personagem em questão é a irmã mais velha da personagem que narra o conto “A luta”. Porém, não é apresentada o nome delas em nenhum momento. Contudo, escolhi esse nome devido a história.

delicado, Vitória parecia se fechar e não querer falar sobre. Respeitamos seu momento e a deixamos à vontade, afirmando que nenhuma delas era obrigada a falar algo.

Em dado momento, diante da discussão sobre a perda de alguém querido, Vitória falou, muito timidamente, sobre um parente perdido pela violência na comunidade. Trouxe consigo boas memórias vividas com ele e o quão grande era a falta que sentia da companhia de quem se fora. Segurando as lágrimas, ainda falou que, naquele dia em específico, era seu aniversário. Diante do relato, só o silêncio cabia. Suas amigas se aproximaram e a acolheram, enquanto nós, mediadoras, nos oferecemos para ouvi-la.

No conto de Nilo Nobre (“A luta”, 2021), a garotinha teme perder a sua irmã mais velha, sua maior referência. Mas, no final, o melhor acontece e sua irmã sobrevive, se recuperando aos poucos de uma doença e voltando a sua rotina. Infelizmente, para Vitória, as coisas não se deram do mesmo modo. No entanto, após a narrativa, outras experiências de violência foram tomando forma e sendo costuradas num fio de sentido pelas adolescentes presentes, na tentativa de compreender o que se passava e conseguir lidar com aquilo.

Vejo agora que, talvez, naquele momento, o polissíndeto caótico de experiências de violência pode ter convocado Vitória a falar sobre o que parecia urgir. Não apenas por querer compartilhar ou simplesmente fazer parte, nem por ser seu aniversário, mas por já não querer guardar para si algo que poderia ser compartilhado. Ela grita, mesmo com o tom de voz baixo, sobre o vivido e os desdobramentos de ser marcada tão dolorosamente pela perda.

Compreendo, então, o que o caos pode significar. Os gritos, os gestos expansivos, a violência “gratuita” são modos de serem vistas, escutadas, consideradas. A cotidianidade as ensinou que precisam, a todo momento, se defender de algum modo. E, às vezes, a melhor defesa é o ataque. Não importa a quem, pois qualquer um pode machucá-las. Diante disso, pareciam viver em estado constante de alerta, aguardando a próxima desorganização, a fim de reagir e voltar ao conforto.

A existência cotidiana era uma luta constante para todas elas, inclusive Vitória. No entanto, estarmos todas juntas ali, cada uma levando em consideração o seu ponto de partida, possibilitou que algumas coisas se apresentassem de outro modo. O medo se fez presente — acredito que ainda se faz — na existência de

todas nós, mas também havia esperança. Fosse de um futuro melhor ou mesmo de um dia mais tranquilo.

3.3 “A menina que chorou um rio”

Então, a tristeza represada em seus olhos finalmente irrompeu. Perfurou as colunas de concreto, envergou as vigas de ferro, até destruir toda a estrutura de betão. Marina inundava-se. Quanto mais histórias ouvia, mais chorava. Encharcava a si e às pessoas ao redor tão grande era o volume de lágrimas. Uma plateia se formou em frente à sua casa, maior a cada dia, só para vê-la chorar.

[...]

Marina desatou a chorar, dessa vez não pela dor dos outros, mas pelo peso das suas próprias dores. Já não havia vasilhas suficientes para depositar tanta água. Deitada em sua rede, chorou. Suas lágrimas inundavam a casa, escapando pelas frestas das portas e janelas, para inundar também as casas vizinhas. Depois de treze dias e treze noites, não havia mais trilhos do trem, nem vila, nem Marina, só lágrimas. Um rio inteiro de lágrimas (Oliveira, 2021, p. 45-46).

O conto em questão, intitulado “A menina que chorou um rio”, de Rogeane Oliveira (2021), trata da história de Marina, adolescente que, após o abuso cometido por um parente, deixa de falar. Logo passa a ser conhecida na sua cidadezinha e todos vão até ela desabafar e o fazem com certa constância, aproveitando o mutismo da garota. De tanto ouvir, Marina começa a chorar sem parar, o que leva a inundação do lugar. Tal conto foi pensado por levantar a questão do cuidado consigo e com o outro e a importância de compartilhar os sofrimentos. Tal texto trabalha com as sutilezas das entrelinhas, permitindo que o leitor possa tecer as próprias compreensões a respeito dele.

Lê-lo foi relativamente tranquilo, sem muitos percalços. No entanto, o decorrer dos acontecimentos após a narrativa se deram com certa dificuldade. O silêncio se instaurou após a leitura. Nenhuma das garotas queriam falar e não queríamos forçá-las. O silêncio também fala algo, mas, naquele momento, nenhum dos mediadores pareciam conseguir compreender isso. Tal qual os moradores da vila de Marina, parecíamos julgar a todos os presentes pelo que não era verbalizado.

E assim como o silêncio fala algo, os gestos também. E aqui falarei de duas adolescentes em específico, a quem chamarei de Mari e Nina. Mari era uma adolescente bastante divertida, carinhosa e muito comunicativa. Parecia se dar bem com a maioria das garotas do projeto, brincando com quase todas, fosse dentro ou fora do grupo. Já Nina era falante, muito afetuosa e atenta a tudo. Mostrava-se

sempre muito participativa nos grupos, sendo uma das que costumava começar as discussões levantadas. Mari e Nina estavam geralmente juntas, pois eram amigas e, a meu ver, confidentes. Acolhiam uma à outra nos momentos difíceis e riam e brincavam sempre que possível.

No dia em que lemos o conto de Oliveira (2021) naquele grupo, Mari e Nina se mostraram um tanto mais quietas. Principalmente Nina. Respeitamos o movimento de ambas e permanecemos lendo. Ao finalizar a leitura, abrimos para discussão. Após um longo tempo de silêncio, tanto Mari quanto Nina falaram um pouco como foram afetadas pela história, e o que parecia mais gritante em tudo aquilo era como Marina se silenciou diante da violência, mas precisou continuar ouvindo as dores dos outros, sem jamais falar uma palavra.

A ausência de falas a tornou exímia ouvinte. Começou quando a vizinha confidenciou a perda prematura de uma gestação devido ao excesso de peso carregado. “Mulher se fosse bicho era mula.” Depois, o velho dos cem anos sentou em sua calçada e falou durante três horas seguidas da saudade dos filhos, que embarcaram no trem e nunca mais voltaram. A partir daí, foram horas a fio servindo de confidente a cada morador da pequena Vila.

Ouvia cada história, se envolvendo de tal modo que sentia as dores como se fossem suas: o filho prematuro; a solidão na velhice; o marido enforcado na plantação seca; a criança perdida no poço; a perna amputada pelo trem; o anjinho no caixão branco; o sangue da viúva pela casa; a disputa pelo dente de prata; os gritos da louca; as feridas pelo corpo; a visagem da alma e dos corpos sepultados aos nunca encontrados (Oliveira, 2021, p. 44-45).

Mari e Nina relataram como era difícil falar sobre suas dores para as pessoas, tanto por medo de ser julgada quanto de ser invalidada em algum momento. Afirmaram se identificar com a personagem e seu modo de lidar com sua existência, que quase parecia insuportável. Apesar de terem o apoio uma da outra, tanto Mari quanto Nina pareciam falar algo que nós, mediadores, não estávamos alcançando. Não apenas pelo fato de que jamais vamos sentir o que o outro sente, mas porque também estávamos sendo atravessados pelas questões da nossa existência, que também nos deslocava e nos desalojava. Não estávamos conseguindo escutá-las, apesar de estarmos ouvindo-as. E isso, para mim, ficou bem claro no momento em que ambas começaram a chorar copiosamente, se abraçando.

Diante do acontecido, lembro-me vagamente de ter me aproximado e oferecido escuta para ambas, que aceitaram. Mas só ocorreria, em tese, após o grupo finalizar. Destaco aqui o “em tese” porque, na realidade, as coisas se deram

de maneira muito diferente, uma vez que, alguns minutos depois, eu me vi no mesmo lugar que elas. Chorava bastante e precisava ser acolhida e cuidada por outros.

Se Marina fosse meu nome, faria de mim personagem dessa história. Quando escolhi esse texto para ser um dos possíveis para serem trabalhados com os grupos, não imaginei que seria eu a verter rios e rios e quase afogar meus colegas. Não imaginei que, como Marina, estava a carregar coisas demais comigo, forçando-me a ficar calada e a me dispôr sempre, sem importar as condições. Fiz de mim um rio tumultuado e quase me afoguei no que sentia (Neves, 21/09/23).

Lembro-me claramente de me sentir mal por estar sendo acolhida e não aquela que acolhia. “Assim como Marina, percebendo ou não, quis abraçar o mundo e acolher a dor de todos. Ser porto, morada, segurança, acalento, acolhimento, lar. Mas, no processo, esqueci de cuidar de mim — pior: não permiti que ninguém o fizesse” (Neves, 21/09/23). A meu ver, eu estava ali a disposição para as adolescentes. Eu deveria estar disponível para escutá-las e cuidar delas. Eu não deveria estar demandando cuidados. Vi-me em conflito comigo mesma.

Vivemos de modo tão impróprio em nosso cotidiano que esquecemos — ou simplesmente ignoramos — o fato de que as pessoas que gostamos podem nos machucar. Elas também carregam consigo seus conflitos e compreensões de mundo que, muitas vezes, diferem dos nossos. Mas, pela proximidade e ilusão de conhecimento, acabamos deixando de lado a imprevisibilidade que todos são passíveis de algum modo.

Com isso, não quero dizer que Mari e Nina ficaram chateadas comigo, longe disso. Depois conversei rapidamente com elas e expliquei que ficamos impossibilitados de realizar a escuta, ambas foram compreensivas. Na realidade, fiquei chateada comigo mesma, por não poder cumprir com minha promessa e estar lá para escutá-las. Mas agora penso que, caso eu tivesse me disponibilizado, mesmo não estando bem, poderia ter agido como Marina: ouvindo tudo de todos, sem falar nada. E precisando lidar com tudo que lhe chegava e lhe atravessava, sozinha.

É comum percebermos, no início de nossa prática, que teoria e prática são bem diferentes. Durante o percurso acadêmico, comumente somos “preparados” e munidos de diversas teorias a fim de construir uma base sólida para o momento da prática — momento esse, inclusive, que costuma ser muito aguardado pelos alunos.

No entanto, nem sempre nos alertam sobre as dificuldades de se colocar à disposição. Isso se dá por motivos vários, sobretudo por estarmos em um mundo acelerado e adoecido, onde, a todo momento, se necessita de soluções rápidas para os problemas emergentes. E não é raro que o psicólogo seja colocado nesse lugar de solucionador de tudo. Nossa escuta, portanto, acaba ganhando o caráter resolutivo: o paciente fala do problema e o psicólogo traz a solução — pelo menos, é isso que nossa sociedade demanda (Souza, 2007).

Assim, ainda que possamos compreender esse momento de a sociedade se encaminhar, e que não busquemos corresponder a ele, é comum que acabemos caindo na cotidianidade e procurando, de algum modo, nos dispôr sempre. Aqui falo de um dispor-se que até leva em conta o aguardar das coisas, mas também se coloca nesse lugar de que é preciso estar sempre disponível para. Diante disso, me pergunto: precisamos? Não obstante, diante de populações que são comumente subalternizadas e que lhes é tolhido a possibilidade de fala e de escuta, urge, então, a necessidade de um espaço em que se possa ser escutado, em que seu sofrimento não seja, a todo momento, invalidado de alguma forma. E, frequentemente, nos colocamos nesse lugar de oferecer escuta aos silenciados (Souza, 2007).

Com isso, não quero dizer que não devemos escutar ou dar atenção àquilo que emerge, mas procurarmos compreender como aquilo também nos atravessa. Só posso compreender o outro a partir do meu horizonte existencial. Isso significa que toda compreensão tecida por mim está afinada com alguma afetação. Afetação essa que fala da maneira como experienciamos os fenômenos, como eles me marcam e como eu compreendo e lido com isso. Sempre levando em consideração o fato de que não estamos sós no mundo, vivemos junto a outros. Outros esses que me atravessam a todo momento, de algum modo (Morato, 2013).

Portanto, aquilo que o psicólogo clínico escuta também é um testemunho que pode lhe marcar, perdurar e lhe direcionar para um lugar outro, para o desconhecido. Nesse sentido, penso que disposição e disponibilidade se mostram de modos diferentes. Posso estar disponível, mas nem sempre estar disposta, e vice-versa. Assim, é preciso dar-mo-nos conta que nem sempre é possível nos dispormos, ainda que queiramos. Não podemos controlar a maneira como somos afetados, podemos apenas lidar com essas afetações.

O que quero trazer aqui, portanto, é a maneira como nós, psicólogos, frequentemente nos colocamos nesse local de disposição e disponibilidade para

com os outros, a fim de ajudá-los, de alguma maneira, a caminhar e estar juntos. Porém, aparentemente não conseguimos lidar muito bem quando somos nós a precisar da disponibilidade e da disposição do outro. Digo isso não apenas por experiência própria, mas por narrativas ouvidas de colegas e amigos de profissão.

Imagino que, em algum momento da nossa vida profissional, todos nós nos apresentamos como Marina: muda, mas atenta. Confusa e atravessada por milhares de compreensões que nos tomam e ameaçam nos afogar. E com a constante sensação de que precisamos lidar sozinhos com tudo. Mas precisamos? Diante disso, “Marina se fez rio. E faço de mim, jornada” (Neves, 21/09/23).

3.4 “O Bicho”

Tininha lembrou-se do conselho de Juliana: “*Se você ficar quieta, acaba mais rápido*”. Recusou-se.
 Se debateu, chorou, gritou, amaldiçoou-o. Ele riu:
 — No escuro, vocês são todas iguais.
 Mordidas. Tapas. Palavras que Tininha foi ensinada a nunca repetir.
Só quero morrer.
Correr.
Matá-lo (Neves, 2021, n.p.).

O conto intitulado “O Bicho” (Neves, 2021) traz a história de Tininha, moça que mora numa vila pequena e tranquila. Até que um bicho desconhecido começa a atacar as mulheres jovens do lugar, deixando-as temerosas em sair de casa ou simplesmente dormir. No desenrolar da história, Tininha também é atacada e descobre que o bicho do qual todas falavam era apenas um homem violento. Ela luta ferozmente para sobreviver a ele e consegue. Mas não permite que ele sobreviva para continuar violentando outras mulheres. Esse texto em específico é mais denso e bastante explícito em comparação aos outros. Não detalha os estupros, mas narra a tentativa de Tininha em sobreviver ao seu agressor, o que pode vir a ser incômodo para alguns leitores.

O conto em questão surgiu devido a um pedido direto feito pelo grupo, por algo que falasse sobre as possíveis violências na comunidade e as dificuldades em reconhecer-se como mulher nesses contextos. Assim,

Fiquei bastante reticente em levar esse conto para essa população. Não apenas pela violência explícita, mas pelo acontecimento. Sabemos que a maioria delas sofreu abuso sexual em algum momento da vida e eu não queria cutucar uma ferida que parecia não querer fechar. Passei quase um

ano (grupos de 2023.1 e 2023.2) evitando trazer esse conto. Mas, por causa dos assuntos que elas traziam com certa frequência, coloquei ele como uma possibilidade e abri votação¹⁴.

Ele venceu.

Mulheres votaram para que ele fosse trabalhado, e assim foi.

Lê-lo foi... difícil. Me preocupava em como as meninas o receberiam e como se sentiriam quando a narrativa cessasse. [...] (Neves, 26/04/24).

Cabe ressaltar aqui que o conto em questão foi escrito por mim anos antes de ser trabalhado com as adolescentes. “Quando escrevi esse conto parti de um medo que andou comigo desde muito nova, quando percebi todas as violências que poderia sofrer simplesmente por ter nascido e me compreender como mulher [...]” (Neves, 26/04/24). Escrevi-o para uma atividade numa comunidade de escritores da qual participo, onde sua maioria é composta por homens. Apesar da tensão em apresentar sobre um tema tão delicado, fui bastante elogiada e acolhida quando apresentei esse conto; mas admito que trabalhá-lo com adolescentes que poderiam ter sofrido o mesmo tipo de violência me deixou muito mais tensa.

Lembro-me claramente dos olhares trocados entre eu e a outra mediadora quando as adolescentes viram o título do texto. Temíamos o que poderia acontecer e, sendo bem honesta, acredito que esperávamos por algo muito ruim, tínhamos receio, medo do que poderia se desdobrar a partir da leitura. O fim da história era quase visceral, descrevendo como a vítima se transformava, pouco a pouco, no agressor. Não sabíamos como elas compreenderiam aquilo, mas precisávamos nos arriscar a fim de tecer compreensões possíveis sobre aquele tema.

Contudo, fui surpreendida. As adolescentes receberam bem o conto e a discussão iniciou logo após terminar a leitura. Ouvimos relatos de outras formas de violência contra elas e a maneira como costumavam reagir — geralmente, procurando se afastar do agressor. Mostrou-se para mim, mas uma vez, meus limites. Dessa vez, não apenas como psicóloga ou acadêmica, mas como mulher. Senti-me “[...] muito triste por perceber que a mulher ainda é subjugada e violentada a todo momento — e parece que isso é o que mais compartilhamos, não importa nossas diferenças” (Neves, 26/04/24). É certo dizer, no entanto, que nossas diferenças se clareiam em frente aos privilégios que temos ou não. Por ser uma mulher adulta e com certos privilégios, as violências que sofro são totalmente

¹⁴ A maior parte dos contos utilizados, antes de chegarem nas adolescentes, eram separados por mim e disponibilizado para o grupo de psicologia. Escolhia ao menos 2 a partir dos temas elencados, disponibilizava o material e abria votação. O texto mais votado por todo o grupo era lido e discutido com o grupo.

diferentes daquelas sofridas pelas adolescentes pretas e pardas que se encontram em um contexto de vulnerabilidade — grande maioria participante do projeto —, que são constantemente hipersexualizadas e importunadas, estejam elas sozinhas ou em grupos.

Essas adolescentes, até mesmo dentro de suas casas e locais que, em tese, deveriam ser seguros, sofriam violências constantes — fossem sutis ou escancaradas. E, como se já não bastasse um contexto tão agressivo, ainda corriam o risco de serem violentadas por aqueles que eram responsáveis por cuidar delas. Assim, não foi raro perceber em suas narrativas um misto de tristeza e raiva diante do que lhe acometia. Havia medo perpassando os relatos trazidos, mas também parecia haver uma ânsia enorme por continuar existindo.

Diante disso, também surgiram narrativas de identificação com a personagem e sua coragem em fazer o que fez. Algumas delas, a meu ver, pareciam sentir-se vingadas pelo ato da personagem. Pareciam se enxergar tanto em Tininha quanto nas outras mulheres e meninas violentadas que aparecem no final do conto, como podemos ver a seguir:

Quando o Bicho acordou, pôde encarar o rosto de todas elas. Deixando os maridos em suas camas dormindo, todas as mulheres, moças e meninas saíram para saudá-lo. Prosear. Fazer sala pro bicho que se fingia de homem. Pro homem que agia igual a bicho. Também não lhe deixaram gritar (Neves, 2021, n.p.).

Ouso dizer que, de certo modo, houve alguma satisfação por parte das adolescentes ao descobrirem o que as mulheres violentadas fizeram com seu agressor. Não irei – nem posso – me isentar e dizer que, de alguma forma, também me senti satisfeita. Ao escrever sobre, penso agora, que talvez quisesse mostrar que, de certo modo, somos todas vítimas, *mas não somos apenas vítimas*. As violências sofridas nos marcam, mas não são capazes de definir quem somos. Jamais.

Algumas delas, inclusive, trouxeram o conto para mais perto de si. Identificaram o local como sendo parecido com sua comunidade. Identificaram o agressor como sendo alguém que estava próximo. Imaginaram o que teriam feito se estivessem no lugar de Tininha. Discutiram sobre as ações de Juliana, personagem secundária que, ao contrário de Tininha, permaneceu quieta durante a violência, afirmando que “Se você ficar quieta, acaba mais rápido” (Neves, 2021, n.p.). Críticas

foram tecidas, afirmando que a garota deveria ter reagido como a personagem principal. Diante disso, nós mediadoras refletimos junto a elas que cada uma reage a violência a seu modo, a depender do contexto. E que, independente da forma como se reage, continua sendo um ato de coragem.

Diante disso, percebo agora porque, muitas vezes, as adolescentes do projeto foram taxadas de “barulhentas”, “difíceis”, “agressivas”, “teimosas” etc. Não era simplesmente por não aceitar qualquer suposta autoridade, mas porque vinham de contextos onde, constantemente, passavam por situações em que precisavam sobreviver. Muitas vezes, temeram por suas vidas e pelas vidas daqueles que amavam. A meu ver, pareciam que precisavam se impor e mostrar que não seriam violentadas novamente, nem que, para isso, precisassem assumir ações que também fossem violentas para com os outros.

Dou-me conta nesse instante enquanto escrevo que não discutimos outras maneiras de reagir a violência, seja ela qual for. Contudo, também penso que o grupo, naquele momento, não seguiu por esse caminho, pois as próprias adolescentes precisavam falar sobre toda a sua raiva e frustração diante das violências sofridas que não eram punidas. Urgiu ali a necessidade de, assim como Tininha, trazer para a roda as agressões sofridas a fim de fazer algo a respeito daquilo. Tininha e as outras mulheres usaram as mãos para punir o agressor. As adolescentes usaram das narrativas para lidar com o que tinham sofrido. Cada uma a seu modo.

4 VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTO-JUVENIL E POSSÍVEIS DESDOBRAMENTOS EXISTENCIAIS: ALGUMAS REFLEXÕES NECESSÁRIAS

Neste capítulo, busco pôr em problematização a violência, principalmente a questão da violência sexual contra crianças e adolescentes, fenômeno que atravessa a existência de muitos jovens pertencentes a comunidades economicamente vulneráveis no Brasil. No caso das adolescentes acompanhadas no projeto, foi possível compreender que todas, de certa maneira, são marcadas por situações e contextos de muita violência e de violações de direitos, sendo, inclusive, algumas, vítimas de violência sexual; o que também apontou para a necessidade dessas reflexões.

Ao recorrermos aos dados da violência sexual contra crianças e adolescentes, foi constatado que no público infantil, 76,8% das notificações de violência sexual ocorreram entre meninas de 5 a 9 anos (53,8% e 60,1%), pretas ou pardas (42,2%) do Sudeste do Brasil (43,2%), tratando-se, em sua maioria, de estupro (57%) por parte de um agressor do sexo masculino (80,8%). Já no público adolescentes, entre 10 e 19 anos, 92,7% das notificações foram de meninas, pretas e pardas (60,3%) da Região Sudeste do Brasil (32,8%). A violência mais ocorrida foi o estupro (66,4%), que aconteceram na residência da vítima (63,5%), por uma pessoa do sexo masculino, geralmente um amigo, conhecido ou familiar (22,6%) (Brasil, 2024).

Para além disso, é necessário tecermos de modo mais amplo algumas considerações a respeito do que chamamos aqui de violência e quais seus possíveis atravessamentos na existência de quem a sofre e/ou a pratica. A violência é um fenômeno multifacetado, manifestando-se de maneiras diversas, a depender de quem a pratica ou do contexto na qual acontece. Fala, de maneira geral, de um lugar de poder e imposição daquele que a executa (Brasil, 2024), negando à vítima a possibilidade de exercer os seus direitos como ser humano. Pode ocorrer de maneira direta ou indireta, praticada por um ou mais indivíduos contra uma ou mais pessoas, de maneira proposital ou acidental (Neves *et al.*, 2010). Em sua tipologia, a violência é subdividida em violência física, violência psicológica, violência moral, violência patrimonial e violência sexual, sendo aqui focado principalmente na última — o que não quer dizer que as outras se fazem ausentes. Importa destacar que, mesmo uma violência sendo tipificada em uma direção, não quer dizer que outros modos não estejam presentes, seja de forma implícita ou explícita.

Ao pensarmos sobre a violência, podemos recorrer a Arendt (2023) quando explicita que toda violência é regida pelo objetivo de chegar a um resultado desejado. Assim, muitas vezes, se tem a ideia de que o fim justifica os meios, de modo que qualquer ação, inclusive a violência, pode ser empregada desde que leve ao fim desejado/almejado. O emprego da violência está comumente atrelada a relações de poder, sendo este compreendido por Arendt (2023, p. 48) como “um instrumento de domínio”. De modo que a violência ocorre em conjunto ao poder, a fim de impor algo a alguém que, geralmente, é subjugado no intuito de que a vítima sirva ao querer de quem a domina.

Durante todo o projeto, os entrelaçamentos entre violência e poder puderam ser testemunhados tanto nas narrativas das adolescentes quanto nas relações estabelecidas entre elas. Não obstante, os modos de se relacionar estavam comumente atravessados pela imposição da vontade daquele que agia, fosse porque gostaria que as coisas acontecessem à sua maneira, fosse por dificuldade em estabelecer um diálogo e, assim, conseguir construir acordos entre as partes. Diante disso, por diversas vezes, a violência se instaurou no modo como elas se relacionavam entre elas, sem se darem conta do que poderiam estar fazendo umas com as outras. A violência, muitas vezes, parecia estar naturalizada entre as adolescentes, de modo a não perceberem que estavam a praticá-la ou ser vítimas dela.

Devido a diversos fatores e um contexto difícil, a violência perpassa a existência da maior parte dessas meninas. É a maneira como elas aprender a se comunicar e até mesmo a sobreviver em um meio que, muitas vezes, se mostra hostil. E é de se esperar que, de certo modo, ainda que o ambiente mude, elas ainda sejam violentas umas com as outras — beirando, inclusive, o desrespeito (Neves, 18/05/23a).

Nessa direção, me vem a lembrança Vitória — adolescente já citada no capítulo anterior — que, ao mesmo tempo que tem uma existência marcada por diversas situações de violações de direito e de violência, também não compreendia como o seu modo de ser/estar junto às demais adolescentes do projeto também era atravessado, constantemente, por ações violentas. Ela, em muitos momentos nos encontros grupais, mostrava-se sensibilizada para acolher o sofrimento e as narrativas compartilhadas pelas colegas, mas, fora dos grupos, não era raro percebermos ações que subalternizava essas mesmas colegas, instituindo-se entre

elas as mesmas relações de poder e domínio e, conseqüentemente, de violências. Tal situação torna, por si só, Vitória uma má pessoa? De forma alguma, mas revela, mesmo que superficialmente, a naturalização, ou melhor dizendo a “banalização”¹⁵ da violência e a maneira como ela pode ser usada para delimitar espaços de poder e determinar aquilo que “presta” e aquilo que “não presta”.

A violência, no contexto de Vitória, aparece também como um modo de distinguir quem tem a “mente fraca” e quem aguenta as situações de violência de cabeça erguida de modo a separar o “joio” do “trigo”, ou melhor, os fortes dos fracos, aqueles que manda e os que são dominados. Em consonância, buscar dominar pode ser o melhor modo, com frequência, para sobreviver à própria situação de violência. E, nesse sentido, parece existir em meio a algumas dessas adolescentes a compreensão de que, quanto mais se violenta, mas se aguenta, suporta a própria violência sofrida, na medida que é vista como forte.

Ouvi diversas vezes das adolescentes que “a gente precisa ser forte, né?”, mesmo diante de situações que se estava a falar de violências sofridas ou mesmo exercidas. Horizonte que, a meu ver, parece também dizer para essas adolescentes que elas precisam suportar essas situações vivenciadas. Será que não apropriar-se ou perceber que determinadas ações são violências é um modo de tentar permanecer sendo forte? Não foi raro momentos em que as adolescentes narravam violências sofridas, ou mesmo praticadas, e não conseguiam se dar conta de que aquilo tratava-se de violências.

Por outro lado, a possibilidade de desistir da existência parece ser um horizonte que também se faz visível nesse contexto, não sendo raras as situações em que algumas denunciavam um desejo de “morrer”, falavam sobre a vontade de pôr fim ao sofrimento e, nesse sentido, anunciavam a possibilidade do pôr fim a própria vida. Situação que, durante os dois anos do projeto, em nenhum momento concretizou-se, mas que muitas vezes se enunciou. Nessa direção, vem-me fortemente Verônica, adolescente também já falada no capítulo anterior.

Não fui eu quem fez a escuta inicial de Verônica, sua história foi compartilhada no espaço da supervisão, e confesso que, diante de tantas histórias sofridas, a dela, inicialmente, mostrou-se como apenas mais um grito em meio a uma multidão ensurdecadora. Tocou-me ouvir sobre... inquietei-me ao testemunhar

¹⁵ Aqui, inspiro-me em Arendt, quando a autora fala sobre a banalização do mal. Até que ponto essa banalização da violência não diz exatamente dessa banalização do mal? Fica a interrogação.

a narrativa de quem a escutou, mas parecia já haver tanto com o que lidar... Deixei de apropriar-me daquilo e, hoje, penso se também não cometi uma violência para com ela. Violência essa que, de algum modo, ela também estava cometendo contra si mesma.

Quando Verônica — assim como várias outras adolescentes — afirma que precisa “ser forte”, penso se também não estão se violentando no processo. Passam a se encaminhar na vida acreditando que devem suportar tudo, a todo custo. Mas penso que carregar o mundo nas costas acaba, em algum momento, cansando. Parece que tudo torna-se uma preocupação, um “será que consigo dessa vez?”. E, diante da impossibilidade de controlar tudo e a todos, o fim começa a se mostrar um belo alívio. O suicídio não seria, portanto, uma forma de largar o mundo no chão e poder respirar um pouco?

Para Verônica, ousar, talvez, dizer que sim, o que não significa dizer que estou a fazer apologia ao suicídio, nem mesmo falar que tal possibilidade seria fácil de ser aceita, nem mesmo a única saída, ou que seria uma saída. Já que, por muitos, poderia ser visto como uma desistência. Em carta escrita em uma das intervenções grupais, Verônica aborda seu desejo de findar com todo o sofrimento e se ver livre do que lhe atormentava, o que por si não quer dizer que queria extinguir com a sua existência. Mas, na medida em que parecia se culpar por todo o tormento passado e que a circundava, parecia que também dar fim à sua existência poderia ser uma possibilidade. Agora me pergunto se, nesse contexto, suicidar-se também não seria uma violência, mesmo compreendendo que também poderia ser uma possibilidade existencial, por mais difícil que nos pareça.

Vale, nessa direção, atentarmos para o alerta feito por Arendt (2023) ao apontar para o perigo da violência, uma vez que, ainda que ela seja algo usado a curto prazo — a fim de conquistar algo momentaneamente —, também tem a possibilidade de instaurar algo novo, através da ação. Portanto, “A prática da violência, como toda ação, muda o mundo, mas a mudança mais provável é para um mundo mais violento” (Arendt, 2023, p. 92).

4.1 Violência sexual contra crianças e adolescentes

Apesar do combate a violência sexual contra crianças e adolescentes ainda ser uma luta relativamente recente (Libório, 2013; Ferraz; Veloso; Cabral, 2021; Neves *et al.*, 2010), tal situação é um fenômeno presente em toda a história da humanidade. Mas que vai sendo compreendida de formas diferentes a depender do contexto epocal na qual é discutida (Libório, 2013), assim como a própria compreensão de infância ou adolescência, essa até mesmo ausente em muitas civilizações.

A violência sexual caracteriza-se como uma ação na qual o perpetrador usa de sua posição de poder para se impor sobre a vítima, usando de artifícios diversos (força física, coerção, intimidação, armas, drogas etc.) a fim de forçá-la a interagir sexualmente ou usar da sexualidade para obter algum ganho, seja financeiro ou não (Brasil, 2024). Parte-se, então, da compreensão da vítima como mero objeto, passível de ser usada e descartada após servir ao seu propósito (Libório, 2013).

A violência sexual contra crianças e adolescentes configura-se como um agravamento de natureza sociocultural compreendido a partir de diferentes dimensões e que se expressa nas relações sociais de classe, gênero e de raça/cor e suas interseccionalidades. Trata-se de um grave problema de saúde pública que viola os direitos humanos e exige esforços conjuntos do poder público e da sociedade para coibir sua prática com o intuito de diminuir a distância entre o panorama legal e a realidade das cidades brasileiras (Brasil, 2024, p. 1).

Vale ainda destacar que a violência sexual contra crianças e adolescentes está articulada a questões de poder, de controle e numa ideia de hierarquização entre o adulto e a criança, na qual ela precisa se submeter às vontades de quem detém a autoridade — neste caso, o adulto. Parte, pois, da concepção de que a criança e o adolescente, por ainda estarem em processo de amadurecimento, não sabem o que devem fazer e precisam prestar obediência aqueles que lhes provêm suas necessidades, reforçando uma ideia adultocêntrica a respeito dessas relações geracionais (Ferraz; Veloso; Cabral, 2021).

No contexto vivido durante todo o projeto, foram inúmeras as vezes em que me deparei com discursos que se sustentam e propagam essa concepção de autoridade vinda dos adultos. Se o adulto responsável pela adolescente ordenava que algo era para ser feito, então não caberia questionamentos a respeito daquilo. A ordem era precisa ser levada a cabo, independente do querer e da disposição da

adolescente para com isso. Assim, muitas janelas se abriam para que a perpetuação da violência se desse de algum modo, inclusive quando se tratava da violência sexual.

A obediência ao adulto tornava-se um imperativo inegável, não importando quem fosse esse adulto — podendo ser da família ou não. Nessa direção, algumas adolescentes se viram em confusão, sem entender bem se os assédios e abusos sofridos eram, de fato, uma violência, já que partia de uma ordem dada por aquele que detinha o poder. Se, para essas meninas, não lhes era dada a possibilidade de negar, fazer algo, então, nesse contexto, haveria também a possibilidade de pensar em consentimento? Parece-me, portanto, que lhes era tolhido a possibilidade de apropriar-se de suas decisões, de seus quereres, dando a elas a possibilidade única de serem vistas e tratadas como meros objetos.

Vale ainda lembrar que o termo *violência sexual* abrange tanto o conceito de *abuso sexual* quanto o de *exploração sexual*. O abuso caracteriza-se pelo uso da criança ou adolescente para gratificação sexual de adultos, podendo ser através de contato físico ou não (Libório, 2013). A violência sexual, seja o abuso e/ou a exploração, podem ocorrer fora do seio familiar, também chamado de extrafamiliar; ou dentro do seio familiar, conhecido como intrafamiliar.

Para entender melhor os pormenores dessas situações, recorro, então, à conceituação da exploração sexual, segundo a *End Child Prostitution, Child Pornography and Trafficking of Children for Sexual Purpose*¹⁶ (ECPAT), em que a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes (ESCA) trata-se de quando há a troca de dinheiro ou algo de valor por favores sexuais, colocando a criança ou adolescente como o objeto da troca, em que o dinheiro/objeto geralmente vai para a criança ou para uma terceira pessoa envolvida (Libório, 2013).

Existem diversas modalidades de exploração sexual, sendo as principais (Libório, 2013; ECPAT, 2022):

¹⁶ “Fim da Prostituição Infantil, Pornografia Infantil e Tráfico de Crianças para Fins Sexuais”, trata-se de uma organização internacional, sediada em diversos países, que luta contra a exploração infantil (ECPAT, 2022), levando em consideração a Convenção dos direitos da criança da Organização das Nações Unidas (ONU), onde “criança” abrange pessoas de 0 a 18 anos de idade (Libório, 2013).

- 1) *Exploração*¹⁷: atos sexuais performados pela criança ou pelo adolescente a fim de angariar dinheiro ou algo de valor. Nem sempre é a criança que recebe o valor da troca, podendo incluir terceiros. Além disso, existe a possibilidade da promessa de algo em troca do sexo, mas o objeto nunca ser entregue de fato;
- 2) *Exploração sexual no contexto do turismo*: trata-se do ato de viajar para fins de atos sexuais com crianças, podendo se dar dentro ou fora do país do viajante. Pode ocorrer de forma proposital, quando o viajante busca viajar já com esse intuito, ou de forma oportuna, quando, diante da possibilidade, o viajante busca crianças ou adolescentes para fins sexuais;
- 3) *Tráfico para fins sexuais*: “[...] refere-se ao recrutamento, transporte, alojamento, transferência ou recebimento trans-fronteiriço ou interno de crianças para fins de exploração sexual” (Libório, 2013, p. 122). Para tanto, pode ser usada a força ou outras formas de coerção, utilizando, geralmente, da posição de poder do abductor e da posição de vulnerabilidade da vítima (ECPAT, 2022);
- 4) *Pornografia infantil*: conteúdos reais, virtuais ou simulados de crianças em atos sexuais explícitos, para fins sexuais. Podem ser em forma de imagens, vídeos, gifs etc. Segundo Libório (2013, p. 122), “O uso generalizado e o desenvolvimento da internet e outras novas tecnologias expõem jovens, cada vez mais, a situações potencialmente exploratórias e têm ampliado a distribuição e compartilhamento de imagens abusivas”.

No que diz respeito à realidade das adolescentes acompanhadas, de modo geral e a fim de não expor ninguém, compreendi que grande parte das participantes estavam em contexto de exploração sexual ou corriam risco devido a seu entorno e ao contexto existencial em que se encontravam. Algumas poucas, ao chegarem ao nosso encontro — ao grupo de psicologia —, já deixaram explícitos em suas narrativas que a experiência de tal realidade mostrava-se como um caminho, muitas

¹⁷ Apesar de Libório (2013) ter traduzido, em seu trabalho o termo “*exploitation*” como prostituição, o próprio ECPAT (2022) traz que tal termo é empregado erroneamente, uma vez que, em alguns países, a prostituição é legalizada; assim, tal termo pode ser compreendido de forma equivocada. Portanto, aqui, decid permanecer com a tradução literal, que fala de “exploração” ou “aproveitamento”.

vezes, para conseguir manter questões básicas da sua sobrevivência e/ou de sua família. Em muitas outras situações, ao escutar suas histórias, surgiam as suspeitas, algumas confirmadas, algumas negadas, e outras permaneceram sem resposta.

Não surgiu nenhuma narrativa que apontasse para a exploração sexual no contexto do turismo. No que diz respeito à questão de tráfico para fins sexuais, apesar de não ser nomeado desse modo, houveram situações em que meninas mudaram de local — fosse dentro ou fora da RMR — de modo a facilitar a situação da exploração. Em algumas situações, aparentemente, por iniciativa da própria adolescente, enquanto, em outros, foi possível perceber a influência de alguns adultos nessa decisão — fossem da família ou não.

No que diz respeito a pornografia infantil, com o avanço da internet e da chamada *dark web*¹⁸, essa modalidade de violência tem se mostrado como caminho para muitas adolescentes “ganharem dinheiro”, sem se darem conta — muitas vezes — que se trata também de um modo de exploração sexual. Nesse contexto, algumas adolescentes viram a oportunidade de vender conteúdo adulto para desconhecidos, mas buscando garantir o mínimo possível de segurança, já que não precisavam de contato físico. Principalmente no contexto pandêmico de Covid-19 e da crise econômica advinda disso, algumas meninas viram nessa modalidade uma oportunidade de angariar dinheiro ou itens de valor que pudessem ajudar na sua sobrevivência.

Apesar de toda a conceituação e distinção entre os tipos de violência sexual, é necessário salientar que foi apenas em meados do século XX que a violência contra crianças e adolescentes passou a ser discutida e começou a ser reconhecida como um crime contra a integridade desse público. Até meados da década de 1970, era apenas descrito e identificado a violência, mas nem sempre algo era feito. Foi entre 1970 e 1980, apenas, que maus tratos contra crianças e adolescentes passou a ser reconhecido e prevenido. Na mesma época, começou-se a debater a respeito da violência como questão de saúde pública em nosso país, resultando, em 1990, na criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que visa assegurar a esse público o direito à vida (Neves *et al.*, 2010). Diante desse marco histórico,

¹⁸ Parte oculta da internet que não é possível de acessar por navegadores convencionais, pois fere o regulamento de usuários, pois trabalham com conteúdos, em sua grande maioria, ilícitos (como, por exemplo, a pedofilia e o terrorismo).

instaurou-se também o dia 18 de maio como o dia nacional de combate ao abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes (Libório, 2013).

Contudo, apenas em 1996 ocorreu o I Congresso Mundial Contra a Exploração Sexual Comercial de Crianças, em Estocolmo, convocando as potências mundiais a discutir e lutar contra esse fenômeno (Libório, 2013). Quatro anos depois, o Governo Federal brasileiro implementou o Plano Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual Infanto-Juvenil, visando a proteção e defesa dos direitos das crianças e adolescentes por meio de ações e intervenções políticas e financeiras (Neves *et al.*, 2010). Tinha como principais objetivos:

- 1) análise da situação (diagnosticar e caracterizar o fenômeno em todo o país);
- 2) mobilização e articulação (comprometer a sociedade civil, por meio de articulações nacionais e regionais, com o combate à situação);
- 3) defesa e responsabilização (empreender esforços na responsabilização dos agressores sexuais e na defesa da criança e do adolescente);
- 4) atendimento (efetuar e garantir atendimento especializado em rede a crianças e adolescentes expostos à violência sexual e a suas famílias, realizado por profissionais especializados e capacitados);
- 5) prevenção (desenvolver ações preventivas contra a violência sexual e fortalecer a autodefesa de crianças e adolescentes);
- 6) protagonismo juvenil (promover a participação ativa de crianças e adolescentes na defesa de seus direitos e na execução de políticas de proteção de seus direitos) (Libório, 2013, p. 124).

Já em 2001 ocorreu a implantação do chamado anteriormente de Programa Sentinela, que tinha como objetivo “investir recursos em projetos que privilegiassem o atendimento social especializado às crianças e aos adolescentes vítimas de algum tipo de violência sexual” (Neves *et al.*, 2010, p. 103). Atualmente é coordenado pela Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República (SEDH) e passou a se chamar Serviço de Enfrentamento à Violência, ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes (Neves *et al.*, 2010).

Contudo, cabe ressaltar o fato de que, mesmo que alguns avanços tenham sido alcançados, ainda há muito o que se fazer a respeito, principalmente no que diz respeito às populações econômica e socialmente vulnerabilizadas que, muitas vezes, não são devidamente orientadas sobre tais programas ou como identificar e/ou prevenir situações de violência sexual. Além disso, o fato de a violência sexual ainda ser um tema considerado um tabu em nossa sociedade dificulta ainda mais a propagação de informações e a busca por ajuda em casos de agressão. Assim,

debruçarmo-nos sobre tal fenômeno torna-se não apenas necessário, mas imprescindível.

4.2 Questões de gênero e suas implicações

Ao tratarmos a dinâmica da violência sexual contra crianças e adolescentes, mostra-se necessário levar em consideração diversas perspectivas, como, por exemplo, a questão do gênero. Isso se dá, pois, os ensinamentos passados de geração em geração, seja pela família ou outros membros que participem da criação de uma criança, se pauta nas diferenças binárias entre o que é popularmente compreendido como feminino e masculino. Diante disso, a maneira como a violência é vivenciada e perpetuada também apresenta distinções (Ferraz; Veloso; Cabral, 2021).

Trataremos aqui a questão do gênero levando em consideração os marcadores sociais de como este é compreendido, partindo do binarismo instaurado, a fim de discutir e problematizar essas diferenças quando se trata da violência sexual contra crianças e adolescentes. Partiremos dessa premissa uma vez que as representações do que é considerado ser mulher e ser homem, em nossa sociedade, é o que organiza a maneira como lidamos uns com os outros (*ibid.*).

A partir dessa compreensão, vale reconhecer que no encontro com as adolescentes do projeto, deparei-me com discursos que demarcavam as distinções entre os gêneros e a maneira como a violência é encarada a partir desse viés. Não era raro ouvir das próprias meninas frases como “mas ela *tava* pedindo”, “mas também ela fez por onde” ou “ela não é mulher de família”. Tais modos de encarar a violência sexual contra as mulheres reforçam ainda mais o machismo estrutural em que nossa sociedade se baseia. Demonstram, em consonância, como essas adolescentes acabam se relacionando consigo mesmas e com outras mulheres, deixando claro que alguns comportamentos são aceitáveis vindos de uma mulher, e outros, não. Falava-se sobre andar sozinha na rua, relacionar-se com várias pessoas ao mesmo tempo — o famoso “ficar” — e não fazer o que os parceiros mandavam como motivos que justificavam a violência sexual.

Isto posto, vale reconhecer que tanto mulheres adultas quanto crianças e adolescentes são atingidas pelo sexismo de uma sociedade patriarcal, onde se é incentivado o domínio do homem sobre aqueles que são considerados frágeis. Assim, a violência contra crianças e adolescentes se pauta tanto na questão

adultocêntrica, quanto na ideia de domínio do forte sobre o mais fraco, o que, muitas vezes, ocorre entre homens adultos e meninas (Ferraz; Veloso; Cabral, 2021).

Diante desse contexto machista e patriarcal no qual vivemos— mesmo que não percebamos —, contraditoriamente¹⁹ ainda parece haver uma certa ideia de que é “normal” um adulto relacionar-se sexualmente com um adolescente. Nessa perspectiva, inúmeras vezes testemunhei discursos de adolescentes que buscavam por parceiros mais velhos que, com frequência, dizia de que modo elas deveriam se comportar e o que deveriam fazer. É certo dizer também, porém, que algumas dessas adolescentes se mostravam irreduzíveis no seu modo de ser e de encarar o mundo, o que, muitas vezes, resultava em atritos com seus parceiros e/ou família. Nesses atritos, era comum elas ouvirem que eram “teimosas”, “difíceis”, “cabeça dura”, “impossível” etc. Enquanto as atitudes mais imperativas de seus parceiros eram vistas como sinônimo de virilidade, sendo reafirmada e justificada com a premissa do “mas ele é homem, homem é assim mesmo”.

Isto posto, podemos perceber que as meninas são incentivadas à docilidade e ao cuidado com os outros, a fim de manter uma suposta ordem. Enquanto os meninos são incentivados a comportamentos mais imperativos, que suponham certa ação e, em alguns casos, agressão, a fim de conquistar o que se deseja. A partir disso, Ferraz, Veloso e Cabral (2021) trazem que a normatização de tais condutas acabam reforçando a ideia de amadurecimento precoce das meninas, no intuito de tornar-se ligeiramente aceitável a objetificação de seus corpos e abrindo espaço para comportamento abusivos da parte dos meninos. Não é à toa, portanto, que os abusadores de meninas adolescentes se tratem, geralmente, de homens adultos, e os agressores de crianças do sexo feminino podem ser tanto homens adultos quanto adolescentes do sexo masculino.

Assim, não é incomum que as próprias adolescentes comecem a se ver também pelo viés do amadurecimento precoce. Isso pode resultar, inclusive, na própria sexualização dessas jovens por parte delas, onde parece se mostrar necessário que, para se reafirmar quanto mulher, seus corpos precisem ser exibidos e desejados, principalmente por homens mais velhos com os quais desejam se relacionar ou já se encontram se relacionando — comumente apelidados de “meu coroa” pelas adolescentes do projeto. Cria-se uma visão de que, para serem

¹⁹ Digo contraditoriamente, porque, talvez, em nenhum outro tempo a criminalização desses atos esteve tanto posta e seu combate tão presente na sociedade.

cuidadas e vistas, essas meninas precisam se expor, a fim de conseguir que os homens vão até elas, buscando conquistá-las. Nesse sentido, a meu ver, o valor delas está diretamente ligado ao quão interessante — sexualmente falando —, elas podem parecer para esses homens mais velhos.

Nessa conjuntura, o imaginário social pode servir como um catalisador que perpetua a ideia de que, em relação a sexualidade, a masculinidade do homem está ligada diretamente a busca e a iniciativa sexual, em que, se necessário, ele poderá se apossar do corpo da mulher, que é vista como mero objeto, passivo e disponível. Assim, os limites entre o consensual e o forçado tornam-se difíceis de distinguir (Ferraz; Veloso; Cabral, 2021), não apenas para aquele que agride, mas também para a vítima, que é convocada, a todo momento, a performar certa disposição e disponibilidade para com os homens.

Para além disso, ainda se existe a ideia de que, se alguém faz parte da família, então também tem direito sobre o corpo da menina de algum modo. Seja para que ela realize trabalhos domésticos, cuide de crianças mais novas que fazem parte do seio familiar ou, até mesmo, sirva sexualmente de alguma forma. Nesse contexto, a sobrecarga vivida pelas adolescentes tornou-se, também, factual. Deparei-me com diversas meninas que precisavam cuidar de si, cuidar dos irmãos/sobrinhos, cuidar de homens mais velhos da família — que precisavam trabalhar —, estudar e tirar boas notas, cuidar dos afazeres domésticos, ter um subemprego no final de semana e ainda participar do projeto. Uma dessas meninas, devo dizer, foi Esperança.

Esperança era constantemente demandada dentro e fora do seio familiar, e deveria responder a essas demandas sempre que lhe fosse solicitado, sem reclamar. Sempre que questionava esse lugar que foi dado a ela — e que a própria ocupou —, ouvia palavras que a faziam questionar a si mesma e se realmente gostavam dela ou se, por acaso, só a tinham ali para fazer o trabalho doméstico e “levar dinheiro *pra* casa”. Com o tempo, construiu outras relações que a fez perceber, aos poucos, que não precisa se dispor e se disponibilizar a todo momento para que alguém a queira por perto ou para que alguém possa cuidar dela e vê-la. Isso foi se mostrando tanto nas relações de amizade quanto nas relações amorosas, clareando o fato de que não é necessário se dispor completamente — sacrificando a si no processo — para que seja cuidada e vista por quem gosta.

4.3 Violência sexual intra e extrafamiliar

Além das formas de violência sexual, o lugar em que ocorrem e as pessoas envolvidas também são relevantes para compreender o fenômeno. O abuso sexual extrafamiliar trata-se, muitas vezes, de ocorrências oportunas, onde o agressor consegue contato com a vítima sem necessariamente ter ligação com ela ou com a família. Pode ocorrer na vizinhança, na escola, em lugares comuns que a vítima frequenta e que o abusador consegue se aproximar de algum modo.

Já o abuso sexual infanto-juvenil intrafamiliar também se constitui, muitas vezes, em incesto, pois envolve duas ou mais pessoas da mesma família com parentesco direto. E, nessa situação, aquele que supostamente é responsável pela criança ou adolescente também se mostra como seu agressor. Diante disso, pode ocorrer dificuldade da criança ou do adolescente compreender os limites entre afeto e violência, tornando mais complicado para a vítima relatar a alguém sobre o acontecido, pois sentimentos de culpa, dúvida, medo etc. podem atravessar quem foi vitimado. É comum, inclusive, algumas vítimas relatarem para alguém próximo, da própria família, e ser desacreditada, uma vez que corre no imaginário popular que pessoas da mesma família não fazem coisas desse tipo (Neves *et al.*, 2010). Tal dinâmica de descrédito dentro dos seios familiares pode levar ao prolongamento da violência e ao silenciamento das vítimas, que acabam, em algumas ocasiões, duvidando de si mesmas e questionando se de fato aconteceu um abuso (Arpini; Savegnago; Witt, 2017).

Nos relatos com os quais me deparei, foi perceptível a confusão de afetações trazidas pelas adolescentes, que, por vezes, ainda que identificassem a violência sofrida como tal, costumavam, vez ou outra, se questionar se aquilo era realmente uma violência e/ou como alguém da sua família pôde fazer algo assim com ela. Nessas narrativas, o medo se mostrava muito claramente, perpassado por muitas dúvidas sobre o que fazer a respeito. Algumas adolescentes chegaram a contar a parentes próximos e, enquanto algumas foram acolhidas e validadas, outras foram desacreditadas e rechaçadas por aqueles que poderiam ajudá-las. Esse movimento de negar e desacreditar da violência sofrida só veio a mobilizar ainda mais insegurança e desamparado nas adolescentes, que se viram constantemente desalojadas.

Segundo Arpini, Savegnago e Witt (2017), a pessoa escolhida pela criança e/ou adolescente como confidente do abuso tem duas funções importantes diante da

revelação: acolher e compreender a vítima, para que ela se sinta minimamente segura; e colocar-se como protetora de quem foi vitimada, procurando as autoridades e fazendo a denúncia a fim de interromper o ciclo de abusos. Assim, quando a vítima rompe o silêncio, ela está buscando ajuda e proteção — além de verbalizar um sofrimento experienciado. Proteção essa que, muitas vezes, não foi oferecida pelo próprio adulto a qual foi confidenciado o abuso. Diante disso, também é necessário que o ouvinte se implique e se responsabilize de algum modo pelo que ouviu, no intuito de compreender suas falhas e possa lidar da melhor forma possível.

No entanto, é necessário termos cautela quanto a denúncia compulsória, onde, antes mesmo de compreender as possíveis implicações da denúncia, a notificação é feita, podendo gerar um efeito cascata, onde um evento danoso “pro-voca” (evoca) outros, complicando ainda mais os desfechos da situação. Por isso, torna-se necessário compreender o contexto vivenciado pela vítima e a violência sofrida, para pensarmos juntos quais são as possibilidades de se encaminhar diante do ocorrido. Não é sobre deixar de denunciar, mas sobre pensar na melhor maneira de fazer isso sem violentar ainda mais quem já foi agredida. Tal compreensão advém, de certo modo, da experiência compartilhada com as adolescentes, da escuta de suas narrativas e de questões que ia se mostrando singularmente em cada uma dessas histórias. Muitas traziam seu medo e seu receio ao compartilhar suas experiências e a preocupação com desdobramentos que concretamente ressoariam nelas e em suas famílias a partir do momento em que a denúncia se desse. Às vezes, fazer a denúncia parece ser algo simples para quem não está envolvido na situação, e, por mais que deva ser realizada, visto que se trata de uma criança ou adolescente, ela também é algo complexo.

Algo semelhante ocorre, muitas vezes, no abuso sexual extrafamiliar, principalmente no que tange a questão do silenciamento e o medo de retaliação, sobretudo quando o agressor é conhecido da vítima ou de alguém da família. Em muitos casos, o abuso sexual extrafamiliar também pode estar ligado diretamente à exploração comercial sexual de menores, em especial em casos de jovens em situação de rua ou em estado de vulnerabilidade social. À vista disso, existe essa dinâmica da troca do corpo da criança ou do adolescente com o objetivo de angariar algo, seja dinheiro, comida, um lugar para morar etc. Assim, fica em voga não apenas a problemática do abuso, mas das condições socioeconômicas precárias que muitas famílias experienciam. Tal exploração pode ser orquestrada por alguém

da família, por um terceiro ou até mesmo pelo menor, a depender da idade e da necessidade (De Antoni *et al.*, 2011).

É certo dizer, no entanto, que o sustento de uma família — principalmente aquela que tem adultos aptos a trabalhar — não é de responsabilidade dos adolescentes. Ainda que possam fazer parte de programas de incentivo à inserção no mercado de trabalho — como é o caso do projeto mencionado aqui —, não cabe a eles arcar com todo o sustento e manutenção financeira de uma família. Porém, é preciso dizer que a realidade se mostra de maneira muito diferente. Infelizmente, devido à vulnerabilidade socioeconômica de muitas famílias, as adolescentes se viram, muitas vezes, impelidas a trabalhar em subempregos, na busca de colaborar com os gastos da família.

Contudo, tal movimento colocou sobre elas uma enorme responsabilidade. Nesse contexto, muitas jovens eram encaradas como se fossem “adultas” — no que se referia à questão financeira —, e lhes era cobrado que fizessem algo a respeito, a fim de manter nem que fosse o mínimo necessário para sua sobrevivência. Dessa maneira, em alguns contextos de violência sexual, não era incomum que a adolescente buscasse sair da casa de sua família e procurasse um outro lugar para morar — fosse na casa de um parceiro, de amigos ou até mesmo nas ruas. Via-se a possibilidade de se apropriar, nem que fosse minimamente, da situação de violência e, assim, se ancoravam ainda mais nos seus subempregos, a fim de conseguir o básico para conseguir sobreviver, sem precisar se submeter ao abuso sofrido. Porém, viam-se dependendo de outras pessoas que pudessem lhe ajudar, o que poderia abrir espaço para outros tipos de violência.

Diante de contextos multifacetados como o apresentado acima, mostra-se importante pensarmos nos pormenores de cada situação e no que pode vir a ser uma prioridade no que diz respeito às múltiplas violências vividas. É claro que tal fenômeno ainda precisa ser melhor explorado e debatido, principalmente no que diz respeito à clínica de psicologia junto a essa população. É, sim, um tema que causa incômodo e nos desloca, o que torna ainda mais essencial nos debruçarmos sobre isso. Levando em consideração que

Algumas vezes é comum pensarmos que, por vivenciarmos tantas coisas, começamos a ficar um tanto ‘calejados’, como se as coisas parassem de nos incomodar. Com isso, penso que o incômodo pode até não se mostrar às vezes, mas que não é possível não sermos marcados por algumas circunstâncias que nos deslocam e nos jogam num desconhecido que é

desolador. Assim, me pergunto como é possível amparar alguém que vive nesse constante desabrigo? [...] (Neves, 01/06/23b)

5 INTERVENÇÕES GRUPAIS À LUZ DA FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA: TECENDO COMPREENSÕES POSSÍVEIS

Neste capítulo, busquei discutir o contexto da prática psicológica em grupo à luz da fenomenologia hermenêutica. Para tanto, recorri um pouco à história e apresentei como se construiu o fazer clínico da psicologia e como, em meio a isso, surgiu a clínica ancorada nos pressupostos da fenomenologia. Nessa direção, teci compreensões a respeito da importância da narrativa e da experiência frente à clínica fenomenológica e como é possível compreender os possíveis encontros entre arte e clínica e seus desdobramentos na prática. Encerrei, então, inferindo algumas considerações sobre as intervenções grupais à luz da fenomenologia.

5.1 O fazer clínico da psicologia e a clínica ancorada na fenomenologia existencial

Para compreendermos o fazer clínico da psicologia, precisamos regressar um pouco e nos debruçarmos sobre o significado da palavra *clínica*, tendo esta uma grande influência da clínica médica. Segundo Dutra (2004), a palavra clínica “remete ao significado de à beira do leito” (p. 382), referindo-se à época em que os médicos se dispunham a estar e permanecer à cabeceira da cama daquele que encontrava-se enfermo. Tal maneira de compreender e lidar com o adoecimento perdurou até meados do século XIX, período em que a ciência médica é legitimada como um dos principais campos de saberes a respeito do ser humano, constituindo-se em um importante dispositivo de regulação do comportamento humano.

À medida que o poder médico ampliava-se, passa-se a exigir do profissional médico, cada vez mais, o aprofundamento em um campo específico desse fazer e sobre o corpo humano, de modo que os especialistas passam a ser valorizados em detrimento do fazer generalista (Moreira; Romagnoli; Neves, 2007). A noção de cuidado passa a ser setorizada a partir das diferentes áreas do corpo humano, privilegiando-se o olhar para a doença, ao mesmo tempo que deixa de lado aquele que se encontra enfermo (Dutra, 2004).

A instrumentalidade médica ganha cada vez mais espaço à medida que evolui, instaurando o binômio saúde *versus* doença, onde a prevalência de um exclui, necessariamente, a possibilidade do outro. Tal compreensão levava em

consideração a permanência da saúde como algo desejado e bem quisto, enquanto enxergava a manifestação da doença como algo a ser evitado a todo custo. A doença passa a ser compreendida como uma perda do equilíbrio vital, onde o enfermo já não se apresenta mais da mesma forma, já não é mais capaz de corresponder a certas demandas sociais e históricas.

Isto posto, a intervenção médica aparece como uma necessidade de controlar o bem-estar²⁰ daquele que se encontra doente, a fim de devolvê-lo o equilíbrio necessário para que ele possa ser visto novamente como um ser útil, produtivo. Dessa forma, trata-se dos sintomas de forma nosológica, com o intuito de eliminá-los e o homem poder se apresentar como saudável novamente. Diante disso, nem sempre o contexto no qual aquele que padece se encontra é considerado, nem suas condições que não remetem ao físico-biológico (Santana, 2022).

E é nesse contexto onde o binômio saúde *versus* doença tornava-se basilar que a psicologia como ciência surgiu e buscou se consolidar como campo específico do saber e do fazer científico. Nessa direção, o psicólogo ganha também grande destaque em relação ao seu saber-fazer, principalmente quando se trata do fazer clínico. Enquanto que, de um lado, tem-se os médicos especialistas e a procura pela cura do corpo físico-biológico, do outro lado tem-se os psicólogos e a procura pela cura da mente, por tudo o que é considerado “psicológico”. Põe-se, então, tais profissionais no lugar daqueles que resolvem os problemas, criam soluções para o que incomoda quem sofre — lugar este que muito se assemelha ao lugar ocupado pelos médicos (Dutra, 2004).

Não é à toa, por exemplo, que os psicólogos clínicos sejam procurados justamente em momentos de crise, onde aquele que sofre encontra-se em constante agonia devido a desorganização e o caos presentes em sua vida. E, a fim de sanar com o que lhe convoca a refletir sobre sua existência e evitar mais sofrimentos, o psicólogo é procurado e demandado por soluções rápidas e urgentes. É colocado nas mãos desses profissionais o dever de resolver e “consertar” o que está errado, para que o ser humano possa voltar a seguir com sua vida de forma automática, apenas correspondendo ao que lhes é demandado (Santana, 2022).

²⁰ Segundo Gadamer (2006, p. 79) podemos compreender o bem-estar da seguinte maneira: “Sem dúvida, a ele está contraposto o contraprimado ontológico do ser-são, a naturalidade do estar vivo, que faz com que, ao ser percebida, passamos, antes, a preferir falar de bem-estar. Porém o que é o bem-estar senão exatamente o fato de não se estar direcionado a isso, mas estar, desimpedidamente, aberto e preparado para tudo?”

Não é à toa que, tratando das adolescentes que não tiveram contato com psicólogos antes do projeto, viessem com uma ideia pré-concebida do que deveria acontecer nos momentos de escuta. Geralmente, diziam que o psicólogo estava ali para ouvir desabafos e dar conselhos sobre o que fazer. Grande era a surpresa quando, ao me perguntarem o que deveriam fazer em certas situações, eu respondia com um “não sei”. Muitas se frustraram por não ter uma resposta e, por vezes, se irritavam quando ouviam que precisavam pensar no que fazia sentido para cada uma delas. Isso mostra que, ainda hoje, nós psicólogos somos vistos como conselheiros, quase como um grilo falante, que aparece em momentos oportunos para dar as respostas necessárias para sanar os incômodos. E, a meu ver, tirar essa compreensão delas é também retirá-las de um lugar já dado, que é muito cômodo, desalojando-as ainda mais. É correto dizer, então, que, ao abrir espaço para tal desalojamento do outro que está em diálogo comigo é, também, me permitir ser desalojada enquanto psicóloga. É possível demonstrar isso quando escrevi que

[...] me angustia saber que o que posso fazer é limitado. Me dói pensar que, ao sair dali, [as adolescentes] vão para casa ou voltam para a rua e vivem, mais uma vez, um ciclo interminável de dor e violências. Me dói saber que nem sempre se sentem amparadas. Me dói saber que, por mais que eu queira, jamais conseguirei amparar todas elas (Neves, 24/04/24).

É certo dizer que, sim, o fazer médico precisa seguir algumas diretrizes a fim de buscar eficiência e precisão nos resultados, no intuito de garantir a manutenção da vida (Dutra, 2004). Contudo, não é possível esperarmos o mesmo do fazer clínico da psicologia. Por nosso fazer está orientado para aquele que existe em sua singularização, não há garantias de bem-estar duradouro e conveniente, ou de resoluções rápidas e efetivas — ao menos não na clínica baseada nos pressupostos da fenomenologia (Santana, 2022).

Tal perspectiva parte da compreensão de que a existência humana não é algo dado nem determinado, nada nos é inato. Ao nascermos, somos lançados no mundo sem garantia alguma, somos nada. Nada aqui não como vazio, ausência de algo, mas como indeterminação. Segundo Heidegger (2005), somos pura possibilidade, poder-ser, abertura. E, diante dessa abertura que somos, possibilidades se mostram e se encobrem, sem jamais se fixar ou ganhar o caráter de imutabilidade. Portanto, somos seres que estão em constante movimento de vir-a-ser, de construção, desconstrução e reconstrução possíveis de encaminharmos à nossa existência. É

por isso — e por tantos outros motivos — que não cabe a mim nem a nenhum outro psicólogo dizer ao paciente o que deve ser feito a respeito da sua existência. Eu posso até aplicar técnicas e tentar resolver conflitos, mas preciso, antes de qualquer coisa, dar espaço para essa existência que está joga de vir-a-ser, implicando-se com outras existências, dirigindo-se a algo que não sabemos o que é, mas sabemos que existe a possibilidade de acontecer.

É nesse caminho, então, que parto para a compreensão de verdade que difere do senso comum. Não encaro, então, a verdade como algo fixo e absoluto, na qual preciso chegar a todo custo, a fim de compreender os pormenores do fato para comprovação de algo. Para explicar tal questão, Heidegger (2005) recorre aos romanos e aos gregos, respectivamente, e as acepções das palavras *veritas*, derivada do latim, e *aletheia*, derivada do grego. Quando se trata da verdade como *veritas*, busca-se compreender a exatidão dos fatos, a fim de garantir rigor e precisão. Já quanto a verdade como *aletheia*, é compreendida como o desvelamento do fenômeno, a possibilidade de não-encobrimento deste, recolhendo-se também para o próprio mistério que constitui o existir (Clini, 2016). Assim, *veritas* e *aletheia* se contrapõem, não como compreensões que se anulam, mas como possibilidades diferentes de encarar o sentido da verdade.

Partindo disso, como podemos, então, pensar na questão da verdade a partir da experiência das adolescentes aqui citadas? Para exemplificar isso, trago um relato sobre uma adolescente a qual, aqui, chamarei de Aline²¹.

Aline se mostrou uma adolescente mais reservada quando estávamos por perto, mas parecia bastante comunicativa em meio às suas colegas. Logo na primeira escuta (feita por uma graduanda do grupo de psicologia), Aline relatou as violências extremas vividas por pessoas de sua família e testemunhadas por ela. Falou também sobre as próprias inseguranças e a sua dificuldade em pedir ajuda. No entanto, por ser bastante comunicativa, parecia estar sempre compartilhando com suas colegas alguns bons momentos vividos e coisas conquistadas. Tais narrativas se espalharam por entre os grupos participantes do projeto (tanto de psicologia quanto de outros cursos) e foi se instaurando dúvidas sobre a veracidade do que era contado. Como Aline, vinda de uma realidade tão violenta e difícil,

²¹ Esse nome foi escolhido por causa da personagem principal do conto “Bukowski”, de TNL Belisario (2020), que também foi usado em algumas intervenções grupais, mas que não entrou nesta dissertação, pois não participei desse encontro. No conto, Aline faz o que julgou necessário para tentar se proteger da violência de seu parceiro.

poderia ter tudo aquilo que dizia? Como poderia estar vivendo aquelas coisas maravilhosas? Tal questionamento chegou até nós e foi demandado por uma resposta. De prontidão, pensei: não sei o que dizer.

Não é que Aline não possa viver bons momentos ou conquistar bens materiais devido a sua trajetória, pois ela pode. A questão, a meu ver, seria todos nós refletirmos “por que precisamos nos ater a veracidade dos fatos e não nas entrelinhas do discurso?”. Hoje penso que Aline estava falando sobre o que gostaria de viver, pois, isso poderia se mostrar bem menos desalojador e inquietante do que falar das experiências. Ela já havia sido tão marcada por todas as violências vividas e testemunhadas que precisava conjecturar sobre outras possibilidades de ser. Enquanto alguns buscavam a descrição dos fatos, Aline parece que só sonhava com possibilidades outras para encaminhar sua existência. A verdade se mostrou de formas diferentes para todos nós. “Nada foi o mesmo desde então” (Neves, 01/06/23a).

Assim, é possível pensarmos que o fazer clínico da psicologia não precisa ser estritamente pautado em técnicas e resoluções de problemas emergentes, uma vez que — ao menos a partir da fenomenologia — não buscamos verdades inquestionáveis e aplicáveis, passíveis de total e satisfatória resolução. Na realidade, se refletirmos melhor a respeito do saber-fazer do psicólogo, incluindo o clínico, é possível afirmarmos que nem sabemos de fato o que buscamos, apenas nos colocamos em movimento, rumo a alguma coisa, a qual não sabemos o que será nem quando ou como irá acontecer (Clini, 2016). No entanto, não significa dizer que o fazer clínico baseado na fenomenologia é feito de qualquer modo, pois não o é. Não nos apegamos a rigidez e as aplicações técnicas, mas trabalhamos com o rigor, a fim de construir sentidos junto ao paciente.

5.2 A importância da *narrativa* e da *experiência* no fazer clínico

Para compreendermos de que modo o ser humano compreende sua trajetória e de que maneiras ele pode continuar se encaminhando, é necessário, antes de qualquer coisa, que nós psicólogos nos atentemos a singularidade de cada existência e ao contexto no qual ele se encontra, buscando compreender como suas experiências se desvelam e como ele as compreendem (Barreto, 2013). Para que tal fenômeno possa ser melhor compreendido, faz-se importante que partamos das *narrativas* da *experiência* daquele que vem até nós.

Segundo Benjamin (1987), a *narrativa* era uma tradição — muitas vezes oral, mas não apenas — de compartilhar as experiências de quem viajava, mas voltava à sua terra; assim como de quem permanecia e observava as mudanças no dia a dia. Deu-se os títulos de marinheiro comerciante e camponês sedentário a tais personagens. O marinheiro era aquele que explorava os mares e terras distantes, trazendo consigo saberes outros, que era compartilhado com o camponês, que permanecia cuidando de sua terra e dos seus, mas sem deixar de viver e de narrar as tradições de sua morada. Era nesse intercâmbio de experiências que a sabedoria distante e as tradições locais se encontravam, possibilitando a tecitura de outras compreensões sobre a vida e o mundo. Chamo aqui de tecitura não apenas por ser tecido, construído de algum modo, mas também porque toda narrativa também é “uma forma artesanal de comunicação” (Benjamin, 1987, p. 205), exige certa dedicação e atenção àquilo que está sendo narrado, convoca-se a se demorar e a estar atento àquilo que pede passagem e é lapidado em seu próprio dizer. Por isso, a narrativa também carrega em si o caráter de espera, de aguardar o fenômeno se mostrar.

A narrativa, portanto, mostra-se diferente da informação, que só tem valor enquanto é nova, enquanto é comerciável. Assim, tudo o que informa, se encerra no fato, no que é simplesmente ditado. Já o que é narrado tem a possibilidade de perpetuar incontrolavelmente. Partindo dessa premissa, é possível considerarmos algumas diferenças entre quem narra e quem informa. Enquanto o narrador permite que sua narrativa atravesse quem ouve e perpetue da maneira como faz sentido para cada um, jamais se findando, o informante busca apenas descrever factualmente um acontecido, se afastando, muitas vezes, da possibilidade de perpetuação. O objetivo do informante é passar os fatos para o ouvinte e encerrar ali a sua aparição (Benjamin, 1987).

Se tomarmos novamente o caso de Aline como exemplo, é possível inferirmos que, de certo modo, buscavam que ela informasse se, de fato, o que ela narrava era verídico. Queriam que ela descrevesse, factualmente, o que se sucedeu. Mas, para Aline, não era isso que realmente fazia sentido. Ela queria narrar sobre as suas possibilidades e, talvez, encontrar em meio a elas algum acolhimento. Ouso dizer que descrever e explicar as coisas não era, naquele momento, o que lhe interessava. Ela queria se encaminhar de outro modo, e assim o fez.

Isso não significa que as narrativas de Aline eram passíveis de nosologia e diagnóstico. Seria, talvez, até mesmo violento se qualquer um de nós, da psicologia, chegássemos até ela com um possível diagnóstico e um encaminhamento psiquiátrico. O que é preciso, diante dessas narrativas, é se colocar em posição de escuta. É estar junto e deixar viger o que pede passagem, sem a necessidade de classificar o que urge. E talvez tenha sido essa nossa postura de abertura por parte minha e de meus colegas que tenha feito Aline voltar outras vezes para ser escutada.

Partindo, então, para a questão da *experiência*, segundo Heidegger (2003), podemos considerar experiência tudo aquilo que vem ao nosso encontro, nos atravessa e nos transforma de modo avassalador. É um fenômeno que não é passível de explicação, controle ou medição, é *acontecência*. Sofremos a experiência e por ela nos encaminhamos de algum modo, ainda que não saibamos dizer como ou para onde.

Tomando isso como ponto de partida, foi possível, junto a Aline, tecer diversas compreensões a respeito de suas experiências, sem engessá-la num diagnóstico. É certo, claro, que existem, sim, a necessidade de diagnosticar em alguns casos, a fim de possibilitar um caminhar melhor para aquele que se encontra enfermo, mas não podemos enxergar a doença, seus sintomas e tratamentos antes mesmo de enxergar aquele que encontra-se adoecido e seu contexto (Dutra, 2004; Santana, 2022). E a narrativa da existência de Aline, naquele momento, pedia passagem e escuta. Diagnosticá-la e medicá-la poderia acabar tamponando o que se revelava.

Assim, o fazer clínico do psicólogo que orienta-se por pressupostos da fenomenologia hermenêutica segue na contramão. Levamos em consideração as singularidades de cada um ao pensarmos no fazer clínico pautado nas experiências, mas sem deixar de levar em conta o fato de que estamos todos inseridos em uma teia de relações²², perpassadas constantemente por outras existências (Arendt,

²² “[...] Como esta desvelamento do sujeito é parte integrante do todo, até mesmo da mais ‘objetiva’ interação, o espaço-entre físico e mundano, juntamente com os seus interesses, é recoberto e, por assim dizer, sobrelevado por outro espaço-entre inteiramente diferente, constituído de atos e palavras, cuja origem se deve unicamente ao agir e ao falar dos homens diretamente uns *com* os outros. Esse segundo espaço-entre subjetivo não é tangível, pois não há objetos tangíveis nos quais ele possa se solidificar: o processo de agir e falar não pode deixar atrás de si tais resultados e produtos finais. Mas, a despeito de toda a sua intangibilidade, o espaço-entre é tão real quanto o mundo das coisas que visivelmente temos em comum. Damos a essa realidade o nome de ‘teia’ de relações humanas, indicando pela metáfora sua qualidade de certo modo intangível” (Arendt, 2020, p. 226-227).

2020) — inclusive a do próprio psicólogo. Os que se encontram adoecidos são convocados, a todo momento, a pensarem em suas existências atreladas aos outros que fazem parte dela, pois não estamos apartado do mundo ou das outras pessoas.

Partindo disso, podemos compreender que somos sempre ser-com, somos ser-no-mundo-com-os-outros. Isto se dá, pois, o homem não se encontra “dentro” de um mundo, como se fosse algo já dado ou determinado, dotado simplesmente de categorizações e classificações — somos possibilidades, abertura de sentido. O ser humano e o mundo são co-originários, estão em constante relação. Não existe homem sem mundo nem mundo sem homem. Assim, estamos também sempre em relação com outras existências. Existências essas que não necessitam que eu nomeie ou identifique como tal para que eu possa compreendê-la. Vivemos em um mundo compartilhado, de existências que se atravessam e se tangenciam a todo momento (Heidegger, 2005).

Portanto, o fazer clínico da psicologia baseada nos pressupostos da fenomenologia não depende exclusivamente do profissional de psicologia, nem mesmo apenas do paciente, mas das interações e compreensões tecidas juntos (Melo; Morato, 2022). Assim, não faz sentido pensar o fazer clínico a partir de modelos previamente concebidos, no intuito de sintomatizar e diagnosticar quem sofre, a fim de eliminar de vez todo e qualquer sofrimento que se mostre. Por isso, tal fazer clínico nos possibilita outra maneira de nos aproximarmos das demandas contemporâneas que se mostram, permitindo-nos outros modos de se fazer clínica (Santana, 2022), baseando-nos na importância da narrativa e da experiência — clínica esta que não garante nem assegura nada, e que se pauta, também, no arriscar-se a cada novo encontro.

5.3 Possíveis encontros entre arte e clínica e seus desdobramentos na prática

Pretendo também me debruçar um pouco mais sobre as possíveis aproximações e encontros entre arte e clínica. No entanto, para chegarmos a isso, torna-se necessário retornarmos um pouco e nos demorarmos sobre o que Heidegger chamou de *dichtung*, traduzido por ditado poético ou discurso poético (Clini, 2016).

O *dichtung* fala sobre o caráter da obra de arte que ultrapassa a simples reprodução e noções técnicas e estéticas, que traz à tona a manifestação da obra em seu modo mais próprio, como acontecimento. A arte como *dichtung*, como

discurso poético, se dá no acontecimento, na convocação para algo, que não sabemos o que ou como será ou quando acontecerá. Assim, a obra não se encerra nas técnicas usadas ou no valor mercadológico aplicado, muito menos na intenção do artista — apesar de também falar dele e do seu contexto epocal. A obra de arte e o discurso poético transcendem qualquer explicação e teorização do fenômeno, da acontecência.

Assim, *dichtung* é um modo de fala que não exclui o silêncio, é um modo de expressão que não depende de um sujeito que se expresse, é um gesto que não se institui em feito, é um ato que se dispersa nos interstícios do mundo, é uma palavra que escapa de qualquer tentativa de explicação teórica. É um ditado que se esquivava dos axiomas, é um provérbio que se mostra se escondendo. É linguagem sem ser linguística. É frase sem ser sintaxe. É poema na acepção mais densa e sublime, e ao mesmo tempo mais simples, que podemos alcançar (Clini, 2016, p. 159).

Clini (2016) chama *dichtung* de poema, não por simplesmente se apresentar como poesia no sentido de gênero literário, que demanda suas técnicas e métricas, mas como possibilidade de mostraçõ de algo, inclusive através do discurso cotidiano. Toda fala cotidiana carrega em si a possibilidade de se revelar poesia. E também se mostra como abertura de sentidos e significâncias passíveis de inúmeras construções à medida que se mostra.

Tal questão torna-se perceptível quando, ao estarmos nas intervenções grupais, cada fala a respeito das compreensões tecidas junto aos contos ficcionais mostrava-se como abertura de sentido para a construção de outros modos de olhar para o fenômeno. À título de exemplificação, retomo o que trouxe outrora sobre a experiência de ler e discutir sobre o conto intitulado “O Bicho” (Neves, 2021). Quando as adolescentes narraram sobre seus medos e inseguranças quanto a ser mulher e descreveram os assédios sofridos, abriu-se aí a possibilidade de que todo o grupo tecesse novas compreensões a respeito disso, em conjunto. Enquanto uma narrava, a outra aquiescia com a cabeça; outra adolescente mantinha-se calada, mas atenta; eu me dispunha a escutar, assim como a outra mediadora. O discurso cotidiano foi se transformando em poesia. Não pela rima ou pelos versos, mas porque transcendeu o simples falatório. É uma poesia que não precisava necessariamente da palavra, mas que encontrou nela um caminho para se revelar enquanto tal. E isso se deu em meio a um encontro clínico.

É nesses encontros que a essência da arte enquanto ser-obra vai fazendo esse movimento de velar e desvelar a verdade, possibilitando o discurso poético e o acontecimento apropriador (Heidegger, 2010). Fala, portanto, de um movimento de criação que não se encerra num tempo e num espaço dado. Arte é aquilo que abre possibilidades e transcende qualquer intenção pensada a priori.

Nessa direção, o encontro entre clínica e arte se torna possível ao pensarmos a arte como discurso poético, que é abertura de mundo e de significâncias, que nos atravessa a cada encontro entre paciente e psicólogo e nos direciona ao mistério, ao desconhecido. A clínica psicológica compreendida como uma forma de arte é um produzir que não fala de uma utilidade nem uma criação que depende exclusivamente de um utensílio para vir-a-ser. A arte do fazer clínico é a possibilidade de romper e fundar mundos, que podem se dar através da narrativa e das experiências, dentro e fora do *setting* clínico. É um existir que não está apartado do criar. Somos criando a todo instante.

Tal criar, no entanto, também é perpassado pelo cuidado. Cuidado este que pode decair na ocupação (*Besorgen*), ou posso, de algum modo, me apropriar do que vem até mim e cuidar através da disposição (*Fürsorge*) (Heidegger, 2005).

O cuidado por ocupação foi chamado por Heidegger de *besorgen*, onde o cuidado se dá por anteposição, em que comumente alguém se antecipa ao que o outro poderia precisar, sem dar a chance do fenômeno se desvelar a seu modo, buscando prever e controlar o que está acontecendo. Tal maneira de cuidar se dá de modo “automático”, não cabendo muita reflexão a respeito das experiências, apenas se reproduz e responde às demandas de produção e padronização. Escancara o modo tecnicista de um mundo em que o pensamento calculante ainda reina e, tudo o que não corresponde a tal pensamento, fica à margem, podendo até ser desconsiderado (Heidegger, 2005). Se retornarmos, então, ao conto de Juliana Cunha (2020) apresentado anteriormente — à título de exemplo —, é possível dizermos que o cuidado por ocupação é o mesmo modo de cuidar dispersado pela mãe em relação à casa, querendo controlar o espaço ao seu redor e o emergir do fenômeno que as assolava.

Já o cuidado por disposição — ou preocupação — (*Fürsorge*), trata-se de se colocar em posição de espera, mas sem passividade. Não é sobre esperar que as coisas aconteçam, mas se colocar em movimento de construção, desconstrução e reconstrução de sentidos, a partir de cada horizonte existencial. Construções essas

que não cabem o controle ou a predição, a fim de moldar o fenômeno se desvelando (Heidegger 2005). Para os psicólogos, trata-se de caminhar junto ao paciente, respeitando o seu tempo e o seu ritmo nas construções feitas em seu processo. É se dispor a estar junto, mas sem querer controlar e ditar o que deve ou não ser feito. É pôr-se em posição de aguardo e deixar o fenômeno viger.

Ao me direcionar à minha prática junto às adolescentes do projeto, admito que, por inúmeras vezes, decaí no cuidado por ocupação sem nem mesmo me dar conta. Fosse em questões simples, como permitir ou não que fossem beber água ou ir ao banheiro; ou em questões mais complexas, como quando, por exemplo, partia da compreensão de que, se a adolescente estava muito quieta e de cabeça baixa, não estava participando do grupo, então eu chamava a sua atenção. Hoje percebo que, principalmente nesse último caso, eu partia de uma compreensão prévia do que seria participar ou não de uma intervenção grupal. Esperava, até certo ponto, que elas falassem algo a respeito do tema trazido, estabelecendo um diálogo verbal com as outras participantes. Demorou, mas percebi que a participação não requer fala nem gestos expansivos. A quietude também fala de uma entonação/afetação. E se sou afetada de algum modo, também faço parte daquele encontro. Apropriar-me desse meu modo de enxergar as adolescentes que tinham esse movimento fez com que eu me dirigisse a elas de outra maneira. Passei a buscar entender o que estava acontecendo ao invés de repreendê-las de imediato. Isso me mostrou, inclusive, que a compreensão e o estar-junto podem convocar muito mais do que simplesmente punir por não fazerem o que eu esperava. Até porque as expectativas que eu crio, jamais serão correspondidas.

Em contrapartida, também me vi, diversas vezes, me dispondo a cuidar delas através do cuidado por disposição. Afirmo, contudo, que, por vezes, me foi extremamente doloroso me colocar em posição de aguardo, pois o que eu queria, muitas vezes, era sanar a dor para que não sofressem mais. Isso me faz lembrar, assim, daquela que chamarei aqui de Marina²³.

Em um dos momentos de recepção do grande grupo com as trinta meninas que acontecia no início do semestre, Marina apareceu atrasada, mas logo procurou pelas amigas e sentou-se próxima. Em dado momento, quando estávamos quase todos distraídos, vi Marina sentada no canto da sala, chorando ininterruptamente,

²³ O nome em questão foi baseado na personagem do conto já trazido “A menina que chorou um rio”, de Rogeane Oliveira (2021).

enquanto uma das graduandas de psicologia tentava conversar com ela. Aproximei-me de Marina, perguntei algo que já não me lembro mais, mas não tive resposta. Continuei ao seu lado e perguntei, então, se queria sair dali e conversar. Ela aceitou, com muito custo. Consegui uma outra sala e eu e a graduanda seguimos com Marina para fora dali. Durante todo o percurso, Marina continuou chorando, sem dizer sequer uma palavra.

Chegamos na sala, sentamo-nos todas próximas. Marina deitou a cabeça sobre os braços escorados na mesa e continuou chorando. Perguntei-lhe mais de uma vez se ela queria falar algo, se queria conversar, o que tinha acontecido. Marina não falava nada, apenas chorava. Entendi, então, que precisava aguardar. Não simplesmente aguardar que ela dissesse algo, mas estar junto a ela naquele momento onde só as lágrimas cabiam. Eu queria, sim, que ela me desse um motivo concreto para tantas lágrimas e que eu pudesse simplesmente resolver isso — mas eu sabia não ser possível. Então, precisei lidar com meu incômodo e com o dela. Com o meu porque percebi que, ainda que quisesse, jamais poderia tomar para mim o sofrimento dela, resolvê-lo e devolvê-lo solucionado. E com o dela porque eu estava ali com e para ela, ainda que não soubesse como ajudá-la — e levando em conta que, independente do que eu fizesse, poderia não conseguir lhe oferecer a ajuda que ela queria/precisava.

Em certo momento, ousei dizer, me senti inútil. Sentia que não podia fazer nada além de continuar ali sentada ao lado dela, afagando as suas costas, procurando lhe oferecer o mínimo de conforto possível. Entretanto, hoje penso que, talvez, era o necessário naquele momento. As palavras não cabiam. Eu não poderia nem deveria dizer a ela o que fazer, mas estaria ali junto com ela para que descobríssemos juntas que caminho era possível de seguir. A resposta não veio de imediato. Acredito que, até hoje, não sei dizer ao certo que caminho Marina seguiu. Mas posso dizer que, de algum modo, me dispus a estar com ela naquele momento e esse cuidado de fato se deu, não sei bem dizer como.

Com este relato, fica mais fácil compreender que a clínica como arte está no deixar que os fenômenos se desvelem a seu modo, no seu tempo; sem a necessidade de manipulá-los a fim de corresponder com as expectativas vigentes de uma sociedade extremamente técnica. É permitir o criar de diversas compreensões a respeito das existências, num movimento de ocupação e disposição — pois

estamos sempre transitando entre ambos —, mas sem a imediatez a qual o nosso mundo atual está embebido. É se permitir aguardar.

Cabe ressaltar que tal aguardar nunca é solitário, é sempre feito em meio a outros. Estamos em constante correlação. Tal condição também se dá devido à pluralidade e singularidade de cada existência. Somos plurais, pois somos capazes de compreender um ao outro, assim como podemos tecer compreensões dos nossos antepassados e conjecturar as possíveis necessidades das gerações futuras. Mas também somos singulares, uma vez que cada horizonte existencial é único, cada experiência é estritamente singular — só o ser humano é capaz de romper com a linearidade de sua biografia e iniciar uma nova, encaminhando-se para um outro lugar. Assim, “No homem, a alteridade, que ele partilha com tudo o que existe, e a distinção, que ele partilha com tudo o que vive, tornam-se unicidade, e a pluralidade humana é a paradoxal pluralidade de seres únicos” (Arendt, 2020, p. 218).

Pluralidade e singularidade se encontram, pois, apesar de sermos únicos, há outras unicidades que constituem o mundo em que vivemos. Tais encontros de singulares e plurais escancaram para nós outros pontos necessários de serem explorados, como a questão da *coautoria* e do *testemunho* de nossas múltiplas historiobiografias.

Estamos todos inseridos em teias de relações que denunciam as nossas construções de sentido de mundo e nossas semelhanças e diferenças em relação aos nossos modos singulares e plurais. Tais teias de relações escancaram para mim e para tantos outros o fato de que minha existência é perpassada por muitas outras, goste eu ou não. Isso pode até me dar o direito de reclamar sobre as pessoas que não gosto, mas não anula o fato de que elas me atravessam de algum modo. Hoje consigo me apropriar melhor dessa minha condição. No entanto, durante a adolescência, isso não se deu dessa maneira. Contudo, é interessante perceber, agora já adulta, como tais teias vão se construindo à medida que as relações se firmam ou não. Testemunhei de muito perto, inclusive, o modo como essas teias de relações refletem na forma em que as adolescentes estavam umas com as outras.

Era bastante comum, por exemplo, elas xingarem umas às outras de modo quase afetuoso, como que para provocar e demonstrar o nível de intimidade construído ali. Em contrapartida, quando não gostavam de alguém, podiam mostrar-se condescendentes com a pessoa, ainda que tentassem se manter

distantes. Contudo, distantes ou não, essas pessoas de quem elas não gostavam também eram coautoras das histórias delas. Aqui falo de coautoria, pois, não somos nós que escrevemos de fato a nossa história de vida, uma vez que não podemos controlar ou ditar os acontecimentos que nos perpassam — muito menos dizer como eles vão nos perpassar. Todos nós somos atores de nossas histórias, nós as sofremos e nos encaminhamos de algum modo, mas não somos capazes de controlá-la.

Embora todos comecem a própria vida inserindo-se no mundo humano por meio da ação e do discurso, ninguém é autor ou produtor de sua própria história de vida. Em outras palavras, as histórias, resultado da ação e do discurso, revelam um agente, mas esse agente não é autor nem produtor. Alguém a iniciou e dela é o sujeito, na dupla acepção da palavra, seu ator e seu padecente, mas ninguém é seu autor (Arendt, 2020, p. 228).

Mas isso não quer dizer que somos agentes passivos do que nos acontece. Todo fenômeno me atravessa de algum modo e me convoca a lidar ou não com o acontecido, permitindo um caminhar de modo mais próprio, possibilitando que aquele que encontra-se em jogo se aproprie do que sofreu. Assim, somos todos *coautores* das nossas histórias. Sou coautora da minha história, pois não sou capaz de controlá-la, de dizer o que e como vai acontecer, apenas sofro a Ação²⁴ e me encaminho a partir disso; e também sou coautora das histórias daqueles que fazem parte da minha teia de relação. Portanto, todas as adolescentes, gostando ou não, foram coautoras das histórias umas das outras, assim como fui coautora das histórias delas e todas elas foram coautoras da minha história. Os horizontes se tangenciaram e já não somos mais quem éramos.

Para falarmos, então, de coautoria torna-se necessário resgatar a definição de narrativa cunhada por Benjamin (1987), onde toda narrativa fala de algo vivo, em movimento, que não se finda nem se atém aos simples fatos. É a possibilidade do compartilhar de experiências, seja feita de modo verbal ou não. Por isso, para falarmos de narrativa e de coautoria também evocamos a questão do *testemunho*. Trata-se, portanto, da possibilidade de perduração dos fenômenos, seja através da memória ou das marcas deixadas. Tudo o que testemunhamos, seja através de atos

²⁴ Segundo Arendt (2020), a Ação é a única atividade da Vida Ativa que precisa ser realizada entre outros seres humanos, uma vez que a condição desta é a pluralidade. Assim, a Ação fala sobre a possibilidade de rompermos com a linearidade da nossa biografia e iniciar um novo, nos encaminhando para o desconhecido. Contudo, tal fenômeno precisa de outros que testemunhem e faça parte da minha vida, possibilitando que a Ação sofrida reverbere de maneiras inimagináveis.

ou palavras, nos marcam de modo irreversível. Toda a marca — ou todo atravessamento — carrega consigo a possibilidade de outros encaminhamentos para a nossa existência, possibilitando compreendermos que, a cada testemunho, não somos mais quem éramos. E, ainda que exista a possibilidade de esquecermos o que nos aconteceu, as marcas do fenômeno continuarão presentes em nosso existir, pois tudo que nos atravessa não o faz de modo neutro — neutralidade, aqui, não é uma possibilidade (Dutra, 2004).

Nessa direção, trago aqui novamente Esperança e um ato simples que me marcou e perdura até hoje na minha existência e na minha memória.

Enquanto acompanhava Esperança no atendimento sistemático, passamos por algumas datas comemorativas e, assim, ocorreu de não conseguirmos nos encontrar. Porém, sempre que retornamos, ela tinha histórias para contar a respeito da semana ou de algum dos feriados. Em um desses momentos, me contou sobre a sua alegria e seu estranhamento com os presentes que ganhou de uma pessoa da família por causa do dia das crianças. Esperança vinha de uma realidade em que, muitas vezes, faltava o básico. Além disso, tinha constantes conflitos com os familiares com quem morava, por isso, não esperava receber presente de dia das crianças, levando também em consideração que já estava na adolescência. Contudo, ficou feliz com isso. Parecia sentir-se vista e valorizada pelo fato de a família ter se lembrado dela. Arrisco-me a dizer que, para ela, aquele gesto pode ter parecido quase com um abraço.

Entretanto, preciso dizer aqui que suprimi, de início, uma parte importante dessa história. Queria, claro, dar um contexto melhor a respeito do que trarei a seguir, principalmente no que diz respeito ao modo como me senti. Logo quando Esperança chegou para o atendimento, me deu também um presente de dia das crianças. Era um chocolate com um pequeno bilhete escrito à mão. Naquele momento, em meio à turbulência e o caos que se encontrava a minha vida, me senti vista e valorizada por ter sido lembrada por ela. Ela não precisava me dar nenhum presente para que eu me sentisse afetada dessa maneira, mas receber aquilo me fez com que se concretizasse um sentimento há muito esquecido: sentir-se importante para alguém.

O gesto simples de Esperança perpetua até hoje. Lembro-me com muito carinho do gesto e das palavras escritas, e sinto-me genuinamente privilegiada por tê-la acompanhado naquele semestre. Por ter me disposto a caminhar junto a ela

rumo ao desconhecido, descobrindo as coisas à medida que andávamos. Pude testemunhar uma pequena parte de sua vida e levarei as marcas disso indefinidamente. Por um breve momento, fiz parte da teia de relações dela, assim como ela fez da minha. Infelizmente, hoje já não convivemos mais, mas posso dizer que as marcas que carregamos dificilmente se apagarão.

Por isso, é possível compreendermos que estamos todos inseridos em diversas teias de relações, as quais possibilitam o tecer, destecer e retecer de sentidos para a nossa existência. Tessituras essas que não controlamos, as sofremos de algum modo, escancarando o nosso caráter de coautores das nossas histórias e das histórias dos outros. Histórias essas que precisam, invariavelmente, de testemunho, de trocas, para perdurar de algum modo. E tais trocas só se mostram possíveis — quer queiramos ou não — devido as teias de relações das quais fazemos parte até o findar de nossas existências, uma vez que somos seres singulares em meio a outras singularidades, tornando-nos, portanto, também plurais (Arendt, 2020).

5.4 Compreensões sobre intervenções grupais à luz da fenomenologia

É possível compreendermos que o fazer clínico do psicólogo, ainda que pense em uma clínica “individual”, jamais será solitária, apartada do mundo e das “relações” com outros. Isto se dá justamente por nossa existência ser, originariamente, constituída e tangenciada por outras que nos marcam de algum modo, possibilitando o redirecionamento (Critelli, 2012). E quando apresento tal compreensão, não falo apenas a respeito das participantes do grupo, mas também de todos nós, psicólogos-mediadores. Como dito anteriormente, a neutralidade não é uma possibilidade, por isso, nós, psicólogos-mediadores, também somos perpassados pelo grupo a todo momento — na verdade, fazemos parte dele (Dutra, 2004). Também somos-no-mundo-com-os-outros, o que significa que somos, essencialmente, abertura, poder-ser, cuidado (Camasmie, 2012). Contudo, como mencionado outrora, isso não significa que não podemos decair na cotidianidade, uma vez que todos nós transitamos entre as possibilidades de ser, de modo mais ou menos próprio. Sendo propriedade e impropriedade modos co-originários de habitar-mos a nós mesmos, nos quais nos encontramos sempre em jogo.

É nesse estar-junto, caminhando lado a lado — mas cada um a partir de seu ponto de partida — que os encontros acontecem. Encontros não apenas entre

psicólogo e participante, mas entre os integrantes do grupo. A todo momento estávamos partilhando encontros e desencontros, fossem entre nós psicólogos-mediadores, fossem entre o próprio grupo de psicologia. Nesse sentido, éramos convocados a pensar modos de ser que não estivessem engessados e cristalizados (Camasmie, 2012), partindo de premissas já pré-estabelecidas de como estar juntos as adolescentes. Assim, esses encontros desvelam possibilidades outras de estar junto e de construir algo, que não seja individualizado e segregado daqueles que fazem parte de nossas teias de relações. Possibilitando, então, novas construções a partir do ter-sido, sem deixar de levar em conta o presente e, fundamentalmente, poder-ser, o vir-a-ser.

Assim, podemos compreender que nós, psicólogos que constitui o nosso fazer no diálogo e a partir de pressupostos da fenomenologia, não precisamos nos manter reféns do cientificismo e da aplicabilidade da psicologia. *Com isso, significa que os grupos acontecem de qualquer maneira, a partir do que se mostra, apenas?* A resposta é simples: não. Para explicarmos melhor tal questionamento, falaremos um pouco do que compreendemos como Encontro Reflexivo, a partir de Szymanski e Szymanski (2014) e o que entendemos como Oficinas de Criatividade, a partir de Cupertino (2006) e, por fim, como tais modalidades de intervenção grupal se dão na prática.

Partindo de Szymanski e Szymanski (2014, p. 12), podemos caracterizar o Encontro Reflexivo como uma co-construção de “(...) uma situação dialógica e transformadora, mas com a consciência de que esse processo não ocorre sem conflitos, mediações e superações que propiciam soluções novas para as questões trazidas pelos protagonistas”. Estar em grupo possibilita a narrativa das experiências vividas assim como o compartilhamento de diversas compreensões do que nos afeta. Segundo Arendt (2020), é ao testemunharmos as narrativas e ao permitir que os outros nos testemunhem que podemos tecer compreensões outras a respeito daquilo que nos marcou.

O grupo oferece um ambiente propício para se narrar experiências, ouvir a si mesmo, o outro, reconhecer o impacto das próprias ideias no outro, entre pessoas que vivem situações semelhantes. Em um encontro grupal, a interação favorece a lembrança, reinterpretções, comparações e o resultado é uma produção conjunta, uma criação (Szymanski; Szymanski, 2014, p. 12).

Contudo, cabe ressaltar que, ainda que haja espaço para a imprevisibilidade e o desvelar das demandas, também há o planejamento para a realização do Encontro Reflexivo. Szymanski e Szymanski (2014) os divide em cinco momentos distintos, sendo estes: Planejamento; Atividade preparatória; Narrativas; Reflexões e Síntese final.

Entretanto, podemos inferir que, apesar de momentos pensados e planejados com certa antecedência, é o encontro entre os participantes que dirá o que será trabalhado e de que forma isso será feito — sempre deixando espaço para que os fenômenos se desvelem.

Já ao falarmos de Oficina de Criatividade, podemos dizer que ela tem o objetivo de possibilitar diversos modos de expressão, em meio a semelhantes e diferentes, nesse sentido, a construção conjunta de sentidos possíveis. Nesse ínterim, a Oficina de Criatividade é sempre realizada em grupos, tendo, ao menos, um facilitador²⁵ que possa mediar o encontro. Tem-se como início uma pergunta disparadora ou, até mesmo, alguma inquietação trazida pelos participantes. Recorre-se a recursos expressivos, como tintas, pincéis, lápis de colorir, argila etc., a depender das demandas e necessidades explicitadas pelo grupo (Cupertino, 2006). A partir do que é produzido, é discutido, também em grupo, como foi elaborada a obra e seus possíveis significados e sentidos — assim, é possível direcionar-se para compreensões outras a respeito de si e dos seus modos de ser e vir-a-ser .

Portanto, as Oficinas de Criatividade — tal qual os Encontros Reflexivos — podem ser um lugar comum, construído pelo e para os participantes, a fim de promover integração e novos espaços de escuta. Facilita também o desvelamento de incômodos que, até aquele momento, poderiam estar encobertos, e possibilitam pensar, em conjunto, possíveis modos de lidar com as convocações cotidianas (Cupertino, 2006). Assim, possíveis teias de relações (Arendt, 2020) são reveladas, construídas, desconstruídas e reconstruídas pelos que participam — incluindo o psicólogo.

Levando em consideração dois dos diversos modos possíveis da clínica dar-se em grupo, é possível compreender que, a partir da clínica ancorada na fenomenologia, tais intervenções levam em consideração alguns direcionamentos e

²⁵ Neste ponto usarei o termo *facilitador*, pois é o termo usado por Cupertino (2006). Contudo, no restante do trabalho, optei por usar o termo *mediador*, uma vez que, a partir da minha compreensão, não buscamos facilitar a aparição dos fenômenos, mas servir como ponte para o que se revela.

indicativos formais de como prosseguir com os grupos e como trabalhar neles. Não significa, porém, que sempre seguiremos à risca o 'passo-a-passo' de tais modalidades grupais, nem mesmo que esse passo-a-passo exista. Todavia, isso não significa dizer que ação em grupo seja realizada de maneira totalmente arbitrária e puramente intuitiva.

As intervenções grupais, independente de qual modalidade seja, tem como fundamento o respeito e a horizontalidade-circular dos participantes. Torna-se essencial o respeito pela fala e pelo gesto de todos os envolvidos. No entanto, na prática, a lida com o diferente pode ser um desafio. Em contextos em que situações de violência são naturalizadas, constituem a cotidianidade, é de se esperar que, de certo modo, a violência também se faça presente nos acontecimentos de grupo. É preciso permitir que essa violência se revele, mas não para acolhê-la ou reafirmá-la, mas para usar esse fenômeno como ponto de partida para que outras compreensões se construam.

Partindo dessa perspectiva, trago à tona mais um dos muitos acontecimentos em grupo que me atravessaram e me encaminharam ao desconhecido. Em dado momento, ao participar de um grupo, percebi que as adolescentes já chegaram à sala discutindo sobre um ocorrido fora dali. Mesmo após sentarem, a discussão continuou, ficando cada vez mais acalorada. Uma falava por cima da outra, quase aos gritos, na busca por ser escutada. O problema era que todas queriam falar, mas poucas estavam se dando a possibilidade de ouvir. Intervimos algumas vezes, lembrando sempre sobre a questão do respeito e da importância de se escutarem, de modo que o diálogo pudesse se dar. Aos poucos, os ânimos foram abrandando e foi possível, de fato, dialogar.

As perspectivas a respeito do acontecido fora dali eram diferentes e, a meu ver, a discussão girava em torno de quem estava certa e quem estava errada. No entanto, na ânsia de se colocar como aquela que estava certa, cada adolescente falava mais alto, interrompendo outras falas. Nesse ínterim, acabavam não se dando a possibilidade de escutar e refletir a respeito do que se mostrava diferente, a fim de entrarem em acordo e se encaminharem de outro modo. Elas falavam perpassadas pela raiva e pela irritação e, ainda que tais modos de se colocar também sejam possíveis e, em alguns momentos necessários, dificilmente conseguimos estabelecer um diálogo se não conseguimos nos aproximar do horizonte do outro. Não falo aqui sobre empatia ou se colocar no lugar do outro — uma vez que,

questiono se é que conseguimos realmente nos colocar no lugar do outro, já que nossos horizontes serão sempre diferentes por mais semelhante que se pareça —; falo sobre a questão do encontro, de se possibilitar se aproximar do horizonte compreensivo do outro, mesmo que seja para discordar, mas que nessa aproximação também sou tocado por ele e, desse encontro, outros sentidos se revelam, inclusive, para mim. Quando há diálogo, por mais que nossos caminhos sejam distintos, há cruzamentos e, nesses deslocamentos, ocorre a abertura de outros horizontes possíveis.

Nesse movimento de falar, mas também escutar, compreensões a respeito do acontecido foram se mostrando e, portanto, postas em jogo e, nesse sentido, foi se construindo outros modos de ver aquilo e de se encaminhar frente àquela situação. Ao final, algumas pediram desculpas umas às outras, aparentando se apropriarem das suas dificuldades em estabelecer diálogos, mas reconhecendo a importância disso. A partir de então, elas caminharam de outras maneiras. Não vou dizer que não houveram outros desentendimentos, pois aconteceram. Mas o modo como se colocaram diante desses conflitos foi completamente diferente desse outro momento, demonstrando, assim, que o diálogo estabelecido as marcou de algum modo, ainda que não saibam dizer como. Mostraram-se abertas e dispostas, construindo, juntas, outras perspectivas.

Portanto, todo momento em grupo abre possibilidade de tessitura de novas compreensões, seja sobre o que já ocorreu ou a respeito das nossas esperanças e medos do que pode ocorrer. É onde há espaço e escuta para falarmos das nossas experiências e como estas nos atravessam, e como as compreendemos. E, aqui, não falo apenas das experiências “fora” do grupo, mas também aquelas que ocorrem nele. É um momento propício para trocas, seja de afeto ou de conflitos, o que surgir e fizer sentido ali (Cupertino, 2006; Szymanski; Szymanski, 2014).

Assim, os momentos em grupo também podem ser encarados como um acontecimento que nos convoca à algo — assim como a obra de arte. É a possibilidade de algo se mostrar e, a partir disso, tecermos olhares diversos a respeito do fenômeno, seja para melhor compreendê-lo e/ou para conseguirmos lidar melhor com ele (Clini, 2016). Ou, como foi dito por Critelli (2012, p. 71), “Os fatos precisam ser costurados com um fio de sentido que lhes dê alguma razoabilidade para serem compreendidos. Só depois de compreendê-los podemos definir nossas ações e tocar a vida”. E, como pudemos ver ao longo desse capítulo,

esse encaminhar-se para um destino diferente nunca é feito na solidão. Estamos sempre perpassados por outras existências, quer gostemos ou não. Somos coautores das histórias umas das outras, ainda que nem sempre lembremos os nomes de todas que fizeram parte da nossa história. Admito que, infelizmente, não lembro o nome de todas as 120 meninas, mas seus rostos, seus gestos e suas palavras perdurarão comigo indefinidamente. Testemunhei-nas e elas me testemunharam. Nossos horizontes se tangenciaram de modo que nos apresentamos diferentes de outrora.

Isto posto, é possível compreendermos que as modalidades e intervenções grupais carregam diversas compreensões e possibilidades de se fazer, de agir na clínica, de desdobramentos de ações. Tal ação clínica demanda dos psicólogos-mediadores o cuidado que já somos, mas não apenas de modo preocupado, nos antepondo ao que os participantes podem precisar ou querer, mas nos dispondo a caminhar ao lado deles, fazendo parte das construções, desconstruções e reconstruções ocorridas em grupo. É um caminhar para algo imprevisível, mas possível. É dar-se conta, de algum modo, que só eu posso viver a minha vida, e que, por isso, preciso me responsabilizar por ela. Mas que, diante disso, não preciso deixar de lado as outras existências que perpassam a minha. Somos-no-mundo-com-os-outros a todo instante.

6 LENDO, RELENDO E TECENDO: CONTOS FICCIONAIS COMO POSSIBILIDADE DE RECURSO NO PROCESSO TERAPÊUTICO EM GRUPO

No capítulo em questão, buscarei contextualizar o uso de contos literários como uma possibilidade de recurso no processo terapêutico em grupo. Para tanto, abordarei rapidamente sobre a arte como acontecimento e a arte em seu caráter factual. A partir disso, falarei um pouco sobre as possíveis compreensões a respeito da literatura de ficção; partindo, posteriormente, para elucidar algumas características do chamado *flash fiction* ou conto curto. Nesse sentido, procurarei tecer compreensões a respeito das possíveis afetações tendo como ponto de partida a leitura, principalmente no que tange os possíveis desdobramentos da leitura de contos ficcionais. Fechei o capítulo abordando, então, compreensões do uso de contos em intervenções grupais com adolescentes.

6.1 A arte como acontecimento e a arte factual: tecendo compreensões possíveis

Como vislumbrado anteriormente, o modo como a ação clínica vai se modificando ao longo do tempo possibilita pensar em diversas ampliações para ela. Se antes parecia caber apenas o falar, atualmente é possível recorrer a diversos modos de se expressar, incluindo recursos expressivos, como: pintura, desenho, leitura, dinâmicas etc. A arte ganha cada vez mais espaço, tanto de forma mais concreta quanto como acontecimento, dando em sua dimensão poética/discurso enquanto "*poiesis*", abertura de sentido, criação. Apresentando-se, portanto, como tudo e nada, familiaridade e negatividade, mistério e desvelamento. Estando sempre em trânsito, produção, movimento criativo que inaugura novos sentidos, possibilidades.

Toda obra de arte é única em sua existência, onde está situada. Segundo Heidegger (2010, p. 109), "No que se ergue em-si mesma, a obra abre um *mundo* e o mantém numa permanência vigorante". Podemos compreender, assim, que toda obra de arte, além da concretude de sua estrutura física, palpável, também tem circunscrita nela a sua história. História essa, porém, que não se encerra no "finalizar" da obra, mas que, justamente nesse "fim", se abre para o novo, deixando-se viger. Nesse movimento, a arte como acontecimento também vai de encontro a arte como algo factual.

Em um outro sentido, Benjamin (1987), compreende que toda obra de arte é passível de reprodução, seja para repassar os ensinamentos técnicos, seja para difundir e popularizar o feito ou simplesmente para angariar lucros. Contudo, mesmo com a reprodução, não sou capaz de reproduzir o instante da obra de arte, o aqui e agora.

Vale destacar também que se por um lado a reprodução tira o caráter de autenticidade da obra, por outro, é justamente esse movimento de reprodutibilidade que possibilita que, atualmente, diversas populações tenham acesso a diversas modalidades artísticas, como o cinema, a pintura, as esculturas e a literatura. Aqui, irei me depreender neste último.

Antes, o passar das narrativas eram feitas de forma oral, comumente passada dos mais velhos para os mais novos, numa espécie de tradição. No entanto, com a ascensão da burguesia, chega em meio a nós as prensas, capazes de reproduzir muitos textos em uma escala considerável. Assim, os romances começaram a ser popularizados entre aqueles que tinham melhores condições financeiras, e o investimento nesse meio só fez com que os livros ganhassem cada vez mais espaço (Benjamin, 1987).

Era no passar das narrativas feito oralmente que a tradição mantinha-se viva através de gerações. No entanto, com o surgimento dos romances impressos, tal tradição foi sendo deixada de lado em detrimento da popularização dos livros (Benjamin, 1987). E, apesar da reprodução comercial de tais romances se sobrepujar as narrativas orais, também é necessário jogar luz sobre o fato de que foi justamente a ampliação nos modos de reprodução que ajudaram na popularização e expansão do acesso à literatura. Atualmente, a chegada dos e-books, e-pubs, e-readers, downloads e afins ajudou a popularizar a literatura fictícia e não-fictícia nas populações que não tem condições de comprar livros e/ou não tem acesso fácil à bibliotecas.

É claro que não podemos ser ingênuos e pensar que tal modo de reprodução se dá simplesmente para facilitar o acesso a conteúdos antes voltados apenas para quem tinha condições financeiras de consumi-lo. Tal movimento também parte da necessidade de difusão, divulgação e popularização do conteúdo fornecido, a fim de conquistar mais lucros — mas não é nesse ponto que irei me ater aqui. Neste capítulo, buscarei falar um pouco mais sobre a popularização da literatura de ficção para além do entretenimento.

6.2 Compreensões a respeito da literatura e da ficção

Antes de qualquer coisa, torna-se necessário abordar o que estamos chamando aqui de *literatura*. Segundo Eagleton (2006), as tentativas de definir a literatura foram as mais variadas, que remontam, inclusive, à época shakespeariana. No entanto, mesmo com diversos estudos e teorias a respeito do que podemos compreender como literatura, não chegou-se a uma única e exclusiva compreensão a respeito dela.

No entanto, a título de esclarecimento — e numa tentativa de nortear sobre o que estamos falando aqui —, podemos considerar *literatura* todo e qualquer texto pensado e organizado a partir de um conjunto de símbolos e significados comuns ao público-alvo desejado (Lopes, Barbosa Jr., Martins, 2022).

Contudo, cabe ressaltar que esta é apenas uma das diversas possibilidades de se compreender a literatura. Por isso, podemos encarar isso não como a verdade, mas como uma compreensão tecida a partir de diversas conjecturas. Assim, “A definição de literatura fica dependendo da maneira pela qual alguém resolve ler, e não da natureza daquilo que é lido”. (Eagleton, 2006, p. 12).

Já em relação ao que seria *ficção*, comumente se pensa naquilo que é o oposto da verdade, verdade aqui entendida como fato, verdadeiro é aquilo que corresponde ao fato objetivamente dado. No entanto, Saer (2012) resalta que a ficção não necessariamente negligencia ou nega a possibilidade da verdade. Estamos tangenciando, possibilitando o atravessamento entre o factual e o possível, mas que não é possivelmente verificável. “Não nega uma suposta realidade objetiva, ao contrário, submerge-se em sua turbulência, desdenhando a atitude ingênua que consiste em pretender saber de antemão como essa realidade se conforma” (Saer, 2012, p. 3). Partindo desse pressuposto, é possível tecer que a ficção não busca simplesmente ser verificável e mensurável, oportunizando a checagem dos fatos. Ela busca cumprir com o que se propõe: ser crível enquanto ficção, apenas.

Portanto, podemos encarar *literatura de ficção* ou *literatura ficcional* como todo texto que convida o leitor a pensar e a interpretar a realidade a partir de seu horizonte existencial, levando em consideração o seu contexto vigente e suas experiências, possibilitando o tangenciamento entre aquilo que é narrado/lido e aquilo que é compreendido por quem lê (Lopes, Barbosa Jr., Martins, 2022).

É importante salientar que neste trabalho falaremos de um tipo específico de literatura de ficção, devido ao trabalho realizado com os grupos de adolescentes. Assim, o tipo de texto escolhido foi o chamado *flash fiction* ou conto curto. O gênero conto curto tem prevalecido durante o século XXI devido a facilidade de difusão através da internet. O fato de também ser um texto breve e de fácil leitura tem feito com que tal gênero se popularize bastante, principalmente entre os mais jovens.

Trata-se, portanto, de um gênero que mescla prosa e poesia, mas de maneira fluida e constante, visando construir um sentido de modo a não prolongar-se demais em sua leitura, já que ele é um texto curto. O termo "*Flash Fiction*" foi cunhado pelo escritor norte-americano James Thomas, em 1992, devido à quantidade menor de palavras utilizadas para contar uma história — em comparação aos romances. E, apesar de ganhar nomes diferentes a depender dos estudos literários de cada país, neste trabalho optei por chamar apenas de *conto curto*.

Escolhemos tal tipo de texto ficcional justamente por sua brevidade. Como, nas intervenções grupais, tínhamos um tempo previamente estipulado para iniciar e finalizar cada encontro, nós do grupo de psicologia pensamos na possibilidade de ofertar histórias que pudessem reverberar de algum modo, possibilitando a tecitura de diversas compreensões, mas que também não despendesse de muito tempo de leitura. Desse maneira, os contos curtos/*flash fiction* mostraram-se como uma boa opção.

Os contos curtos podem trabalhar diversos temas, desde os mais simples aos mais complexos. No projeto em questão, decidimos por escolher contos que trabalhassem temas que surgiram nas demandas identificadas nas primeiras escutas das adolescentes. Assim, temas como violência, abuso, relações familiares, perda, tristeza etc. mostraram-se relevantes para discutir junto a elas.

Segundo Ferguson (2010), o conto curto precisa ter todos os componentes de uma história longa, mas de maneira concisa e breve, a fim de informar o leitor a respeito do que está acontecendo sem precisar se alongar ou se repetir a respeito. Tem como objetivo levar o leitor a mergulhar na história, temer pela crise e encaminhar possíveis resoluções. É importante reconhecer que apesar de termos tais expectativas, nada garante que tal situação irá acontecer. Mas a partir dessa perspectiva, buscamos construir, junto com as adolescentes, um espaço propício para leitura e reflexão a respeito do conto lido/narrado.

Tais contos levam em consideração o que Al-Sharqi e Abbasi (2015) elencaram como sendo os cinco elementos chaves de um conto curto, sendo eles: 1) Contexto: é o local onde a história acontece, podendo ser um local físico de fato ou um acontecimento onde o desenrolar da história ocorre; 2) Personagens: são as peças principais que movem a história, podendo ser humanos ou não; 3) Conflito: momento de tensão em que a trajetória da história precisa ser repensada diante dos problemas que surgem; 4) Resolução: conclusão do conflito ou apenas um desfecho para algo que aconteceu na história; 5) Sugestão: maneira como se é informado ao leitor todas as informações essenciais da história à medida que ela acontece — sendo, assim, algo que perpassa toda a história.

Apresentadas aqui tais definições, é possível compreendermos os pormenores que envolve a literatura de ficção e um de seus gêneros, o conto curto. E, para além da caracterização de tal gênero, torna-se importante pensar como tal arte pode perpassar quem a testemunha de algum modo, seja pela leitura, pela narrativa etc.

6.3 O horizonte de quem lê e suas possíveis afetações

Segundo Critelli (2012), nenhum ser humano consegue lidar com os acontecimentos da vida de forma desorganizada e aleatória. “A realidade é sempre cheia de falhas, de ângulos distorcidos, de contradições e incongruências” (p. 32) e, diante disso, nos vemos necessitando organizar os fatos numa cadeia de sentido, a fim de conseguir lidar com o que nos aconteceu. Precisamos de um começo, meio e fim. Não obstante, se pararmos para narrar um acontecido, não contamos a partir do que nos vem, mas geralmente o fazemos seguindo uma ordem temporal, a fim de organizar e permitir que o ouvinte a compreenda. E assim também é na vida.

Na literatura, isso não se dá de maneira tão diferente. É certo que a escrita de um texto ficcional requer certo planejamento e organização a respeito dele, buscando deixar o texto coeso, conciso e verossímil. Apesar de não fazermos o mesmo com as histórias de nossa vida, costumamos refletir a respeito dela, a fim de retornar a realidade e agir de algum modo a respeito do que nos aconteceu.

Partindo dessa compreensão, é possível entendermos que, em um conto, podemos narrá-lo de maneira totalmente ficcional, tecendo narrativas que não condizem com o factual. Mas também é possível elaborarmos um conto a partir de

vivências pessoais, a fim de costurá-las num fio de sentido, para que, diante do que for tecido, possamos nos encaminhar de outras maneiras (Critelli, 2012).

Por sermos contadores de história, mesmo sem consciência ou intenção, elaboramos uma série de contos sobre nós e nosso viver. Não são propriamente narrativas, mas relatos corriqueiros e cotidianos que nos servem como guias de viver. Eles podem mesmo nos acompanhar, persistentes, durante toda a nossa vida, mas são desconectados e até contraditórios entre si. Se comparados, muitas vezes esfacelam as personagens que somos em mil diferentes versões (*ibid.*, p. 41).

Nessa direção, não é raro que na clínica, quando um paciente quer narrar alguma história, ele se encaminhe por certo movimento cronológico, a fim de criar uma noção de cadeia de acontecimentos. Contudo, esse movimento não acontece apenas na clínica individual. Nas intervenções grupais, tal modo de organizar os eventos da história à medida que se conta também é algo feito pelo coletivo. É possível perceber que, quando uma integrante do grupo começa a narrar uma história que também foi vivida e testemunhada por outras participantes daquele mesmo grupo, o que era uma narrativa de viés solo passa a ser uma narrativa multifacetada, com ainda mais horizontes e afetações variadas. Tal momento pode ter como ponto de partida o próprio conto lido em grupo, onde uma inicia trazendo um pouco de sua experiência e compreensões e, em seguida, outras participantes dão continuidade ao que está sendo construído.

Diante disso, compreendemos que a leitura de um conto de ficção — ou de qualquer outro texto ficcional — pode ser perpassada pelas experiências de quem lê, pois, quem o lê, “atribui” sentidos únicos ao que está sendo lido, pois o faz a partir de suas experiências de vida, de como o fenômeno se desvela para ele (Lopes, Barbosa Jr., Martins, 2022). E tais sentidos jamais serão passíveis de reproduções ou repetições, uma vez que todo fenômeno se desvela e nos atravessa de forma única e irrepitível (Freire, 2008).

Desse modo, precisamos, então, falar também de como o leitor pode ser afetado por aquilo que lê. Segundo Borges-Duarte (2012; 2021), não podemos definir a afetividade numa única palavra, pois fazê-lo seria decair numa tentativa de subjetivação psicológica, beirando uma estruturação do ser-em. A disposição afetiva é algo plurívoco, cabendo, inclusive, a simplicidade e a estranheza. “Esta consideração da afetividade não a concebe como mera manifestação ôntica (emocional ou sentimental), mas como maneira ontológica de ser-no-mundo e do ser

(no mundo): forma de ser do Dasein, em que se forma o que é vivido em um mundo, que vem ao encontro e em que nos encontramos.” (Borges-Duarte, 2021, p. 103).

A afetividade “[...] é o momento inicial da compreensão” (Borges-Duarte, 2021, p. 104), em que a disposição afetiva perpassa a compreensão e a compreensão perpassa a disposição afetiva. Estão em constante correlação, não há uma sem a outra. É o que abre-se ao horizonte, desvelando-se ou se ocultando. Não é, simplesmente, a tentativa de acesso ao factual, a concretude das coisas, mas “[...] ao horizonte para o aparecer do que apareça ou, talvez, para o ocultar-se do que não apareça [...]” (Borges-Duarte, 2012, p. 57).

Podemos, assim, compreender a afetividade como uma abertura de sentido mais próprio e mais primordial. Não é um mero conceito representativo, que tem como objetivo captar a essência de algo e descrevê-la, mensurá-la. É o tangenciamentos da compreensão, que interpreta o mundo sempre a partir de uma disposição, identificando o que me é próprio de algum modo (Borges-Duarte, 2021).

Portanto, a maneira como sou afetada me antecipa certa compreensão do contexto em que me encontro, e minha compreensão está orientada por uma disposição afetiva. São correlatas (*ibid.*).

A disposição afetiva não é simplesmente o que chamamos comumente de humor, emoções e/ou sentimentos. Não se trata de um sentimento específico, passível de nomeação. Trata-se de “[...] estar de antemão afinado (em harmonia, por vezes des-harmónica, *verstimmt*) com o que se nos dá e aparece” (Borges-Duarte, 2021, p. 111). Logo, a forma como eu me sinto a respeito de algo perpassa o contexto em que me encontro, minha relação com os outros entes e o modo como cuido de mim e dos outros (*ibid.*).

Retomando, então, o meu diário de bordo e o conto “O Bicho” (Neves, 2021) trazido anteriormente, penso ser possível, assim, mostrar na prática como é possível compreender os atravessamentos entre compreensão e disposição afetiva a partir da leitura de um conto, como vemos a seguir:

Pela primeira vez em muito tempo eu estava genuinamente animada para escrever no meu diário de bordo. Não apenas por ter me sentido contemplada pela atividade, mas por conseguir perceber que, mesmo com todos os percalços e dificuldades — e pensando em me findar inúmeras vezes —, consegui chegar aqui e estar com elas. Jamais serei a mesma. E me sinto imensamente agradecida por isso (Neves, 26/04/24).

Isto posto, é possível inferir que ao ler um conto, minhas compreensões também são afinadas pelo modo como me encontro afetivamente aberta para com ele; assim como o modo como me encontro inicialmente disposta também está articulada às minhas compreensões prévias, seja sobre ele, ou mesmo, sobre questões que lhe atravessam. Tal compreensão e disposição estão em constante jogo em meu horizonte existencial de modo que também me põem existencialmente em jogo. Tem como ponto de partida as experiências que já tive e as narrativas já compartilhadas, encaminhando-se para algo novo e singular. Esse novo se dará de maneira que não posso controlar ou definir para onde vai ou quando terminar. Posso apenas continuar seguindo de algum modo.

6.4 Os contos ficcionais e suas possíveis desdobramentos existenciais

É certo pensarmos que todo texto — seja fictício ou não — parte de um objetivo específico, seja de informar, entreter, refletir etc. No entanto, não há garantia alguma de que esse objetivo será realizado. O sentido do texto vai depender também daquele(s) que lê(em), ou melhor, de como se lê²⁶. Ainda assim, até os textos considerados ficcionais têm a possibilidade de ultrapassar o seu objetivo inicial, seja ele qual for (Freire, 2008). Por isso, toda experiência de leitura carrega consigo a possibilidade de experiência singular (Almeida, 2014), podendo vir a ser transformadora ou não — já que também pode ocorrer pela indiferença, pelo desinteresse. Mas, até tais modos de compreender a leitura de um conto também é considerado uma experiência de encontro entre leitor(es) e texto(s) (Almeida, 2014; Lopes; Barbosa Jr.; Martins, 2022).

A leitura de contos de ficção pode nos redirecionar ao novo, à Ação. Arendt (2020) chama de Ação o caráter iniciador que todo ser humano carrega consigo durante toda a sua existência. É a possibilidade de romper com a linearidade de sua vida e começar uma nova — o que também é chamado de nascimento biográfico. Tal nascimento se dá quando, devido ao espanto, ao estranhamento, experienciamos algo que retira a familiaridade da qual estávamos acomodados, nos impulsionando a refletir sobre a nossa existência, organizando os fatos da nossa vida em um encadeamento de sentidos, a fim de conseguirmos lidar com eles e retornar a nossa vida. Essa experiência pode se dar de maneiras diversas. Não

²⁶ Esse “como” não se refere a uma técnica de leitura, mas ao modo como somos por ele afetados/convocados.

podemos definir, de antemão, o que nos ocorrerá ou como. Apenas nos toma de maneira tal que torna-se necessário refletir sobre outra maneira de continuarmos caminhando.

O conto de ficção, por abordar temas diversos, carrega também consigo essa possibilidade de nos deslocar da nossa familiaridade, rumo ao desconhecido, onde precisaremos, de alguma forma, refletir sobre aquilo que nos desloca, a fim de conseguirmos retomar as nossas vidas em algum momento. Assim, todo momento de leitura, seja feito na solidão ou com outros, tem consigo a possibilidade de mudança, de redirecionamento — ainda que não saibamos para onde nem quando ou se ocorrerá (Almeida, 2014). Assim, a concretude do texto é ultrapassada, pois suscita do leitor certas compreensões que só ele poderá atribuir, uma vez que, a cada leitura, o modo como nos encontramos está sempre em jogo, atravessando também o modo como compreendemos a obra e vice-versa (Lopes; Barbosa Jr.; Martins, 2022).

Nessa direção, acredito ser possível dizer que os contos lidos, de algum modo, atravessaram as adolescentes — assim como fizeram comigo. Não sou capaz de discernir ou definir de que modo elas foram marcadas, mas posso dizer que foram, visto que modos outros se mostraram para elas. Em todas as situações, foi possível perceber mudanças, mesmo que sutis, como as de Mari.

Mari, desde o início, mostrou-se bastante divertida e sensível para com suas colegas e amigas. No entanto, apesar de atenta e acolhedora, parecia-me ter dificuldade em se permitir deixar-se ser acolhida e ajudada. Era perceptível a sua conexão com Nina, e parecia que conseguia conversar com ela. Mas, durante os grupos, mesmo quando falava sobre o que sentia, Mari mostrava-se desconfiada, temendo que algumas de suas palavras escapassem dali — mesmo que tenhamos feito acordos de que tudo o que acontecia ali, ficava ali.

Quando lemos o conto “A menina que chorou um rio”, de Rogeane Oliveira (2021) e Mari se pôs a chorar, meu primeiro movimento foi de tentar acolher a ela e a Nina, que também chorava. Nina me pareceu ter um pouco mais de facilidade em receber ajuda, então logo aceitou quando eu lhe ofereci escuta. Já Mari ficou reticente de início, parecia querer apenas enxugar suas lágrimas e ajudar a amiga. A questão é que ela também parecia demandar por ajuda. Insisti, Mari aceitou. Infelizmente, naquele dia, não consegui escutar nenhuma delas — como já mencionado anteriormente. Mas a história não acabou aí.

Após toda a turbulência experienciada pós-grupo, procurei por Mari e Nina na semana seguinte e lhes expliquei que, devido a problemas pessoais, não pude atendê-las. Foram compreensivas, pareciam entender. Ofereci-lhes escuta novamente. Para ser honesta, não lembro o que Nina falou, mas lembro que Mari foi categórica em negar. Ainda que eu sentisse que era necessário conversar, respeitei o momento. Coloquei-me em aguardo.

Eis que em um outro momento em grupo, fazendo uma outra atividade, ao discutirmos sobre o que foi produzido, surgiu o tema a respeito de pedir ajuda. Muitas participantes admitiram ter dificuldade em procurar ajuda por não confiar nas pessoas, ter medo que “saíssem espalhando” o que elas tinham compartilhado ou que as julgassem por estar sofrendo. E uma dessas adolescentes foi Mari. Nesse momento, enunciámos para elas que, se precisassem, estaríamos ali, era *só falar*. No entanto, surgiu a problemática: não era tão fácil *só falar*. Elas preferiam mentir e dizer que estava tudo bem do que chegar a alguém e dizer que precisavam conversar — mesmo que esse alguém fosse um dos estudantes do grupo de psicologia. Diante disso, o que fazer?

Assim, ofereci à elas a possibilidade de que, sempre que quisessem conversar, só precisariam chegar até um de nós e dizer uma palavra simples, escolhida por elas e que carregasse consigo um pedido de ajuda. Falei-lhes que poderia ser qualquer coisa, uma cor, um objeto, um lugar... Escolheram a palavra *azul*. Disseram que gostavam da cor, e foi unânime. Daquele dia em diante, *azul* se tornou, para aquele grupo, um pedido de ajuda. Mostrou-se ali que elas não precisavam fazer como a personagem do conto e se afogar nas próprias lágrimas. Algo as tinha atravessado e marcado. Mesmo com uma palavra tão pequena, elas demonstrariam não estar bem, e iríamos estar com elas de modo mais atento.

Não posso afirmar com total certeza que foi o conto que abriu para elas a possibilidade de ser ajudada. Pode ter mostrado, de algum modo, que não precisam aguentar tudo em silêncio, carregando consigo as dores do mundo. Mas decidi acreditar que sim. Conforta-me pensar que foi o conto que mostrou a todas elas a importância de ouvir, mas, acima de tudo, o quão é necessário falar e deixar-se transbordar. Eu precisei me deixar transbordar, e elas precisavam também.

Além disso, ser convocada a refletir sobre a obra lida pode nos levar a seguir diversos caminhos e, um deles, é a identificação com a história contada ou com a personagem apresentada — como foi possível observar anteriormente, quando Mari

e Nina se identificaram com Marina (“A menina que chorou um rio”, Rogeane Oliveira, 2021) ou quando a maioria das adolescentes que leram “O Bicho” (Neves, 2021) se identificaram com Tininha. Tal identificação fala de um aproximar-se das personagens, a fim de tecer um diálogo com a história, partindo de um questionamento a respeito do que foi enunciado. Dessa forma, somos capazes de mergulhar no texto, nessa aproximação-distanciamento, enunciar diversas histórias, compreensões e afetações. Ao mesmo tempo que nos aproximamos da nossa própria história e de horizontes outros que se mostram. Assim, a partir de cada um dos contos trabalhados com as adolescentes, podemos tecer algumas compreensões a respeito de nós mesmos e dos nossos contextos, percebendo outros caminhos pelos quais podemos caminhar e alguns “automatismos” de nossa existência (Almeida, 2014, p. 150). É a possibilidade de nos apropriarmos de alguns padrões ou romper com eles, de modo mais próprio, atento ao que nos acomete (*ibid.*). Assim como eu percebi a importância de pedir ajuda em momentos de caos, gosto de pensar que as adolescentes — ao menos algumas delas — também tenham notado o quão é importante buscar por escuta quando a necessidade urge.

Toda experiência que me toma, me redireciona de algum modo, tem a possibilidade de me mudar. Seja porque o medo de perder alguém próximo se apresentou pela primeira vez (Nobre, 2021), ou porque choramos ao perceber as dores que alguém em silêncio pode carregar (Oliveira, 2021), ou, talvez, por perceber que jamais poderemos decidir pelo outro (Cunha, 2021), ou, quem sabe, por percebemos que os piores monstros podem ser humanos (Neves, 2021). Ler é se abrir ao risco, ao perigo, ao desconhecido. É aventurar-se naquilo que posso até conhecer, mas que não testemunharei da mesma maneira que antes (Lopes; Barbosa Jr; Martins, 2022). É a possibilidade de ir de encontro ao diferente, mesmo temendo, mas também *esperançando* que algo possa se dar de modo diferente (Walckoff, 2016). “Quero pensar que, ainda que o mundo esteja acabando aos poucos, e que nós estejamos nos findando também, ainda há esperança perdida em algum lugar, esperando para ser achada.” (Neves, 26/04/24).

Aqui é preciso lembrar que na medida em que somos, também somos testemunhados e só, nesse sentido, também nos constituímos ser. Testemunho aqui não é compreendido apenas como observar passivamente algo acontecer, num suposto lugar de neutralidade. Fala sobre as interpretações que tecemos ao longo do tempo — não apenas do momento que acontecem — dos gestos e palavras dos

outros. Mostra-se, então, a nossa necessidade de estarmos juntos de algum modo, no que Critelli (2012) chama de “interdependência” (p. 61). Tudo o que testemunhamos é construído junto, na coletividade. Portanto, os meus gestos e palavras não são apenas meus, são nossos. Nessa direção, tudo o que falo aqui é apenas uma compreensão possível da minha experiência junto às adolescentes. Porém, preciso dizer que tudo o que testemunhei e o que me marcou foi construído em conjunto com elas e o grupo de psicologia. Ao falar delas, aqui, falo também de mim. Ao falar de mim, falo sempre delas. Nossos horizontes, em alguma medida, se encontram e se testemunharam e, destes, marcas foram/são mutuamente deixadas.

Nesse sentido, é possível compreendermos que a leitura de um texto ficcional tem a possibilidade de nos atravessar e nos marcar de algum modo, encaminhando-nos para a construção de compreensões acerca de algo. Podendo ser o fato de as palavras não caberem no momento, apenas o choro; ou o silêncio gritar alto devido a dor da perda; ou se questionar quanto às relações intra e extra familiares estabelecidas; ou porque a violência, muitas vezes, é respondida com mais violência. Tudo isso que trago aqui foi construído na coletividade. Escrevemos uma enorme história, todas juntas.

Por um breve período de tempo — curto demais, a meu ver —, fomos coautoras das histórias umas das outras. Quase me parece impensável que 120 meninas passaram por mim e que, de forma próxima ou distante, eu também tenha passado por essas 120 meninas. Penso, agora, que tive uma teia de relações bastante extensa, e dói-me pensar que, atualmente, já não posso dizer o mesmo. O contato e o convívio findou-se — ao menos por agora — e outras pessoas foram convocadas a fazer parte das minhas teias de relações. Entretanto, carregarei cada uma delas comigo. De agora em diante, sempre que reler um dos textos trabalhados com elas, recordarei do momento em que lemos juntas e discutimos sobre. Talvez um misto de nostalgia e tristeza perpassa o momento, não sei dizer. Só saberei quando viver.

Ao lermos e discutirmos, tecemos compreensões que poderão reverberar em nossa existência. Já não sei dizer quais palavras exatas usei em cada momento, mas o modo como fui afetada — e como ainda sou — permanece perpetuando. Estabelecemos encontros, dialogamos, nos aproximamos do horizonte existencial umas da outras. Pensamos, talvez, o que cada uma de nós faria no lugar de

Verônica, Marina ou Tininha. Acolhemo-nos, fossem através da palavra e/ou dos gestos.

A cada parágrafo lido em voz alta, um novo início pode ter tido seu ponto de partida. A cada voz ouvida, um nascimento pode ter ocorrido. A cada gesto testemunhado, um novo caminho era trilhado. Seus destinamentos, que antes parecia ser uma linha reta rumo a mais sofrimento e dor, se ramificaram, como galhos de uma gigante árvore, que ameaça crescer e se alongar indefinidamente.

Com isso, não quero dizer que foram “salvas” de um destino cruel, tal qual as donzelas dos contos de fadas — longe disso. Quero mostrar, na verdade, que nada do que nos acontece define quem somos, por mais marcas que nos deixe e por mais que, de algum modo, também nos abra o que seja possível. Pode até falar de onde eu vim e do que experienciei, mas não diz quem sou ou o que farei com a minha existência. Somos puro poder-ser, abertura primordial. Seguimos nos apresentando como um projeto-projetante que jamais finda, apenas deixa de ser. E, quando estamos aqui, seguiremos no infinitivo, sem caber gerúndio ou participio.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto ao longo deste trabalho, toda forma de arte carrega consigo a possibilidade de nos tomar de tal modo a nos redirecionar ao novo. O conto de ficção, assim, pode ser uma dessas formas de arte que abre espaço para que o novo se instaure, nos dirigindo para um outro destino. Nessa direção, não é raro que a leitura de um conto ultrapasse a concretude dele, já que não é apenas sobre a história contada, mas como eu a compreendo e como sou afetada. Assim, sou atravessada por aquilo que testemunho, portanto, já não sou mais a mesma. No entanto, assim como testemunho, também preciso ser testemunhada. Estamos sempre nesse movimento de encontros com os outros, testemunhando e sendo testemunhados. Agindo e falando levando em consideração o que nos atravessa e nos marca. Movendo-nos a todo momento, ainda que não saibamos com certeza para onde estamos indo.

Diante disso, abre-se a possibilidade de pensar em nossas teias de relações e na coautoria. Nada novo é instaurado na solidão, precisamos de outras pessoas que nos testemunhem e nos marquem de algum modo, nos direcionando para o desconhecido. Assim, ao pensarmos de maneira mais concreta, também é possível compreendermos as intervenções grupais como esse local de estranhamento e familiaridade, de convocação para o novo. É um lugar de diálogo, de encontro com a alteridade, que deixa claro para nós nossas semelhanças e diferenças. É a possibilidade, portanto, do novo se instaurar de modo inimaginável e imprevisível. Podemos, então, nascer novamente.

Portanto, narrar sobre as violências sofridas mostra-se como uma forma de buscar a validação e credibilidade que, muitas vezes, foi negada à maioria das adolescentes escutadas. Abriu-se, nesse meio, a possibilidade de compreender como cada uma delas foi afetada pelo que experienciaram, construindo, assim, modos de lidar com o que emergia. No entanto, sabemos que, devido ao tipo de violência sofrida — nesse caso, sexual —, torna-se difícil verbalizar sobre, ainda que os gestos também falem. Seja por não confiar em quem estava presente no grupo, ou por não querer falar sobre algo tão doloroso ou, simplesmente, por não querer pensar a respeito. Nesse ínterim, ter um espaço que pudesse acolher essas meninas e lhes permitir ir de encontro umas às outras mostrou-se, então, como local de cuidado. Algo que, na maioria das vezes, não lhes era ofertado. Ali, elas podiam

falar sobre o queurgia e teria alguém para escutá-las e acolhê-las — se não nós, mediadores, então, outras participantes. Estar em grupo e narrar sobre as violências sofridas abriu espaço para que narrativas semelhantes também ganhassem forma. Passou-se, de algum modo, a compartilhar tais experiências, ainda que cada uma a tenha experienciado de modo único. A troca, o diálogo e o cuidado entre as participantes deixou ainda mais claro a relevância do acontecimento de grupo como possibilidade, também, de romper e fundar mundo. Rompeu-se com o que já não fazia mais sentido e fundou-se uma nova trajetória, rumo ao desconhecido.

Estar entre outras pessoas, mesmo de modo concreto — como é no caso dos grupos —, tornou possível o diálogo, o conflito, a reflexão. Diante disso, apesar da raiva, frustração e do medo diante das violências sofridas e a vontade de respondê-la da mesma forma, abriu-se também a possibilidade de romper com este ciclo e buscar outros modos de lidar com a violência que não seja reproduzindo-a — ainda que, em muitos casos, compreendamos que é através da violência que algumas populações conseguem espaço para serem vistas e ouvidas. Nessa direção, mostra-se também a oportunidade de narrarmos sobre nossos incômodos e inquietações, ainda que isso possa doer. Mas a dor só se mostra porque ainda não deixamos de ser. Somos possibilidade, e sofrer pelo que nos acometeu também é uma possibilidade, já que somos puro poder-ser. Assim, nós sofremos porque existimos.

Contudo, nem sempre é possível ou exequível narrarmos nossas experiências a respeito de um acontecimento que nos feriu. Diante de tal fato, cabe pensarmos em outros modos de narrar que não seja o mero descrever factual dos eventos — pois isso, ainda que possa parecer algo frio e distante, também pode machucar. Em vista disso, recursos expressivos podem abrir caminho para que essa narrativa aconteça, como, por exemplo, é o caso de contos ficcionais.

Neste trabalho, apresentei o uso de conto junto à vítimas de violência sexual através de intervenções grupais. Nessa direção, foi possível observarmos as diversas compreensões tecidas a partir de uma história fictícia, mas que, em alguns aspectos, se aproximavam das realidades vividas pelas adolescentes. Isso se deu, pois, foi pensado junto a elas o que poderia ou não fazer sentido em cada grupo. Atentarmo-nos e escutarmos cada adolescente foi imprescindível para, ao estarmos juntos, compreendermos também o funcionamento de cada grupo específico. Assim, os contos buscavam retratar o vivido, o compartilhado, a experiência que todas nós,

em algum momento e de algum modo, fomos acometidas. Fosse o medo de não se encaixar, as frustrações de relações difíceis, o medo da perda, o sofrimento represado e/ou a raiva diante das violências sofridas. Os contos ficcionais se mostraram como uma possibilidade de contar a própria história através das histórias de outros. E, além disso, nos convocou a pensar em finais outros que não aqueles já instaurados. Convidou-nos a pensar em outros modos de experienciar um fenômeno que não fosse apenas pelo sofrimento. Invocou-as a pensar na própria existência e se perguntar “*e aí, vou pra onde daqui?*”. A necessidade de abrir — quase capinar — outros caminhos, urgia.

Narramos sobre Verônica, Marina, Tininha e muitas outras personagens e seus sofrimentos diante de uma existência que lhes demandava tanto. Mas, ao falarmos destas personagens, narramos também sobre centenas de outras existências que nos perpassam a todo instante. Ao narrarem sobre as personagens, as adolescentes também falavam de si no processo. Assim como, ao falar das personagens e das adolescentes neste trabalho, também narro sobre mim e sobre o que experienciei. Está tudo entrelaçado e sustentado nessa enorme teia que constituem os mundos fundados.

Ao falarem de Verônica, deram voz aos seus medos e suas dores diante da vida, mas abriram espaço também para a esperança de um futuro que não fosse, majoritariamente, violento. Buscaram traçar limites entre aquilo que faz sentido para elas e aquilo que não — mas compreendendo que não é fixo e imutável. Estamos em constante mudança, somos abertura.

Ao falarem das personagens do conto de Juliana Cunha, exprimiram suas frustrações a respeito das relações firmadas; convocando umas às outras a pensarem em outros encaminhamentos para os acontecimentos da história. Nesse movimento, escreveram um pouco de suas biografias, pois movimentavam-se rumo a um destinamento outro que não fosse o que tinha sido ditado. Todas elas se arriscaram e, espero eu, que o risco tenha valido a pena.

Ao refletirem sobre a perda a partir do conto de Nilo Nobre, revisitaram, então, memórias de momentos vividos com entes queridos, levados embora, muitas vezes, pela violência. O testemunho de uma experiência passada se entrelaça com o testemunho do presente, tecendo novos caminhos a serem percorridos. Mostrou-se, então, a possibilidade de construção de novas relações, de possíveis novos

momentos a serem experienciados. Enquanto alguns deixaram de ser, elas eram convocadas a continuar sendo.

O narrar sobre Marina deu-se quase em silêncio. Só o choro era capaz de preencher a sala e ecoar nas mentes. Mostrou-se ali a possibilidade de dar vazão a tudo que estava represado há tanto tempo. Jorrou-se dores, sofrimentos, desespero. As palavras presas a um papel convocou-as a sobreviver à própria dor convertida em água, pedindo que algo fosse feito a respeito — ainda que, naquele momento, a única coisa possível fosse chorar. Já não havia mais como conter o que pedia por passagem. Torço para que a água derramada tenha molhado a terra e feito as flores germinarem. Espero que, em algum momento que não sei como nem quando, possa vê-las florescer. Não precisamos ser Marina e morrer afogadas pelas coisas não-ditas.

Aparentemente, Tininha convocou nelas a raiva e a frustração de precisar lutar para sobreviver em um mundo feito por e para homens. Escancarou-se o fato de violarem corpos por os compreenderem como algo público, que deve ser possuído. A indignação tomou conta do momento, mas esta é perpassada, frequentemente, pelo medo de ser violada. Parecem ver os homens como bicho porque eles a veem como uma presa. Ao comemorarem o que Tininha e as outras mulheres fizeram com seu abusador, expurgaram, talvez, a raiva que sentiam dos próprios agressores. Pareceram ver em Tininha aquela que queriam ter sido, a viram fazer o que, talvez, tenham pensado em fazer. Viram nela a possibilidade de violentar quem as violentou, chamando-a de corajosa. Mal sabem elas que sobreviver a qualquer violência sexual e narrar sobre ela é de uma coragem incomensurável. Talvez, no caminhar de suas existências, compreendam que não precisam fazer sofrer porque também sofreram. O ressentimento pode até se fazer presente, mas não deve ditar toda uma vida. Tininha não é e nunca foi definida pelo abuso sofrido.

Nessa direção, podemos inferir que o conto não se fecha após o último ponto final, muito menos após sua publicação. Toda obra tem a possibilidade de perpetuar e marcar quem a testemunha. A prova disso é que, quase meia década depois de escritos, tais contos continuam perpassando quem os lê, afetando-as de maneiras inexplicáveis. Muitas adolescentes do projeto levaram os contos para casa, a fim de relê-los e marcá-los. E, a cada nova leitura, um novo sentido se desvela e se encobre, dando espaço para a luz e o mistério, possibilitando a tecitura de

compreensões diversas a respeito do que foi lido. Toda história tem o seu ponto de partida, rumando para um novo caminho, mas dificilmente conseguiremos ditar a sua chegada. A arte perpetua indefinidamente. O ponto final declara o fim da sentença, não de uma história.

REFERÊNCIAS

- Almeida, L. P. A experiência total da leitura literária. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 66, n. 2, p. 143-158, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-52672014000200011>. Acesso em: 28 dez. 2022.
- Al-Sharqi, L.; Abbasi, I. S. Flash Fiction: A unique writer-reader partnership. **Studies in Literature and Language**. Canada, v. 11, n. 1, p. 52-56, 2015. Disponível em: <<http://www.cscanada.net/index.php/sll/article/view/7253>>. Acesso em: 27 out. 2023.
- Arendt, H. **A Condição Humana**. Tradução: Roberto Raposo. 13. ed. rev. [Reimpr.]. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020. 403 p.
- _____. **Sobre a violência**. Tradução: André Duarte. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023. 154 p.
- Arpini, D. M.; Savegnago, S. D. O.; Witt, C. S. O ponto de vista de adolescentes em situação de vulnerabilidade social sobre o agressor sexual. **Pesqui. prá. psicossociais**, São del-Rei, v. 12, n. 2, p. 247-262, ago. 2017. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200002>. Acesso em: 22 abr. 2024.
- Aun, H. A. **Qualidade de vida no trabalho**. 2005. 136 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2005.
- Baptista, M. T. D. S.; Noguchi, N. F. C.; Calil, S. D. B. W. A pesquisa interventiva na psicologia: análise de três experiências. **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 7, ago. 2006. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2006000300014>. Acesso em: 06 jan. 2025.
- Barreto, C. L. B. T. Reflexões para pensar a ação clínica a partir do pensamento de Heidegger: Da ontologia fundamental à questão da técnica. *In*: Barreto, C. L. B. T.; Morato, H. T. P.; Caldas, M. T. (Orgs.). **Prática psicológica na perspectiva fenomenológica**. Curitiba, PR: Juruá, 2013. p. 27-50.
- Benjamin, W. **Magia e técnica, arte e política**. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora brasiliense, 1987. 253 p.
- Borges-Duarte, I. A afectividade no caminho fenomenológico heideggeriano. **Phainomenon**, [S. l.], n. 24, p. 43-62, abr. 2012. Disponível em: <<https://phainomenon-journal.pt/index.php/phainomenon/article/view/308>>. Acesso em: 18 dez. 2024.
- _____. **Cuidado e afectividade em Heidegger e na análise existencial fenomenológica**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: NAU Editora, 2021. 280 p.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. Notificações de violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2015 a 2021. **Boletim epidemiológico**, Brasília, v. 54, n. 8, fev. 2024. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2023/boletim-epidemiologico-volume-54-no-08>>. Acesso em: 03 jan. 2025.

Camasmie, A. T. **Psicoterapia de grupo na abordagem fenomenológico-existencial**: contribuições heideggerianas. 2012. 225 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2012.

Clini, M. M. **Contemplações entre arte e clínica**: por uma presença fenomenológico-hermenêutica. 211 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Critelli, D. M. **História pessoal e sentido da vida**: historiobiografia. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2012. 104 p.

Cunha, J. Gaiola de sangue. **Revista Escambanática**, Ceará, 1. ed., ano 01, n. 3, p. 20-22, 2021.

Cupertino, C. Oficina de criatividade na formação de jovens para ação comunitária. **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 5, fev., n.p., 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X200600010003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 jul. 2024.

De Antoni, C *et al.* Abuso sexual extrafamiliar: percepções das mães de vítimas. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 97-106, jan. 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/vSgt3WFX8qSpCSqL7Rpn4gb/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 05 jan. 2025.

Dutra, E. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 7, n. 2, p. 371-378, jul. 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/epsic/a/vc3HmxqcyjLnrQpFpLwskhzm/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 04 jan. 2023.

_____. Considerações sobre as significações da psicologia clínica na contemporaneidade. **Estudos de Psicologia**, v. 9, n. 2, p. 381-387, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/epsic/a/7dTyvpTbPQW9XfFsgk4shcn/#>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

Eagleton, T. **Teoria da literatura**: uma introdução. Tradução: João Azenha Jr. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 387 p.

ECPAT - End Child Prostitution, Child Pornography and Trafficking of Children for Sexual Purpose. **Vision, mission and values**. Disponível em: <<https://ecpat-france.fr/en/vision-mission-and-values/>>. Acesso em: 04 jan. 2025.

Ferguson, J. L. **Border Markers**. 2010. 101 f. Tese (Doutorado em Literatura e Escrita Criativa) - Department of English Language, Literature, and Creative Writing, University of Windsor, 2010.

Ferraz, M. M. P.; Xavier, M. M.; Cabral, V. I. R. Violência sexual contra crianças e adolescentes: análises das notificações a partir do debate sobre gênero. **Desidades**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 134-150, abr. 2021. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2318-92822021000100009&script=sci_abstract>. Acesso em: 22 abr. 2024.

Freedom Fund. **Homepage**. Disponível em: <<https://www.freedomfund.org/>>. Acesso em: 21 dez. 2024.

Freire, J. C. Literatura e psicologia: a constituição subjetiva por meio da leitura como experiência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, [S. l.], v. 60, n. 2, p. 2-9, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-5267200800020002>. Acesso em: 10 jan. 2023.

Gadamer, H. G. **O caráter oculto da saúde**. Tradução: Antônio Luz Costa. Petrópolis: Vozes, 2006. 176 p.

Heidegger, M. **A caminho da linguagem**. Tradução: Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2003. 229 p.

_____. **Ser e Tempo**. Tradução: Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2005. 600 p.

_____. **A origem da obra de arte**. Tradução: Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. 253 p.

Leite, D. F. C. C. S. **A prática psicológica com famílias**: problematizando a prática no contexto de clínicas-escola. 2016. 168 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2016.

Leite, E. Verônica e a esperança. *In*: Martins, S. **TRANSliterações**. São Paulo: Editora CHA, 2020. p. 109-114.

Leite, D. F. C. C. S.; Barreto, C. L. T. Hermenêutica existencial e pesquisa em psicologia clínica: caminhos possíveis. **Revista Pesquisa Qualitativa**, [S. l.], v. 6, n. 11, p. 251-279, 2018. Disponível em: <<https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/178>>. Acesso em: 12 jan. 2023.

Libório, R. M. C. Violência sexual contra crianças e adolescentes: contribuições da Psicologia no processo de prevenção. **Psicol. Ensino & Form.**, Brasília, v. 4, n. 2, p. 119-139, 2013. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612013000200008>. Acesso em: 22 abr. 2024.

Lopes, M.; Barbosa Jr., F. W. S.; Martins, J. C. Leitura de textos literários como subversão à linguagem do poder. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 34, e42215, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/fractal/a/Zxbkvb7ZnDsmvQB5DPzJShj/?lang=pt>>. Acesso em: 28 dez. 2022.

Lovelace, A. **A princesa salva a si mesma neste livro**. Tradução: Izabel Aleixo. Rio de Janeiro: Leya, 2017. 201 p.

Melo, J. B.; Morato, H. T. P. Discurso psicológico e população LGBTI: endereçamentos de uma ação clínica e política. *Psicologia USP*, v. 33, e190133, p. 01-10, 2022. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/202700/186807>>. Acesso em: 22 de out. de 2023.

Morato, H. T. P. Algumas considerações da fenomenologia existencial para a ação psicológica na prática e na pesquisa em instituições. *In: Barreto, C. L. B. T.; Morato, H. T. P.; Caldas, M. T. (Orgs.). Prática psicológica na perspectiva fenomenológica*. Curitiba, PR: Juruá, 2013. p. 01-26.

Morato, H. T. P.; Milanesi, P. V. B. Plantão psicológico como escuta oportuna: hermenêutica da urgência? *In: Francisco, A. L. et al. Psicologia e demandas sociais contemporâneas: reflexões e diálogos*. Curitiba: CRV, 2022. p. 163-176.

Morato, H. T. P.; Sampaio, V. F. A escuta clínica como um pesquisar fenomenológico existencial: uma possibilidade no horizonte da realização da existência. **Arquivos do IPUB**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 102-115, jan./abr. 2019. Disponível em: <<https://www.ipub.ufrj.br/wp-content/uploads/2019/04/v1n1a08.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2025.

Moreira, J. O.; Romagnoli, R. C.; Neves, E. O. O surgimento da clínica psicológica: da prática curativa aos dispositivos de promoção de saúde. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 27, n. 4, p. 608-621, dez. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/BBv99MqzHbTRwVHprgvvR6P/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 18 novembro 2024.

Neves, A. S. *et al.* Abuso sexual contra a criança e o adolescente: reflexões interdisciplinares. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 1, p. 99-111, 2010. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2010000100009>. Acesso em: 22 abr. 2024.

Neves, E. R. **O Bicho**, 2021. Não publicado.

Neves, E. **Diário de bordo**: 04/05/23 - grupo 2. Não publicado.

_____. **Diário de bordo**: 18/05/23a - grupo 1. Não publicado.

_____. **Diário de bordo**: 18/05/23b - grupo 2. Não publicado.

_____. **Diário de bordo:** 01/06/23a - grupo 1. Não publicado.

_____. **Diário de bordo:** 01/06/23b - grupo 2. Não publicado.

_____. **Diário de bordo:** 21/09/23. Não publicado.

_____. **Diário de bordo:** 26/04/24. Não publicado.

Nobre, N. **A luta**, 2021. Não publicado.

Oliveira, R. A menina que chorou um rio. *In:* Escambau Coletivo Editorial. **Feira da Pulpa**, Ceará, ano 1, n. 2, p. 43-46, 2021.

Pompeia, J. A.; Sapienza, B. T. **Na presença do sentido:** Uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas. São Paulo: EDUC: Paulus, 2004. 246 p.

Prado, R. A. A.; Caldas, M. T. Hermenêutica filosófica, fenomenologia e narrativa: percurso metodológico de uma pesquisa em psicologia clínica. **Revista psicologias**, [S. l.], v. 1, p. 01-25, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufac.br/revista/index.php/psi/article/view/207>>. Acesso em: 09 jan. 2025.

Saer, J. J. O conceito de ficção. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, n. 8, p. 1-6, jul. 2012. Disponível em: <<https://www.pucsp.br/revistafrenteiraz/download/pdf/TraducaoSaer-versaofinal.pdf>>. Acesso em: 18 novembro 2024.

Santana, A. M. Desafios à prática psicológica em saúde: existência em sofrimento. *In:* Francisco, A. L. et al. **Psicologia e demandas sociais contemporâneas:** reflexões e diálogos. Curitiba: Editora CRV, 2022. p. 79-103.

Schmidt, L. K. **Hermenêutica**. Tradução: Fábio Ribeiro. Rio de Janeiro: Vozes, 2012. 264 p.

Souza, C. C. **A clínica que se vive:** reflexões sobre a prática da psicologia clínica na contemporaneidade. 2007. 97 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007.

Szymanski, H.; Szymanski, L. O encontro reflexivo como prática psicoeducativa: Uma perspectiva fenomenológica. **Revista de Educação, Ciência e Cultura**. Canoas, v. 19, n. 1, jan./jul. 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao>>. Acesso em: 16 jun. 2023.

Walckoff, S. D. B. **As possibilidades do pensamento de Hannah Arendt na prática psicológica**. Curitiba: CRV, 2016. 94 p.

ANEXO A - Verônica e a esperança, de Eiryen Leite, 2020

O céu estava azul. Sem nuvens, tinha o mesmo tom claro que costumava ver do meu quintal em um dia quente de verão, mas alguma coisa era estranha naquela paisagem. Havia algo faltando. Algo fora do lugar. Alguma coisa tornava aquela paisagem – que deveria ser familiar – em uma estranha e incompleta imitação, mas não conseguia saber o que era.

Fiquei irritada ao perceber que aquilo era falso, afinal, essa realização me fez entender que não estava em casa. Foi quando percebi, em meio à frustração, que não estava sozinha. Tinha mais alguém comigo.

Havia uma mulher grande e forte, com a pele em tom de ébano, sentada alguns metros à minha frente. E, assim como eu, admirava o céu limpo e claro.

— Está cada vez mais difícil ver um azul desses – disse com voz de trovão quando percebeu que eu a admirava. — É bom te conhecer, Verônica.

Ela sabia meu nome. Ela realmente sabia meu nome. Rapidamente me senti acolhida por aquela mulher estranha que, sem pudor algum, havia dito com todas as letras o que tantos outros evitavam falar.

— Eu conheço você? – perguntei sentindo um arrepio percorrer minhas costas.

— Você me chamou, não? – questionou enquanto se punha de pé. — Na verdade, acho que você me chamou muitas vezes. – Com passos firmes e lentos, ela aproximou-se de mim. — Alguns me chamam de Liberdade, outros preferem me chamar de Fé, mas, para você, sempre fui Esperança.

O arrepio deu lugar à euforia. Era uma daquelas sensações que a ciência teria dificuldade para tentar explicar, pois por um brevíssimo momento senti que sabia de tudo. Entendia a razão de tudo, via como tudo no mundo se conectava e, agora, tudo era óbvio.

Momentaneamente dotada do conhecimento absoluto, reconheci de imediato a mulher. Era embaraçoso que não tivesse notado sua identidade mais cedo. Afinal, agora, ela era como uma velha amiga que já encontramos por incontáveis vezes ao longo da vida. A voz de trovão, o corpo altivo e robusto; a pele macia e escura; não havia dúvida: eu estava diante da própria Esperança!

— Não achei que você existisse – respondi sem conseguir esconder minha felicidade, – mas você existe. Você está aqui!

— É claro que eu existo – Esperança respondeu em tom ofendido — Existo dentro de pessoas como você.

— Pessoas como eu? – perguntei, pois apesar de ter entendido tudo sobre tudo por um breve momento, não era de minha natureza ficar calada sem questionar as coisas ao meu redor.

— Sim, pessoas como você. Pessoas que sonham e lutam com todas as suas forças por um mundo melhor. Não há terra melhor para minhas sementes. Com um simpático sorriso no rosto, Esperança que agora estava a poucos centímetros de mim, estendeu as mãos e segurou meu rosto entre elas. Seu toque era quente e revigorante, e, olhando nos meus olhos, ela continuou.

— Você sempre foi assim, Verônica. Uma sonhadora capaz de fazer de tudo para construir um futuro melhor. Eu sei disso, pois você me acolheu desde pequena e, hoje, quero retribuir o favor.

Esperança aproximou seu rosto do meu e, ainda segurando meu cenho com as mãos, se inclinou, gentilmente tocando seus lábios nos meus, firmando nosso vínculo com um beijo. A sensação era boa, eu estava me sentindo em paz. Fechei os olhos para aproveitar o momento, e foi quando pude ver sobre o que Esperança falava.

Era novamente uma criança. Na visão que Esperança transmitia para mim, tinha pouco mais de cinco anos. Naquela época todos ainda me chamavam de Otávio. Já fazia tanto tempo e, tantas coisas haviam acontecido no meio do caminho, que as cenas pareciam ser de uma vida passada, entretanto ainda me lembrava daquele dia.

Minha mãe trabalhava durante o dia e quem cuidava de mim e dos meus irmãos era uma tia. Minha irmã mais velha e eu estávamos brincando de desfilarmos em uma competição para ver quem era a modelo mais bonita. Empolgados com o brilho da passarela, pegamos sapatos, roupas e maquiagens da minha tia. Não era nada muito caro ou chique, pois éramos pessoas simples, mas nas mãos de uma criança, qualquer coisa barata se torna um item cobiçado.

Me lembro de escolher os sapatos mais altos para o desfile e pedir ajuda da minha irmã em uma maquiagem caprichada, toda em roxo – minha cor favorita. Por sua vez, minha irmã escolheu um vestido curto, que mesmo ficando enorme nela, fazia ela se sentir “espetacular”.

Espetacular. Essa havia sido a palavra que ela usou e, mesmo sem entender direito o que queria dizer, eu sabia que era assim que me sentia enquanto desfilava pelo quarto da minha tia, indo de um lado a outro, enquanto tentava manter o equilíbrio sobre os saltos gigantes que estalavam sob meus pés. Entre tombos e gargalhadas, minha tia entrou no quarto. Ainda me lembro da expressão séria que ela colocou no rosto, enquanto descrevia nossa brincadeira com horror para nossa mãe. Um horror incompreensível para uma criança de cinco anos que se sentia espetacular.

Naquela tarde, percebi como as coisas eram diferentes para mim. Minha irmã e eu levamos bronca por ter feito o que fizemos, e fomos alertados a nunca mais mexer nas coisas da minha tia, porém, apenas eu apanhei e tive que ir para a igreja depois.

Demorei muito tempo para me sentir espetacular de novo. Felizmente, certas coisas não podem ser impedidas. Principalmente, quando se carrega um pedacinho de Esperança no coração.

Aos dezessete, me lembro de brigar feio com o pastor. Não sei como a discussão começou, mas me recordo da felicidade com a qual proferi todas aquelas palavras nervosas. Três dias depois, minha mãe me disse que eu não teria mais teto com ela. Em qualquer momento da minha vida, lembrar disso teria me dado um gigantesco nó na barriga, mas não ali com Esperança. Ter ela ao meu lado me fez encarar tudo aquilo com tranquilidade, pois ela me fazia lembrar que as coisas acontecem do jeito que acontecem e, é justamente por elas acontecerem assim, que sou quem sou.

Não foi fácil, não foi certo, mas com a ajuda dos meus poucos amigos, pude trilhar um caminho só meu. Vi minha primeira grande decepção amorosa e as noites que passei no albergue, no qual pessoas mais velhas tentavam tirar vantagem da minha juventude. Vi também o primeiro batom que comprei com meu próprio dinheiro, pois, por muito tempo, surrupiava – com muito medo –, o das minhas irmãs.

Esperança me mostrou também meu primeiro dia de trabalho em uma loja que vendia roupas muito parecidas com as que minha tia usava. Vi colegas e amigos que não estavam mais aqui, levados por doenças ou pela violenta ignorância dos homens e, com saudade, chorei uma vez mais por todos eles. Também pude morrer de rir, uma vez mais, com as bebedeiras sinceras que fazíamos entre amigas, falando alto e falando de tudo que quiséssemos.

Fui também, uma vez mais, visitar os parentes que queriam se reconciliar comigo, lembrando do abraço apertado das minhas sobrinhas que estavam me vendo pela primeira vez na vida e, uma vez mais, cai em lágrimas quando minha mãe faleceu, pensando em tudo que deixamos de viver juntas. Senti de novo meu coração explodindo em palpitações ferozes enquanto fazia sexo com os amantes que me davam tesão. Também pude sentir que flutuava enquanto segurava a chave da casa que havíamos alugado entre amigas, naqueles que com certeza foram os melhores anos de minha vida.

No longo beijo de Esperança, ri, chorei, gozei e falei tudo de novo. Vivi uma vez mais naqueles lábios e, quando o beijo terminou, lágrimas de felicidade escorriam dos meus olhos.

— Isso tudo é você, Verônica – disse Esperança enquanto afastava seu rosto do meu.

— Sou eu, sim – respondi sem conseguir tirar o sorriso do rosto.

— Venha comigo, há algo mais que quero te mostrar.

Segui Esperança sob o céu azul, até o lugar onde ela estivera sentada e, com espanto percebi que diante de nós havia uma cidade. Uma cidade linda como nenhuma outra que tenha visto antes. Caminhamos por suas ruas, repletas de pessoas sorridentes e felizes que ouviam música e que trocavam carícias sem medo. Em uma praça, vi crianças passeando com as famílias que as amavam e pude ver também pessoas de todas as etnias, gêneros e jeitos, sentadas juntas, compartilhando iguarias culinárias enquanto riam do desastroso jogo de futebol que seus colegas jogavam.

Andei por ruas e mais ruas onde era comum ver pessoas felizes, se divertindo simplesmente por estarem ali. Não tive dúvida de que aquela era a melhor cidade do mundo. Queria fazer minhas malas e me mudar para lá, trazendo todos os meus amigos comigo.

Esperança e eu estávamos de mãos dadas, quando reconheci aquele lugar. Estávamos na minha cidade. Em frente daquilo que um dia já havia sido minha casa. Estava tudo diferente, mas o sentimento de familiaridade tinha se tornado tão latente que eu não pude mais ignorá-lo. Então, perguntei onde estávamos.

— Esperança vem do futuro – respondeu a mulher com olhos risonhos — e cresce no coração daqueles que sonham e lutam, pois o futuro não se pode formar

de outro jeito, já que é com lutas e sonhos que o construímos. Nós moldamos nosso futuro.

Aquele realmente era o futuro. Aquele era o lugar de onde Esperança tinha vindo.

Com o coração aquecido, admirei aquele lugar até o anoitecer, quando Esperança se aproximou.

— Eu queria te mostrar isso.

— Obrigada por me mostrar. Eu precisava ver isso... Está na hora de voltar?

— Receio que sim.

Caminhei em silêncio até o final da rua, quando me virei uma última vez e olhei para Esperança, pouco antes dela entrar no que já havia sido minha casa.

— Não se preocupe, não vou esquecer. Na próxima, vou lutar do jeitinho que lutei nessa e nada nem ninguém vai conseguir me desanimar.

— Era o que queria ouvir – respondeu Esperança enquanto fechava a porta atrás de si.

— Também era o que eu queria dizer – respondi. Mas não tive a certeza se ela ouviu.

E então, caminhei noite adentro, em silêncio, de volta até a rua onde meu corpo haveria de ser encontrado por um ambulante na manhã seguinte. Ele não me conhecia, mas presenteou-me com um dos anéis que vendia.

ANEXO B - Gaiola de sangue, de Juliana Cunha, 2021

Foi durante a madrugada que nos visitou pela primeira vez. Dormiu na sala, sobre a mesa de jantar, ao lado do vaso de flores. Tratava-se de uma gota de sangue com três centímetros de largura, deitada e gravada em nosso móvel.

Pela manhã, ao avistá-la, fingi desinteresse. Peguei pão, iogurte e comi o café da manhã na mesa. Mamãe também notou a mancha, mas, diferente de mim, agitou-se. Decidiu tomar café no sofá, enquanto batia os pés no chão com nervosismo. Na hora do almoço, com uma casualidade calculada, embebedou uma flanela com álcool e passou por todo o móvel de madeira, esfregando, por mais de uma vez, a marca intrusa.

O fez em vão.

No dia seguinte, não só outra gota caíra sobre a mesa, mas duas novas apareceram, uma na cama dela e outra na cadeira do antigo escritório de papai. Pior: não apenas estavam lá novas visitantes incômodas, mas no teto víamos, como um vazamento, a formação de goteiras sanguinolentas. Assim, mesmo trocando o lençol, deslizando a flanela na mesa e esfregando a cadeira, elas voltavam a aparecer.

Coloquei tigelas debaixo dos três pontos por onde o líquido descia. Mais triste do que com medo, tranquei-me no quarto, lancei-me na cama e lutei para ignorar aquela situação incômoda. Deitada, contudo, podia ouvir a agitação de mamãe, que corria de um lado para o outro. Ora esvaziava e lavava os recipientes, ora abria e fechava as janelas, como se a todo instante considerasse pedir por ajuda.

Nunca gritou.

No terceiro dia, constatamos que era uma espécie de invasão. Goteiras incontáveis se espalhavam por todos os cômodos da casa e não havia mais balde, panela, tigela, copo ou prato suficientes. A situação beirava o insustentável. Para fugir daquelas manchas, tínhamos que andar sorrateiramente, na ponta dos pés, por nossa própria casa. Sem poder viver livremente e sem encontrar ali qualquer sentimento de lar ou abrigo, chorei.

Mamãe, ao contrário de mim, não se deu por vencida. Dedicou-se a conter os estragos que as manchas aplicavam aos móveis e eletrodomésticos. Ao longo dos dias, suas mãos ficaram em carne viva. Desde a morte de papai, seu objetivo era

restabelecer a normalidade, pelo menos na aparência. Agia do mesmo modo sob aquela situação nefasta.

No quarto dia, tivemos nossa chuva particular. O teto se converteu em um céu vermelho e uma forte tempestade sanguinolenta caiu. As paredes suavam a mesma gosma rubra e, por isso, não era mais possível enxergar a estrutura que mantinha a casa de pé.

Reconhecendo a catástrofe anunciada, abri o guarda-chuva sobre a cabeça e recolhi-me em um canto. Falei para mamãe fazer o mesmo, mas ela, afirmando que tal ato traria mais morte sobre nossa casa, não só recusou a oferta como mandou que eu abandonasse minha própria estratégia.

Fechei o guarda-chuva e fingi que tudo estava normal. A satisfação durou pouco. Ao limpar o espelho no final do corredor, não consegui me ver. Dei um grito e caí para trás. Quando mamãe veio me ajudar, também notou nossa transformação. Havíamos nos tornado outras, com pele vermelha, lábios carmesins e cabelos ruivos. Éramos um tipo macabro de machucado ambulante.

Foi após cinco dias que a casa começou a inundar-se. Pela manhã, já estava a um palmo abaixo daquela vermelhidão. O volume do líquido crescia com velocidade. Além da chuva intensa, placas de sangue caíam e se rompiam sobre nós.

No sexto dia, senti o cheiro da minha morte. A altura daquela piscina macabra havia enredado meu pescoço. Comecei a arquitetar um plano de fuga, mas tive de fazê-lo sozinha. Mamãe se irritava com minhas ideias. Entregando-se à loucura, ria, mergulhava, boiava e nadava, como se aquele mar de horrores fosse, ainda, a sua casa.

Sete dias após o início daquela catástrofe, mergulhei sorrateiramente para puxar a porta pela maçaneta, mas ela não abriu. A porta dos fundos também parecia trancada. Subi à superfície, onde encontrei mamãe com apenas o rosto para fora, completamente submersa. Tentei puxá-la para perto de mim, salvá-la, mas não consegui. Ela me empurrava, desejando ficar para trás.

Enchi os pulmões de ar e mergulhei em direção à janela. Ali, segurando a moldura metálica, bati fortemente com os pés, até que o vidro cedeu. A pressão empurrou-me e os cacos rasgaram minha pele quando a casa me cuspiu para fora. Corri.

Dizem que minha mãe ainda mora lá.

Mini biografia: Juliana Cunha é “escritora, mestre em artes pelo PPGARTES/UERJ e graduada em história da arte pela mesma universidade. Escreve críticas de arte quinzenais para a Revista Desvio (2021). Foi uma das vencedoras do 2º prêmio literário Afeigraf 2020. Publicou o conto ‘A carta do Diabo’ no whattpad” (Cunha, 2021, p. 22).

ANEXO C - A luta, de Nilo Nobre, 2021

Os meninos da minha escola sempre implicavam comigo. Falavam da minha cor. Diziam que meu cabelo era ruim. Eu odiava ter que ir pra aula todo dia. Na verdade, eu odiava tudo. Na minha rua não era diferente. Sempre que me empolgava de brincar com as outras crianças, uma hora ou outra elas acabavam me insultando.

Em casa, ninguém dava bola pra isso. Todos só tinham olhos pra minha irmã. Três anos mais velha que eu, sempre foi bem na escola. Ainda por cima tinha ganhado o torneio escolar de capoeira. Todos se orgulhavam dela. Eu também tinha orgulho, só queria que me notassem um pouco.

Certo dia eu estava na varanda, olhando as outras crianças correndo na rua. Queria brincar, mas tinha receio que implicassem comigo como sempre faziam. Fiquei ali, só olhando de longe. Minha irmã viu que eu estava chateada e me chamou para ir com ela para o treino de capoeira. Disse que teria outras crianças lá para eu brincar, se quisesse.

A escolinha não ficava longe. Fomos andando. Ao chegarmos, percebi que todo mundo queria conversar com minha irmã. Ela era um tipo de celebridade no grupo. Logo descobri o motivo.

Eles fizeram a roda. Começaram a tocar o berimbau e o atabaque. Todos cantavam juntos as cantigas enquanto minha irmã cumprimentava um colega, para logo em seguida trocarem movimentos tão rápidos que fiquei impressionada. Eles estavam mesmo tentando acertar um ao outro, mas conseguiam desviar dos ataques com a mesma fúria e velocidade. Cada impulso para atacar gerava uma esquivada na sequência.

O desafiante da minha irmã cansou e outro o substituiu. O segundo também não aguentou e veio outro, e outro, e mais outro. Nenhum conseguia se equiparar à habilidade dela. Fiquei maravilhada em como ela era boa. Não havia ninguém que a vencesse.

Quando o treino estava perto de acabar, ela me chamou. Me apresentou a todos e me perguntou se eu não queria aprender também. O mestre me ensinou uns movimentos básicos e comecei a treinar, toda empolgada.

O tempo foi passando e comecei a melhorar. Quando não estava na escola ou na escolinha, minha irmã me levava pra treinar em umas falésias que ficavam

perto de casa. Morávamos na única periferia da cidade que era perto da praia. À tardinha, sempre íamos treinar nas falésias, vendo aquele pôr do sol que deixava tudo alaranjado. Ficávamos até quase escurecer, a brisa marinha deixava minha irmã com frio e ela sempre encerrava o treino antes do vento gelado da noite.

Então veio a doença. Ficamos chocados quando descobrimos que minha irmã estava com uma doença terminal e com baixíssimas chances de recuperação. Eu não queria acreditar. Não aceitava sequer pensar na possibilidade de perder aquela que foi minha única companhia nos últimos anos.

Logo ela, que me ensinou sobre como a capoeira ajudava a resistir às rasteiras da vida, tinha encontrado um inimigo que ela não conseguiu se esquivar a tempo. Não. Ela era a mais forte de todas as irmãs. Ela iria escapar dessa. Nada seria capaz de derrotá-la.

Começaram o tratamento. Tiveram que utilizar os medicamentos mais potentes para ter alguma chance, pois a doença já foi descoberta tarde. Eu não sabia dizer o que fazia mais mal a ela, se a doença ou as drogas que tomava. Reações tão fortes que a faziam vomitar, perder o apetite, as forças.

Ficamos todos angustiados pelo sofrimento que a víamos passar. Ao longo de poucos dias, a vi definhar. Ela que foi sempre tão forte e cheia de vida, havia perdido uns vinte quilos e agora era possível ver muito de sua ossatura por baixo da pele.

Acabou sendo internada e revezávamos para acompanhá-la. Agora que eu já estava mais crescida, conseguia passar um tempo com ela no hospital. Eu ficava sempre de olho para mantê-la coberta, pois sabia que sentia muito frio. Ela passava a maior parte do tempo dormindo por causa dos sedativos, mas sempre que acordava, me mostrava um sorriso e dizia que logo ia ficar boa e que a gente ia poder ir de novo treinar nossa capoeira na praia. Eu me animava com a lembrança toda vez que ouvia isso.

Meu pai veio para ficar com ela, e voltei pra casa. Passei o resto do dia lembrando de quando íamos treinar. Fazia poucos meses que ela estava doente, mas pareciam anos entre aquele momento e nosso último treino. Meu pai chegou em casa chorando. Ela teve uma piora súbita e foi levada para a UTI. Seria observada 24hs pela equipe de médicos e não era permitido acompanhante. Ficamos todos em casa angustiados sem saber o que aconteceria e sem nem

mesmo poder ficar perto dela. E se ela acordasse e não visse nenhum de nós? Será que estava com frio?

Passamos alguns dias naquela aflição quando o telefone tocou. Meu pai correu para atender. Minha mãe e eu corremos atrás para saber se era do hospital. Logo confirmamos que sim. Meu pai ouviu a pessoa do outro lado por um tempo e desabou a chorar. As lágrimas escorriam de seus olhos como eu nunca tinha visto. Logo minha mãe e eu o acompanhamos, já esperando o pior. Aos poucos, um sorriso foi surgindo em meio a tanto choro. Meu pai nos disse que ela tinha resistido ao tratamento, que não corria mais perigo. Eu sabia. A mais forte de todas as irmãs, tinha vencido a doença.

Não contive as lágrimas de alegria quando ela chegou em casa. Corri para abraçá-la e fiquei ali, agarrada nela por vários minutos, até que minha mãe disse que ela ainda precisava de repouso.

Com o tempo, ela foi recuperando seu antigo peso e aos poucos estamos nos esforçando para que ela consiga de volta sua capacidade física. Todo dia estamos indo para a praia, treinar capoeira naquele pôr do sol.

Mini biografia: Nilo Nobre é historiador, mestre e doutor em Arqueologia, quadrinista e escritor. Membro do grupo de escrita escambaclubes, é também editor de algumas histórias originais da Editora Guará para o aplicativo funktoon. Tem contos publicados em algumas revistas digitais e físicas, em algumas antologias e tem pequenas histórias em quadrinhos espalhadas pela internet. Gosta de lidar com temas decoloniais, abordando personagens menos valorizados.

ANEXO D - A menina que chorou um rio, Rogeane Oliveira, 2021

Quando passava por aquela vila esquecida pelos deuses todos, o trem do fim do mundo fazia o divertimento da meninada. Era sempre a mesma recepção: costumavam largar o que estavam fazendo e correr gritando “Apita! Apita!”.

Marina foi uma dessas crianças.

Do alto de seus dezessete anos, apenas observava quieta pela janela. Naquele pedaço de terra, quase todo mundo tinha um galinheiro em casa. Havia uma praça com bancos de madeira e igreja no centro, como em toda Vila. Era cortada de norte a sul pelo trilho do trem, mas não tinha estação. Para embarcar, era preciso viajar a pé ou pegar uma condução até a cidade mais próxima.

Da casa de Marina, via-se os trilhos. Quando tudo foi inundado, o trem não pôde mais passar.

Há coisas que nunca são ditas, evita-se até mesmo pensar, para que permaneçam intocadas. Marina não pronunciava uma só palavra há tempos. Ninguém sabia se era doença, promessa ou castigo divino. Aos doze anos, de uma hora pra outra, a menina de voz doce deixou de cantar as cantigas de roda, de assobiar imitando os passarinhos ou de gritar pra vizinha quando o vento derrubava as roupas do varal.

No começo, as pessoas comentavam, interrogavam a mãe e a própria Marina, que diante de qualquer investida respondia apenas acenando a cabeça. Sempre um sim ou um não, nunca um porquê. O padrasto logo tratou de acalmar a mulher, dizendo que se Marina não queria mais falar, que não falasse. A mudinha, como ficou conhecida, permaneceu em silêncio. O fato foi se agregando de tal forma à rotina da Vila que o termo se tornou até adjetivo. “Fulano tá mudinha, hoje.”

Com o silêncio, veio uma tristeza que se enclausurou nos olhos de Marina como um pássaro preso numa gaiola. Ajudava a mãe nos afazeres domésticos, ia às novenas da igreja e até embalava a rede da irmã mais nova. Tudo num simulacro de quietude.

A ausência de falas a tornou exímia ouvinte. Começou quando a vizinha confidenciou a perda prematura de uma gestação devido ao excesso de peso carregado. “Mulher se fosse bicho era mula.” Depois, o velho dos cem anos sentou em sua calçada e falou durante três horas seguidas da saudade dos filhos, que

embarcaram no trem e nunca mais voltaram. A partir daí, foram horas a fio servindo de confidente a cada morador da pequena Vila.

Ouvia cada história, se envolvendo de tal modo que sentia as dores como se fossem suas: o filho prematuro; a solidão na velhice; o marido enforcado na plantação seca; a criança perdida no poço; a perna amputada pelo trem; o anjinho no caixão branco; o sangue da viúva pela casa; a disputa pelo dente de prata; os gritos da louca; as feridas pelo corpo; a visagem da alma e dos corpos sepultados aos nunca encontrados.

Então, a tristeza represada em seus olhos finalmente irrompeu. Perfurou as colunas de concreto, envergou as vigas de ferro, até destruir toda a estrutura de betão. Marina inundava-se. Quanto mais histórias ouvia, mais chorava. Encharcava a si e às pessoas ao redor tão grande era o volume de lágrimas. Uma plateia se formou em frente à sua casa, maior a cada dia, só para vê-la chorar.

“Seus olhos são como cachoeiras”, disse um forasteiro que passava trocando peças velhas de alumínio por utensílios de plástico. O homem parou seu burro entupido de cacarecos em frente à casa da moça, sacou um copo e, sob o olhar atarefado dos moradores, o encheu com as lágrimas de Marina. Comprovou que eram doces como a água dos poços. A história se espalhou, e alguns a batizaram de “a santa das lágrimas de mel”. Muitos levaram a cabo o provérbio “ver para crer”, mas, quando viam, permaneciam incrédulos.

Durante os meses de seca, sem poço profundo que sustentasse a sede do povo, Marina tornou-se chafariz. As pessoas faziam fila em sua porta, contavam suas lamúrias, que não eram poucas. Marina chorava, as lágrimas aparadas por baldes e bacias de alumínio.

Sua fama trouxe gente de todos os lugares. A fila se formava às cinco da manhã e findava às cinco da tarde. Ouvia a todos de bom grado, resignada em sua penitência, mas o padraço julgou de bom tom cobrar uma pequena taxa de cada cliente. Sua mãe buscava em orações como agir frente a tudo aquilo. Tentou encontrar respostas com o padre português, mas ele estava ocupado exigindo privilégios no acesso às lágrimas.

Com o prolongamento da seca, as filas aumentaram. A mãe de Marina observou que a filha já atendia há mais de dez dias sem folga. Depois de tanto tempo chorando, tinha os olhos fundos e a pele esturricada de desidratação. Apesar dos dezessete anos, aparentava cinquenta. Decidiu cancelar as visitas, mesmo

diante da reclamação de todos, inclusive de seu marido, que já havia comprado dois burrinhos e um leitão seco com as economias acumuladas.

A mãe sentou-se ao lado da filha. Guardava o que tinha visto há tempo demais. Acariciando sua cabeça, ao tentar consolá-la, acabou por confessar suas próprias lamúrias. Entre as dores da mãe, estavam as dores da filha, que há cinco anos cumpria sem reclamar a promessa feita numa madrugada, deitada em sua rede, com a mão do homem tapando a sua boca e a instrução: “não fale nada”.

Marina desatou a chorar, dessa vez não pela dor dos outros, mas pelo peso das suas próprias dores. Já não havia vasilhas suficientes para depositar tanta água. Deitada em sua rede, chorou. Suas lágrimas inundavam a casa, escapando pelas frestas das portas e janelas, para inundar também as casas vizinhas. Depois de treze dias e treze noites, não havia mais trilhos do trem, nem vila, nem Marina, só lágrimas. Um rio inteiro de lágrimas.

Mini biografia: Rogeane Oliveira é “Professora de Artes Visuais e Arte-educadora, com uma produção atravessada por diferentes linguagens artísticas, entre elas o teatro, as artes visuais, a literatura e o audiovisual” (Oliveira, 2021, p. 46).

ANEXO E - O Bicho, de Elissa R. Neves, 2021

Mal tinha dobrado a esquina e já avistou Dona Socorro sentada na porta de casa, observando a rua. Respirou fundo, pensando em dar a volta e pegar o caminho mais longo, mas resolveu encarar. Gostava de Dona Socorro, apesar da senhora ser faladeira e curiosa. Só não queria mesmo era se apegar a ninguém. Logo mudaria de cidade novamente, deixando seu passado ainda mais distante, fingindo não pertencer a lugar nenhum nem ter família alguma.

— Tininha, chegue aqui! — Disse Socorro. — Tenho novidade, minha filha, venha cá.

Cumprimentou-a, emendando em seguida:

— Mas, olhe, como eu já lhe disse, meu nome é...

— Menina, nem diga! Traz mau agouro. Tininha é melhor, vá por mim — falou a senhora, adentrando juntas na casa.

Seguiram para a cozinha, Tininha se sentou e comeu bolo com café, enquanto Dona Socorro lhe contava sobre o acontecido.

— Noite passada, durante a madrugada, a filha de Dona Nena foi atacada dentro de casa, quando tava dormindo. Tão dizendo que é o Bicho. A coitadinha tava toda roxa, Tininha. Tava de dar pena.

A jovem só prestava atenção, mordiscando o bolo e bebericando o café. Ela sempre preferiu ficar quieta quanto a essas lendas, mesmo vindo de uma família cheia de histórias. Não jogava lenha na fogueira nem apagava o fogo. Acreditava que, se fizesse isso, esses causos seriam esquecidos aos poucos.

Porém, sempre surge um bicho novo pra assustar o povo.

O Bicho.

Tininha quis rir. Seus vizinhos começaram esse disse-me-disse falando que era um chupa-cabra, lobisomem, e até a pisadeira, mas nada satisfez. Então inventaram essa criatura que era mais homem que bicho, e atacava as moças em noite sem lua.

Nunca acreditou em nada disso.

Mas não diria nada a Dona Socorro. A senhora sempre foi muito gentil, principalmente com ela, recém-chegada. Não queria criar inimizade. Porém, também não queria ficar ali.

Inventou algo pra fazer e se despediu de Dona Socorro. Já na porta, encontrou Juliana, filha da dona da casa. A menina entrou sem dar um pio e foi direto pro quarto. Socorro parou de falar e deixou Tininha ir embora.

Chegando em casa, a moça continuou sua rotina . Quando se deu conta, já passara das 22h. Subiu para a laje do prédio antigo de quatro andares e fumou dois cigarros observando a vizinhança. Nada novo. Até o pássaro sobrevoando os arredores era o mesmo.

O céu continuava num breu medonho, sem lua nem estrelas, fazendo todos os moradores se trancarem mais cedo nas casas. Tininha não ligava. Gostava da solidão da noite, da quietude das ruas vazias. Porém, algo a incomodava. Não sabia dar nome ao incômodo nem de onde vinha, só sabia estar ali com ela. Como alguém lhe observando por trás de uma janela embaçada.

Sua nuca arrepiou. Tininha virou-se pra entrada da laje e confirmou estar sozinha. Suspirou. Jogou o cigarro no chão, apagando-o. Depois de duas doses de cachaça, dormiu rapidamente.

O dia seguinte se iniciou com os burburinhos e o choro de Dona Socorro. De início, Tininha quis passar longe da casa e evitar as fofocas. Quanto maior a distância, menor o problema. Mas a notícia chegou mesmo sem ela querer. Ataque, Juliana, o Bicho. Não ouviu a frase inteira, só essas palavras foram o bastante para ela adentrar o casebre sem pedir licença nem dar bom dia. O pai da garota estava rodeado de homens, falando em caçar a besta. Já Dona Socorro era amparada por outras duas vizinhas. Tininha se esticou e avistou Juliana sentada na cozinha, sozinha. Com o ataque, a menina tímida e quieta, emudeceu-se. Recusou comida e água, se esquivava até quando a mãe tentava um afago.

No decorrer da tarde, pouco a pouco, boa parte dos vizinhos foram embora, ficando apenas os mais chegados. Cansada, Tininha sentou-se à mesa, ao lado de Juliana, ambas em silêncio. Ainda era possível ouvir Dona Socorro choramingando na sala, se culpando pelo ocorrido.

O sol esfriou, os homens saíram em direção à mata nos arredores, com facões, foices e espingardas em mãos. “Hoje eu só volto com aquele bicho morto!”, gritou o pai da menina. Dona Socorro apoiou. Já Juliana se curvava sobre a mesa, braços cruzados, cabeça baixa. No pescoço, as marcas já estavam mudando de vermelho para roxo. Um chumaço de cabelo tinha sido arrancado com tanta força que só restou sangue seco no lugar.

Lágrimas.

Pela primeira vez naquele dia, Juliana chorou. Tininha se aproximou e a abraçou. Ficaram assim até ela se acalmar. Passaram muito tempo abraçadas.

Depois de alguns pedidos e uma promessa de estadia, Juliana aceitou tentar dormir. Não conseguiu fechar os olhos nem por um minuto. Passado algum tempo, para acalmar a menina, Tininha começou, lentamente, a recitar os versos que sua mãe lhe ensinara há anos:

*“De mulher, à pássaro encantado
 Levanta voo, assobia alto
 Voa baixo, olhar manso
 Riso calmo, manto pardo
 Protege a mim, a ti e aquele ali
 mas esqueceu de se proteger
 Se perdeu em meio à mata
 E se encontrou em meio a mim.”*

Não teve tempo de reagir. Os homens tinham voltado e, pela comoção, algo aconteceu. Tininha levantou-se pronta para sair da casa, mas parou quando ouviu Juliana dizer:

— Se você ficar quieta, acaba mais rápido.

Silêncio. Nada mais cabia ali. Juliana deitou-se na cama e se virou. Tininha saiu do quarto e fechou a porta. Seguiu para a rua. Os caçadores trouxeram consigo a carcaça de algo parecido com um cavalo, porém, era difícil de afirmar. A criatura estava em pedaços. Sangue e vísceras por toda a rua.

— O Bicho não ataca mais ninguém daqui! — Disse o pai de Juliana, com sangue dos pés à cabeça.

Dona Socorro, enojada, afastou-se do grupo e entrou sem dizer nada. Um a um, todos voltaram às suas casas, apagando as luzes, trancando as portas, resguardando suas filhas. Acima de suas cabeças, a ave branca sobrevoava baixo, renunciando a desgraça.

Tininha pensou em fumar um cigarro, mas desistiu quando já estava para acendê-lo. A escuridão, naquele momento, parecia convidativa. Assim como o vento

frio lhe parecia acolhedor. Sem se demorar muito, Tininha voltou para dentro de casa, despiu-se e deitou-se para dormir. O sono logo chegou.

Acordou com a porta do seu quarto sendo aberta lentamente. Ela acendeu a luz do abajur, encarou-o. Chegou sua vez. O Bicho veio visitá-la. Porém, Tininha não esperava que ele fosse tão... humano. De monstruoso, só seus atos. O rapaz correu, subiu sobre ela, prendendo-a na cama. Tirou a camiseta que vestia e enfiou na boca da garota.

Tininha gritava.

Ninguém ouviria, ele sabia.

Ele agarrou seu pescoço.

Não quero morrer.

Despiu-se também.

Ela conseguia enxergar prazer nos olhos dele. No dela, medo e ódio.

Força. Sangue. Dor sem fim.

Vou morrer, não vou?

Tininha lembrou-se do conselho de Juliana: “Se você ficar quieta, acaba mais rápido”. Recusou-se.

Se debateu, chorou, gritou, amaldiçoou-o. Ele riu:

— No escuro, vocês são todas iguais.

Mordidas. Tapas. Palavras que Tininha foi ensinada a nunca repetir.

Só quero morrer.

Correr.

Matá-lo.

Sem esperança de sobreviver, mas na ânsia de se vingar, suplicou baixinho, pedindo a benção de sua mãe. Mal sabia ela já ter sido abençoada no momento em que colocou o pé fora de casa.

Foi num rompante de raiva, entre uma tapa e outra que Tininha conseguiu se soltar do Bicho. Cravou as unhas em seus braços. Ele arfou, soltando-a. Tininha se aproveitou e enfiou o dedo em um de seus olhos, enquanto se esticava para alcançar o abajur ao lado da cama.

Acertou-o em cheio na cabeça. E continuou batendo. Batendo. E batendo. E batendo. E batendo. Parou por não ter mais forças. Sangue lhe cobria. Seu e dele. Mas o infeliz ainda estava vivo.

Tininha lhe agarrou pelos cabelos e começou a puxá-lo para fora da casa. Lhe arrastou pelas escadas. Encontrou forças para lhe levar até onde estava o animal morto, fedido.

Quando o Bicho acordou, pôde encarar o rosto de todas elas. Deixando os maridos em suas camas dormindo, todas as mulheres, moças e meninas saíram para saudá-lo. Prosear. Fazer sala pro bicho que se fingia de homem. Pro homem que agia igual a bicho. Também não lhe deixaram gritar.

Mini biografia: Elissa R. Neves é psicóloga e escritora, se aventurando em contos de ficção especulativa e comédia, a depender do seu humor. Tem contos, prosas poéticas e poesias publicadas em livros, revistas, newsletters e jornais por todo o Brasil. É do interior de Pernambuco e costuma trazer um pouco das suas experiências em tudo o que escreve.